

AMABILIA BEATRIZ PORTELA ARENHART

**COLCHA DE RETALHOS – A COSTURA DE PROJETOS DE VIDA NO
COLETIVO DA ECOS DO VERDE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas.

Linha de Pesquisa: Identidades e Sociabilidades.

Orientador: Dr José Ivo Follmann

São Leopoldo

2006

AGRADECIMENTOS

Ao Livio, meu namorado e companheiro desde 22 de fevereiro de 1984. Amor, obrigada pelas prosas, pelas flores roubadas, pelo afago, pelo riso! Obrigada especialmente por ter caminhado lado a lado comigo na empreitada do mestrado.

À Taís e ao Júlio, filha e filho amados, por terem sabido esperar a minha volta, por terem compreendido as minhas ausências, por terem reivindicado a minha presença.

Ao professor José Ivo Follmann, pela atenção, compreensão e presença, mesmo na ausência. – Professor, quando pequena, ouvia meus pais dizerem que um “doutor” não precisa mostrar-se constantemente e dizer para todo mundo quais são os seus dotes. Ele sabe se aproximar às pessoas. Ao contrário daqueles que sabem pouco e alardeiam os seus “grandes conhecimentos”. Doutor José Ivo Follmann, você sempre me faz recordar esse aprendizado que meus pais me deixaram.

Aos colegas, companheiros de caminhada no mestrado: obrigada pela força e pela presença! Luciane Toss Weber, um beijo muito especial pela insistência. Valeu amiga!

Professora Sonia Mercedes Lenhard Bredemeier, uma Mestre é aquela que consegue ajudar a despertar no aprendente o desejo pelo saber. Você é uma Mestre sábia. Obrigada.

Aos catadores de materiais recicláveis da Associação Ecos do Verde, pela solidariedade para com esta pesquisadora, uma vez que, com muita solicitude,

atenderam ao convite e participaram desta pesquisa. Continuem catando esperança e construindo esse projeto de vocês! Muito obrigada!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A minha mãe Edith – a Tita –, mulher pobre e muito corajosa. Instalou em meu projeto de vida o desejo pelas letras, pela leitura, pela escrita. Dizia sempre que nada tinha para deixar aos filhos como herança senão os estudos. E completava: quando terminares o “ginásio”, vais trabalhar de dia e estudar de noite, para “ser alguém na vida“. Na sua simplicidade, não se dava conta de que nós já éramos “alguém na vida”; já tínhamos recebido nossos traços, nossas marcas; já éramos os “filhos da Tita”. Contadora de histórias, envolvia-nos com enredos sempre iguais e sempre diferentes. Para acalmar a fome e fazer o sono tomar conta de nossos corpos, às vezes enfraquecidos pela espera das “compras” que o pai iria trazer. Era difícil para um trabalhador assalariado sustentar seus seis filhos, pagar aluguel e outras despesas. O “fiado” era a chance que tínhamos, quando ele conseguia convencer o dono do armazém. Caso contrário, voltava muito, muito tarde, para driblar os olhares dos pequeninos...

Mas conseguimos aprender a caminhar... E você Tita, instalou em nós o desejo e nos fez acreditar na promessa de que um dia nós iríamos conseguir. Suas histórias serviram de alicerce, pois sempre apontavam para algum lugar lá adiante...

“Estou convencido de que o mundo contemporâneo necessita de uma sociologia da escuta. Não um conhecimento frio, que pára no nível das faculdades racionais, mas de um conhecimento que considera os outros como sujeitos. Não um conhecimento que cria distância, uma separação entre observador e observado, mas um conhecimento capaz de ouvir, isto é, um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa, mas também capaz de, ao mesmo tempo, colocar-se verdadeiramente em contato com os outros” (ALBERTO MELUCCI, em maio de 2000, em Yokohama, no Japão, in: IHU On-Line, São Leopoldo, 11 de agosto de 2003).

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o ser humano como ser de projeto que se estrutura, social e psiquicamente, também nas relações de trabalho. Os grupos de pertencimento, entre eles os de trabalho, constituem redes necessárias para que o sujeito possa, entrelaçado pelos seus vínculos familiares, comunitários e sociais, constituir seu projeto de vida e sua identidade. A técnica utilizada para a pesquisa foi Histórias de Vida Temáticas e os sujeitos pesquisados foram catadores de materiais recicláveis que, organizados em uma associação, construíram um projeto coletivo que possibilitou uma re-avaliação e o fortalecimento de seus projetos pessoais. Esse projeto coletivo, chamado “Ecos do Verde”, constituiu-se em uma identidade coletiva que tem valorizado o catador associado como um trabalhador importante na complexa teia do meio ambiente preservado, construindo-se como sujeito que trabalha e tem seu lugar na sociedade contemporânea, que tudo descarta.

Este estudo utilizou-se da metáfora da colcha de retalhos para pensar a constituição da identidade do sujeito catador. Cada retalho costurado à colcha representa os fragmentos vividos, nos diferentes grupos de pertencimento e nos diferentes momentos da vida do ser humano. Cada fragmento é insubstituível para compor a história e a identidade de um sujeito. E, somente quando os retalhos vão sendo costurados, é que o pano vai se constituindo enquanto colcha. Assim é o catador. Ele reforça as laçadas da linha, costura os retalhos da vida, enlaça os fragmentos de sua própria história, costurando sua história nas histórias de outros, e vai compondo sua colcha de retalhos. Esse sujeito, ao mesmo tempo que re-significa o lixo em objeto de valor, ressignifica o seu projeto de vida e se torna trabalhador. De tudo isso, está surgindo a identidade mediada pela Ecos do Verde: sujeito trabalhador, catador digno, reciclador da dor e da miséria. Missioneiro valente e corajoso, herdeiro das terras de Sepé!

Palavras chave: sujeito catador – projeto coletivo – grupo – vínculos – identidade

ABSTRACT

This research aims to reflect about the human being as a project being who is being structured, socially and psychically, also in the work relations. The groups to which a person belongs to, among them working groups, always intertwined with family, community and social ties, constitute the necessary links to constitute his life and identity project.. The technique used for this research was Stories of Thematic Lives and the people studied were recycling material collectors. They are organized in an association and founded a collective project which has enabled a re-evaluation and the strengthening of their personal projects. This collective project, called “ Echos of the Green”, constitutes a collective identity which has given value to the associated collector as an important worker in the complex web of the environmental preservation, considering him someone who works and has his place in the contemporary society which throws out almost everything.

This study used the patchwork metaphor to create the identity constitution of the garbage collector. Each patch sewed to the patchwork represents the fragments gone through by individuals in the different groups and in the different moments of life. Each fragment is irreplaceable in order to form the story and the identity of a subject.. And only when the patches are being sewed together the fabric becomes a bedspread. That's the way the garbage collector exists. He strengthens the threads, sews the patches of his life, entangles the fragments of his own life, sewing his into the life of others, thus making up his own patchwork. This worker, while turning garbage into an object of value, rethinks his project of life and becomes a worker. From all this surges the identity mediated by Echos of the Green :a hard worker, a worthy collector, a recycler of pain and misery. A courageous and brave missionary (missisoneiro), inheritor of the land of Sepé!

Key-words: garbage collector - collective project – group – links – identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 RAÍZES DA TERRA – PRIMEIRAS HISTÓRIAS.....	25
1.1 Santo Ângelo – Capital das Missões	31
1.2 Projeto Coletivo Ecos do Verde: Outras Histórias e Novas Costuras.....	34
1.3 Lixo Resignificado e Reciclado	41
1.4 Catadores de Materiais Recicláveis: Quem São Esses Sujeitos?	45
2 O TRABALHO NA ERA DA INDUSTRIALIZAÇÃO	52
2.1 Trabalho: O Pão Nosso de Cada Dia	56
2.2 O Trabalho e o Capital	59
2.3 O Trabalho na Era do Descartável: A Vida do Sujeito Contemporâneo	62
2.4 O Desemprego Como Mutilador de Relações	67
2.5 Precarização Vínculos: Os Laços se Desençam	71
3 SER HUMANO COMO SER DE PROJETO	75
3.1 Grupo como Acoradouro	84
3.3 Vínculos: as Costuras Necessárias	90
4 VIDAS E SIGNIFICADOS	96
4.1 O Descartável na Contemporaneidade	103
4.2 Criando Possibilidades	105
4.3 Resignificando Vidas	106

INTRODUÇÃO

O ser humano delinea sua vida a partir de projetos. Estes estão sempre em construção. Ao longo de seus dias, um ser humano poderá ter vários projetos que fazem parte de seu projeto maior de vida. Em alguns casos, esses projetos ocorrem antes da concepção, quando pessoas pensam, imaginam e fazem planos para ter um filho (biológico ou não) e, em outros, a partir da gestação. Assim, são outros seres humanos que vão construindo o projeto inicial de um sujeito. Sartre aponta que “o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro. [...] Nada existe antes desse projeto” (1984, p. 6).

Esses projetos possuem características pessoais de cada um dos sujeitos que o vivenciam, entrelaçados com projetos de outros seres humanos que fazem ou fizeram parte de seu grupo. A partir de diferentes influências, cada ser humano vai se construindo em sua singularidade. Dessa forma, a identidade de um ser humano está perpassada por seus projetos, por suas vivências, expectativa de caminho e acessórios, que irá levar consigo na caminhada para alcançar o objetivo almejado. Na área de Ciências Sociais, Follmann (2001, p. 53-59) é um dos pesquisadores que adotou essa forma de falar da identidade de um ser humano. Ele argumenta que a identidade é constituída de quatro

dimensões: a do projeto, a da motivação, a das práticas e a das trajetórias vividas.

Os projetos pessoais trazem em seu bojo marcas, influências de diferentes pessoas e de diferentes vivências entrelaçados pelo coletivo e vice-versa. Coletivo esse que incorpora as particularidades de cada um formando um conjunto. Assim, o coletivo tem traços que são de cada um e de todos e, ao mesmo tempo, se metamorfoseia com as mudanças e diferenças de cada um dos seus membros.

Para refletir essa temática e compreender de que forma os projetos – pessoais e coletivos – articulam-se mutuamente e servem de ancoragem para que um e outro possam ser construídos, foram escolhidos como o objeto de estudo, os catadores de materiais recicláveis que fazem parte de um projeto coletivo. Estes catadores são sócios da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Ecos do Verde. Tal associação situa-se no município de Santo Ângelo, no estado do Rio Grande do Sul.

Essa associação é fruto de um agrupamento de pessoas que decidiram trabalhar em conjunto para que, organizados em um objetivo comum, pudessem dar conta de suas necessidades e enfrentar de uma maneira mais fortificada e organizada as dificuldades oriundas do desemprego, Conforme enfatiza Sartre (2002, p. 452), um grupo se constitui a partir de “uma necessidade ou de um perigo comum e define-se pelo objetivo comum que determina sua práxis comum”.

O objetivo inicial da formação desse grupo foi de obter trabalho e renda, uma vez que eles estavam desempregados. A atividade remunerativa estava vinculada a pequenos biscates, como coleta esporádica de materiais recicláveis, jardinagem, serventia na construção civil, entre outros. Segundo Castel, essa é uma condição de “inúteis para o mundo, que nele estão sem verdadeiramente lhe pertencer. [...] Não estão ligados aos circuitos de trocas produtivas, perderam o trem da modernização e permanecem na plataforma com muito pouca bagagem” (1998, p. 530).

Assim, o trabalho coletivo, organizado em uma associação, legalmente estabelecida e socialmente reconhecida e valorizada, possibilitou aos trabalhadores em questão um resgate da sua humanidade. Castel considera que “a vida social não funciona só com trabalho [...], porém o que permite esticar o arco e fazer partirem as flechas em várias direções é uma força extraída do trabalho” (1998, p. 578). Insistente em sua afirmação, Dejours (2000) coloca que o trabalho faz parte da realização do ego e quem não pode acessá-lo estará excluído de um importante mediador social.

Tendo a compreensão de que o trabalho é uma forma de integração social e funciona como um importante organizador social e psíquico da vida do ser humano, realizar uma pesquisa com um grupo que encontrou, no coletivo, uma maneira de inclusão no mundo do trabalho formal e legalmente reconhecido, vem ao encontro do propósito da presente pesquisa: trabalho enquanto projeto de vida, enquanto integrador social e enquanto possibilitador e fortalecedor de vínculos.

A razoabilidade da escolha dessa temática é fortalecida justamente porque vivemos em uma sociedade que preza o trabalho como uma das mais importantes formas de inserção social. Contudo, contraditoriamente, essa mesma sociedade priva parcelas enormes da população do acesso a um posto de trabalho formal. Se o sujeito humano tem no trabalho um dos pontos de ancoragem de seu viver, privá-lo disso significa deixá-lo à deriva, levando-o muitas vezes à desumanização. Lucáks (apud ANTUNES, 1997, p. 123) sustenta que “o trabalho mostra-se como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem”.

Sendo o ser humano um ser de projeto (FOLLMANN, 2001), que necessita de terceiros para a constituição de sua humanidade e do seu ser social, um dos pontos principais de sua articulação no vivido é a sua relação com os outros. Logo, podemos dizer que o sujeito é prioritariamente alguém que se constitui em grupo. Para Sartre, os outros são a mediação do sujeito com o mundo, assim sendo, “o outro é indispensável à minha existência tanto quanto,

aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo” (1984, p. 16). Dessa forma, os vínculos familiares, comunitários e/ou sociais servem de ancoragem social e psíquica para um sujeito.

Ao escolher a temática e o objeto de pesquisa, o estudo do tipo de trabalho bem como dos produtos e materiais manuseados é parte indissociável do objetivo deste trabalho. Trabalhar com o lixo, com o que fora descartado pela sociedade, não é qualquer tipo de trabalho nem tem a mesma significação que, por exemplo, ser pedreiro, doméstico, jardineiro. Ao lixo está associada a idéia de impuro, contagioso, resto, coisas imprestáveis, enfim, lixo representa o imundo, o não mundo. Juncá não escamoteia essa questão; para ela, “o lixo simboliza o velho, o que já não serve, o ‘caos da mistura’, as imperfeições, e deve ser levado para longe” (1997, p. 35). Bottari (apud JUNCÁ, 1997, p. 116) coloca que, na visão da sociedade em que vivemos, “quem trabalha com o refugo urbano, com o resto, com ele se confunde, tornando-se também lixo”. Em Santo Ângelo, os catadores também sofrem com esse tipo de discriminação. Isso ocorre, principalmente com os catadores autônomos, enquanto os associados da Ecos do Verde são mais aceitos e valorizados. À medida que se organizaram e construíram um sujeito coletivo que lhes deu sustentação não só econômica, mas também social, readquiriram seu valor social. Tal qual os materiais que eles trabalham, que momentaneamente perderam seu valor de uso, e, recuperados, retornam à cadeia de produção como objetos de valor econômico. Esses sujeitos, oriundos de camadas muito pobres da população e excluídos do mercado de trabalho formal, conseguiram, através de um projeto coletivo, re-apropriar-se do estatuto de trabalhador e voltar ao mercado de trabalho.

A questão norteadora desta pesquisa interrogava se a necessidade de trabalho e manutenção da vida, a possibilidade de construir ou dar continuidade ao projeto de vida de cada um dos sujeitos associados, estaria sendo embalada por essa rede de relações, construções e interações coletivas que é a Ecos do Verde, possibilitando, a partir disso, que o dia-a-dia dos seus associados, seus projetos, suas vivências, sejam grávidos de sentido, de expectativas, de cidadania, de desejos, de presente e futuro. Enfim, que possam ser atores de sua própria história – individual e coletiva!

Assim, havia me proposto a investigar se o trabalho realizado na Ecos do Verde, de forma individual e coletivizada, possibilitava aos sujeitos que trabalham, resignificando o lixo, a construção ou a continuação do seu projeto de vida. Se o coletivo – Ecos do Verde – está dando sustentação ao projeto individual desses trabalhadores.

O objetivo geral da pesquisa pode ser reformulado nos termos que seguem: verificar em que sentido a Associação Ecos do Verde foi e é um espaço que possibilita a continuidade e/ou o fortalecimento dos projetos de vida dos sujeitos escutados.

Os objetivos específicos são:

a) Verificar em que sentido os projetos individuais foram responsáveis pela construção do projeto coletivo da Ecos do Verde;

b) Verificar se o projeto coletivo da Ecos do Verde tem contribuído para a sustentação das identidades pessoais, possibilitando a continuidade/retomada do projeto pessoal;

c) Verificar como os associados da Ecos do Verde percebem a identidade coletiva e como se relacionam com ela;

d) Procurar observar as relações e reações dos sujeitos pesquisados com as atividades que realizam e qual a importância social, política e econômica que eles conseguem perceber.

Pesquisar a inter-relação entre o projeto individual, perpassado e/ou sustentado pelo coletivo, justifica-se pelo fato de oportunizar a interface entre o teórico e o prático. O enlace teórico-prático possibilitará ao pesquisador delinear um conceito de identidade, a partir do projeto pessoal do sujeito, entrelaçado com o projeto coletivo. Esse entrelaçamento, permeado pelos vínculos que cada sujeito constrói com os outros, uma vez observado, pesquisado e discutido, possibilitará uma construção teórica que representa o vivido. Assim, o propósito da presente pesquisa é investigar se o trabalho coletivizado, materializado na Associação Ecos do Verde, contribui para a sustentação do projeto individual do sujeito pesquisado (entendendo que fazem parte do projeto individual o

pertencimento, os vínculos familiares-comunitários-sociais, a própria identidade¹). Para Melucci (2004, p.45), “a construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros”.

Estando ‘entre eles’, embora não seja uma deles, tive a possibilidade de acreditar e de me embriagar dessas utopias, para, só assim, poder dar às palavras o sentido mais aproximado do que eu ouvi, vi e, de certa forma, vivi! Trabalho este, que devo confessar me emociona. É como se eu pudesse também vivenciar a experiência de dar continuidade a um projeto que é o resgate de minha própria história. Freud argumenta que nossas opções estão perpassadas por desejos inconscientes. As escolhas não são apenas de interesse social. Elas estão perpassadas pelos afetos do pesquisador. Talvez esteja em algum cantinho latente de minha própria história o interesse que tenho em realizar minha pesquisa com este grupo especial, bem como a tentativa de resgatar a importância da coletividade na vida do sujeito. Melucci (2004, p. 16) ilustra bem esse meu enamoramento: “como observador, não estou fora do campo que descrevo e, por isso, não temo mostrar-me apaixonado”.

O presente estudo foi sendo construído pela escuta, pela escrita e pelos conceitos-ferramenta que auxiliaram no entrelaçar prático entre as questões levantadas (teóricas) e a pesquisa de campo (questões práticas), a partir de Histórias de Vidas Temáticas. Tal qual os separadores, eu também realizei um movimento de “procurar-achar” algo, alguma história de vida que pudesse trazer um significado importante para esta produção teórica e também para minha vida pessoal. O desejo do pesquisador não está ausente nessa relação. A ousadia está na proposta de não só carregar comigo a academia ao encontro desses trabalhadores, mas também de caminhar no mesmo chão, olhar a mesma estrada, cada um a partir do viés de seu próprio olhar e de sua história: os associados, resignificando e re-valorizando o que fora jogado fora pela sociedade, e a pesquisadora, procurando na história deles o enlace entre o coletivo e o individual que, cada um e todos, estão construindo. Ao fazer tal

¹Walton, apud Pourtois (1999, p.58) “é por meio das relações com o outro que a pessoa se constrói. [...] a identidade nunca é concluída definitivamente”.

articulação, é possível pensar em uma aproximação entre a academia e o barracão de reciclagem.

Pesquisar os sujeitos que trabalham com o que fora descartado, jogado fora pela sociedade, traz em seu bojo uma proposta grávida de ousadia. Audácia de trazer de volta para o convívio social, simbolicamente, aquilo que foi rejeitado pela sociedade. E, nesse sentido, falo não somente do lixo, mas também do sujeito que tem como a tarefa diária remexer o lixo da sociedade (o resto - o que não tem mais valor) e retirar o (ainda) aproveitável. Esta é a ênfase prioritária deste trabalho: o sujeito humano, na sua realidade 'nua e crua'. Esse resgate quer propor a interação do sujeito do lixo com o sujeito do 'saber'. Quer articular o 'saber-vivido' com o 'saber-ouvido'. Trazer o sujeito do lixo para a academia para que ele conte sua história e nós possamos articular, re-aprender e construir saberes. Esta é a ousadia.

Não é possível ignorar que a minha formação em Psicologia possibilita realizar uma escuta que valoriza os entremeios das falas, os lapsos, os esquecimentos. Segundo Mezzano, (1998, p. 47), "o olhar psicológico dá um tom especial ao método de história oral, relacionando-o com o método da associação livre, proveniente do campo psicanalítico, no qual se considera valiosa toda lembrança ainda que com distorções e lacunas".

Ademais, a academia possibilita que a proposta de re-organização das relações de trabalho e, conseqüentemente, dos projetos de vida do sujeito catador, saia do ventre da Ecos do Verde e ganhe o mundo. Seja projetada para além de suas entranhas e torne-se público seu papel de re-inserção desses sujeitos. Re-inserção esta que não acontece apenas nas relações de trabalho, mas também na plenitude da vida do catador e de seu grupo de vivência. Além disso, um trabalho científico poderá ajudar outras áreas do conhecimento a compreender o trabalho cooperativo, associativo, solidário, como foi o caso em que a própria Ecos do Verde se viu envolvida (litígios trabalhistas).

Aos sujeitos pesquisados, este trabalho poderá possibilitar um resgate de sua História, a partir de sua própria fala, de seu próprio relato. Ao fazer essa reconstituição, eles poderão re-elaborar desejos, expectativas e construir

projetos mais fortificados pela re-leitura e pela solidariedade do grupo. Poderá fortalecer e/ou resgatar sua identidade de sujeito individual e coletivo. Citando Follmann (2001, 51):

É na maneira com que um indivíduo ou um grupo (uma coletividade) estabelece a relação entre seu futuro e seu passado ou, ainda, entre seus projetos e sua trajetória, que temos, de forma particular, as manifestações principais para desvendar qual é sua identidade.

A sua história de vida, sendo levada para dentro do mundo do “saber”, como objeto de valor, poderá estimular, revigorar e fortalecer seu projeto de vida. De catador de objetos desprezados, descartados, de sobras, torna-se protagonista de pesquisa, de estudo, de um conjunto de elaborações escritas. Por inserir novamente no mundo o que fora jogado fora e dar a ele um novo significado, torna-se alvo de interesse acadêmico e passa a ser re-inserido no mundo das aprendizagens acadêmicas. E isto é um novo projeto de vida, tanto para o sujeito individual quanto para a coletividade da Ecos do Verde.

Para ilustrar a reflexão do projeto de vida como passado-presente-futuro, podemos utilizar a imagem da esteira por onde circulam os materiais que são re-adequáveis. A esteira está colocada em um determinado lugar que possibilita o acesso de todos os que nela trabalham e que têm como tarefa apreender o objeto que será re-significado. Cada objeto é sempre novo, é um ‘outro’ que é colocado no movimento circulante. Mas são também velhos conhecidos, porque trazem traços, constituições e semelhanças que se aproximam daqueles que já foram; ou apenas velhos, porque perderam sua capacidade “momentânea” de valor e, dessa forma, é preciso que sejam investidos de um novo valor. Algumas vezes, os objetos passam e não são notados nem apreendidos. São olhados e não são vistos. Num momento seguinte, um objeto semelhante é resgatado. É um movimento de vai-e-vem contínuo. Vai-e-vem não da esteira, mas do olhar e da significação que cada um dá ao objeto que, passa e passa ou passa e é apreendido.

Assim como a esteira da Ecos do Verde, assim como a esteira da Vida, esta proposta quer fazer circular por entre o meio acadêmico as histórias de vida dos separadores de materiais recicláveis da Ecos do Verde e, num movimento de reciprocidade, interação, interlocução, levar os dizeres e saberes da

academia até esses sujeitos para que possam, usufruindo da presente pesquisa-estudo, sentirem-se mais fortificados na sua capacidade de compreensão e construção de seus próprios projetos: individuais e coletivos.

Sendo o homem/mulher, um ser que se estrutura nas relações sociais, os “outros” dessa/as relação/relações são imprescindíveis para que o sujeito possa dar continuidade aos seus projetos de vida. Projetos estes que interpendem das relações grupais.

A fim de introduzir o leitor ao marco teórico deste trabalho de investigação, valho-me de uma pérola da literatura brasileira. Monteiro Lobato em sua obra “Urupês”² tem um conto chamado ‘Colcha de Retalhos’, que traz a história de uma avó, chamada Joaquina, que costurava uma colcha de retalhos para sua neta, para quando a menina casasse. Cada retalho representava uma etapa da vida de sua neta e ela ia costurando esses retalhos para construir a colcha, ao mesmo tempo que reconstruía a história de sua neta amada:

Cada retalho tem uma história e me lembra um vestidinho de Pingo d'Água. Este foi a primeira camiseta que vestiu. [...] Este azul, de listras, lembra um vestido que a madrinha lhe deu aos três anos. [...] Este vermelho de rosinhas foi quando completou os cinco anos. [...] Este cá, de xadrezinho, foi pelos sete anos, e eu mesma o fiz. [...] Pingo d'Água já sabia temperar um virado, quando usou este aqui de argolinhas roxas em fundo branco. [...] Este, cor de batata, foi quando tinha dez anos e caiu de sarampo (1966, ps. 131-132).

Os retalhos de tecidos, somando-se uns aos outros pelos pontos de costura, constituíram uma colcha. E é no cotidiano da vida que a colcha de retalhos vai sendo costurada.

Analogamente, no cotidiano de meus estudos, ao pensar na constituição de um referencial teórico para este trabalho, fui selecionando alguns autores que pudessem contribuir para minha pesquisa. Procurei construir um corpo teórico que fosse capaz de dar sustentação ao meu projeto, que contribuísse para o avanço da discussão, no que se refere ao sujeito humano como um ser de projetos, pessoais e coletivos; também no que se refere ao trabalho como estruturante do sujeito, bem como à questão da fragilidade dos vínculos na sociedade em que estamos vivendo.

² Lobato, Monteiro. ‘Urupês’, Obras Completas. Vol. 1, 1966, Editora Brasiliense.

Procurei fazer com que os autores me ajudassem a costurar os objetivos do trabalho aos objetivos da academia e dos sujeitos pesquisados. Tarefa árdua e cheia de apreensões. Contudo, começo a costurar alguns conceitos-ferramenta, como a avó de Pingo d'Água utilizava tesoura, agulha, linhas e retalhos para fazer uma colcha – pano que serve para cobrir o lado 'nu' da cama, que é utilizado por cima dos lençóis deixando-a 'arrumada', 'organizada'. Assim, espero que os referenciais que uso sirvam para arrumar e organizar meu estudo, sem transformar-se em mero amontoado de retalhos sem consistência.

Os autores que dão sustentação a esta pesquisa estão agrupados segundo os temas principais de estudo. Embora no decorrer da Introdução já esteja sendo anunciado quem são os meus companheiros nesta tarefa de costurar retalhos de letras, idéias e histórias – vividas e sonhadas, apresento-os, segundo os temas estudados:

- para trabalhar o ser humano como ser de projeto, busco interpretar a história dos associados da Ecos do Verde com Sartre, Follmann, Melucci;
- em relação à questão do grupo como ancoradouro do sujeito, sigo tecendo meu escrito juntamente com Melucci, Rivière, Fernandez, Sartre;
- quanto aos vínculos, costuras necessárias no cotidiano da vida, o pensamento de Paugam, Castel, Sartre, foram imprescindíveis;
- para tratar do trabalho, como ponto de amarração e estruturação de um sujeito, tenho a companhia de Dejours, Ricardo Antunes, Castel, Juncá, Hannah Arendt.

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, além desses autores mencionados, outros são de inestimável contribuição: Bosi, Carreiro, Castells, Freud, Gaiger, Guareschi, Guatari, Touraine. Dessa forma, retomo a sabedoria da avó de Pingo D'água: a existência se concretiza no conjunto, costurado juntamente com a história de cada fração. Cada fibra que teceu o pano, cada linha que emendou os retalhos, cada um dos retalhos da colcha são imprescindíveis para sua confecção.

A colcha de retalhos da avó Joaquina, do conto *Urupês*, de Monteiro Lobato, foi utilizada por ela para contar a história da neta. Cada retalho era como um ícone da lembrança de cada fase. E dessa forma, através de cada retalho e sua história, a avó reconstruía a história de vida de sua neta e a sua própria história. Carreteiro (2003, p. 284) destaca que a “história de vida, ao mesmo tempo que, contempla a história de um grupo social, faz também um apelo à história de um indivíduo ou de indivíduos em suas singularidades”.

Em uma pesquisa de campo com seres humanos, é preciso olhar para além da colcha de retalhos como algo decorativo ou de utilidade prática. É preciso perceber as histórias que estão por detrás dos retalhos. É preciso que o pesquisador se disponha a colocar o ouvido a serviço da sua proposta de trabalho e olhar para além das aparências. Com esse ‘escutar’, está entrelaçado o olhar, o ouvir, o pensar, o caminhar, o sorrir³.

A História de Vida se apresenta como uma técnica metodológica que possibilita ao pesquisador inteirar-se do tema de seu interesse e, ao mesmo tempo, perceber como o entrevistado se coloca dentro do tema. Para um bom desenvolvimento da pesquisa, a metodologia deve poder contemplar os objetivos do projeto, mas, acima de tudo, deve servir de ferramenta para a interação entre pesquisado e pesquisador. O relato oral, hoje denominado ‘história oral’, é uma fonte de conservação e de difusão do conhecimento e do saber. Para Querioz (1987, p. 274-275), a

história oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num dado momento. Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja história de alguém, seja história de um grupo, seja história real, seja ela mítica.

³ Becker (1977, p. 132) assinala que o cientista deve “entrar suficientemente na situação para ter dela uma visão global”.

A partir da década de 50, a história oral reaparece como técnica científica de pesquisa. Durante muito tempo foi questionada a objetividade bem como, as implicações psicológicas que a técnica suscitava. Diziam alguns autores que essa forma de pesquisa estava impregnada de subjetividade, que poderia maquilar os dados obtidos, levando a uma interpretação não objetiva dos dados colhidos e da proposta pesquisada. Seu reaparecimento acontece na Psicologia Social e tem como finalidade o esclarecimento de problemas de memória enquanto ação humana estruturante (QUEIROZ, 1987).

Neste trabalho, a principal técnica utilizada foi Histórias de Vida Temática, que consistiu em realizar entrevistas anotadas com alguns associados, com temas previamente escolhidos, segundo os objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que esta técnica trabalha com a memória, recordações, anseios e desejos do entrevistado bem como com os recortes que o próprio entrevistado faz, a partir de sua subjetividade. Pode-se dizer que isto é o que se busca em histórias de vida e, como nos diz BOSI (1995), o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a re-constroi e do modo como ele pretende que seja sua a vida assim narrada ⁴. A história de vida pode ser considerada um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Queiroz enfatiza que a história de vida se define como o “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou [...] e que foram significativos” (1987, p. 275).

Trabalhar com Histórias de Vidas é como se a própria história do pesquisador também perpassasse a história dos pesquisados. O risco que corremos é exatamente esse: não nos distanciarmos o suficiente para mantermos a autonomia da escrita. De outro lado, a escrita é sempre feita a partir do olhar que olha. E quem olha algo, olha aquilo que lhe fala. Assim, o pesquisador irá escrever o que ouviu. Nem sempre o que se ouve é o que se

⁴ Confira Guita G. Debert (1986, p. 141-156).

fala, é o que o sujeito está a dizer. Esta é uma das limitações da técnica ⁵. Contudo, o pesquisador obtém os ganhos da relação aproximada e é isso que dá legitimidade ao trabalho e cria a aceitabilidade por parte do pesquisado.

Para a pesquisa aqui relatada, acompanhei alguns momentos do cotidiano da Ecos do Verde há um ano e meio. Minha participação tem sido de escuta e presença solidária ⁶.

Foram realizadas entrevistas individuais, orientadas pelas temáticas enfatizadas, ficando sempre em aberto a possibilidade de utilizar a própria fala do entrevistado para ser re-utilizada como pergunta, indagação ou problematização.. Os registros dos dados foram realizados em gravações de fita K7 e no diário de campo. No diário de campo foram anotadas as falas não gravadas, bem como as impressões e observações do próprio pesquisador, acerca do contexto no qual foi realizada a entrevista ⁷.

O número total de associados da Ecos do Verde é 38 trabalhadores, sendo 31 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Na usina de reciclagem trabalham 30 catadores. Destes, 4 são do sexo feminino e 26, do sexo masculino. No ponto de compra, situado na cidade, trabalham 8 catadores, sendo 3 do sexo feminino e 5 do sexo masculino.

A presente pesquisa foi realizada com os 30 catadores que trabalham na usina. Destes, foram entrevistados nove associados – 30% -, dois do sexo feminino e sete do sexo masculino.

A História de Vida Temática é a história de vida ou história oral, orientada a partir de temas que tenham mais interesse para o enfoque da pesquisa e/ou para o problema a ser pesquisado. Assim, no estudo em questão, os temas escolhidos como prioridades são:

⁵ Novo (1998, 101 diz que o “ser humano implica-se com outros seres humanos. (...) Entendemos que os processos afetivo-emocionais estão na base das práticas e mediatizam a nossa relação com o mundo”.

⁶ Pereira apud Vasconcelos, (2004, p. 38) “o pesquisador deverá estar familiarizado com o problema a ser estudado”.

⁷ Ver, Yves Winkin, (1999, 129-145).

Filiação/origem: Neste enfoque, a prioridade foi a família de origem, seus pais e/ou cuidadores/acolhedores; quais as condições e as experiências com relação ao trabalho dos mesmos; qual a região de nascimento e crescimento do entrevistado.

Grupo de pertencimento atual: A entrevista foi dirigida para que o entrevistado falasse do seu respectivo grupo de pertencimento na atualidade; quem e quantos são os membros que compõem o grupo; quem é seu companheiro/a; tem filhos e quantos são; os filhos pertencem a este relacionamento ou são de relacionamentos anteriores, seu/sua ou de seu companheiro/a; como é a relação entre filhos, enteados e outros que fazem parte do grupo familiar; qual a idade dos integrantes do grupo; qual a situação financeira e de trabalho do grupo familiar: trabalham em quê e onde; qual é o bairro em que residem; possuem casa própria; pagam aluguel ou habitam em casa cedida; qual a infra-estrutura da moradia: peças, banheiro, pátio; móveis e utensílios.

História de vida profissional do entrevistado: Nesta temática, o interesse consistiu em fazer com que o entrevistado pudesse re-construir sua trajetória e suas relações de trabalho. Interessava também que fosse observado se as relações de trabalho tiveram vínculo empregatício ou não. Importava também ter presente a escolaridade do entrevistado e se havia realizado algum curso de formação profissional.

Relação com a Ecos do Verde: Neste enfoque, a prioridade principal foi a participação na Ecos do Verde: o entrevistado é sócio fundador ou de que forma começou a participar (Já conhecia a associação? Como soube do trabalho? Quem o apresentou?); como foram as relações iniciais (acolhimento, aprendizado, relacionamento); como vê e/ou sente o trabalho em grupo; o que esse trabalho representa para ele, para seus colegas, para sua família, para a sociedade.

A organização da atividade de pesquisa de campo foi planejada da seguinte forma: a pesquisadora reservou de um a três turnos semanais para a pesquisa de campo na Usina, alternando manhã e tarde.

Havia sido combinado também a participação da pesquisadora (como ouvinte) em assembléias, reuniões, encontros. Essas atividades foram realizadas, mas é de salientar que esses momentos já faziam parte do meu diário, uma vez que já vinha tendo oportunidades de participação.

Para apresentar o relatório da pesquisa, a Introdução destaca a temática pesquisada, o problema formulado, os objetivos e hipóteses levantadas, bem como a metodologia utilizada. Aponta também os referenciais teóricos que serviram de costura na colcha de retalhos da História de Vida dos sujeitos pesquisados.

No capítulo I, visando a contextualização sócio-cultural do objeto de pesquisa, é apresentada a história do município e da Associação Ecos do Verde. Julgando-se conveniente faz-se referência à História dos antepassados; os Sete Povoados Jesuítico-Guaranis, que trazem em seu rastro a utopia de que um mundo melhor é possível.

O capítulo II apresenta uma breve contextualização histórica do trabalho, discutindo a importância do trabalho como ponto de sustentação da vida cotidiana do sujeito. Traz presente também a importância dos vínculos e as dificuldades oriundas da falta de trabalho.

O capítulo III discute o ser humano como um ser de projeto desde o seu nascimento. Dessa forma, só é possível pensar o ser humano como um ser eminentemente grupal e que precisa do 'outro' para constituir-se enquanto sujeito.

O capítulo IV apresenta a articulação entre sociedade contemporânea e as relações de trabalho na era do descartável. Traz também um breve relato das entrevistas a partir das temáticas escolhidas.

Quanto às Histórias de Vidas que foram sendo 'contadas', estão presentes em diferentes momentos do conjunto da dissertação, sempre que o recorte foi importante e/ou necessário. Estas histórias são a seiva de que se alimenta este trabalho.

Enfim, este escrito tem por finalidade apresentar o que fora coletado nas entrevistas, colocando um ponto que é apenas momentaneamente final. Poderíamos dizer que são recortes do momento, com estrutura de durabilidade, contudo sempre à mercê de novas descobertas, novas escritas.

1 – RAÍZES DA TERRA – PRIMEIRAS HISTÓRIAS

“A vida não tem sentido a priori.
Antes de alguém viver, a vida,
em si mesma não é nada;
é quem a vive que deve dar-lhe um sentido;
e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido”
(SARTRE, 1984, p.21).

A história é o fio condutor da humanidade, que entrelaça o vivido com o advir, criando experiências/vivências do presente, de um determinado momento, que, ao ser pensado, já é história. Para Melucci (2004, p.13), “as experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida... Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante na vida social”.

Ao retomar a história do município de Santo Ângelo para poder falar da Associação Ecos do Verde, ressurgem na memória a História das Missões e a experiência das Comunidades Jesuítico-Guaranis. É muito comum nessa região, pessoas que ao se agruparem para lutar por um objetivo (especialmente, aquelas que são e/ou estão despojadas de boas condições econômicas e sociais), fazem referências a essa história. Dessa forma, uma pesquisa que tem como ponto de referência a questão da identidade pessoal e coletiva, parece vir ao encontro de fragmentos de nossa reminiscência. Começo, então, a delinear o meu propósito: construir um corpo, dar forma a ele e inseri-lo na linguagem. Linguagem sempre simbólica, neste caso, discurso escrito. Antes imaginado, vivido, rabiscado.

Na linha do tempo, a história da Região das Missões, terra onde está localizada a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Ecos do Verde, remonta aos idos de 1626, quando chegaram a estes pagos os padres jesuítas espanhóis. Foram eles que começaram a fundar reduções onde os índios guaranis viviam em comunidades organizadas. Na segunda fase desse trabalho dos jesuítas, foram construídos sete povoados missioneiros, com suas igrejas, estâncias e ervais. O povoado de Santo Ângelo Custódio foi fundado no ano 1707.

Em 1750, o Tratado de Madrid estabeleceu novos limites entre as terras de Portugal e Espanha. Tal tratado estabelecia que a Colônia do Sacramento, povoação portuguesa no rio da Prata, seria entregue à Espanha. Em troca, passariam para Portugal os Sete Povoados Missioneiros. Os índios não aceitaram deixar suas terras, casas e gado, para fixar-se do outro lado do rio Uruguai. A reação dos missioneiros provocou a Guerra Guaranítica (1754-1756)⁸, já que eles decidiram enfrentar os exércitos de Portugal e Espanha. Pouco adiantou a luta dos bravos guerreiros guaranis. Em 1756, a Guerra

⁸ Porto (1943, p.429) “A Guerra das Missões se assim pode ser classificada essa seqüência de chacinas, em que dois exércitos disciplinados e aparelhados com as melhores armas do tempo se atiraram contra chusmas de índios quase indefesos, é uma das páginas mais dolorosas da história das Missões”.

acabou com o povo desta terra (os índios guaranis) e, em 1767, os jesuítas foram expulsos⁹.

A vida cotidiana nas Comunidades Jesuítico-Guaranis era diferente de nossa realidade. Porém, como essas comunidades são lembradas e citadas inúmeras vezes para encorajar grupos, associações e movimentos de pobres e desamparados de nossa região, é salutar buscar o que poderia aproximar vivências tão distintas.

Um ponto de destaque, que interessa à Associação Ecos do Verde e à sociedade como um todo, é que nas aldeias jesuítico-guaranis não havia pobreza, miséria ou fome¹⁰. Para suprir as necessidades da população, havia duas formas de propriedade: Tupanbaé e Abambaé. A primeira consistia na propriedade comunal, para cujo cultivo todos dedicavam parte de seu tempo. O objetivo dessa propriedade era atender o exército, as viúvas, os órfãos e outros que não podiam cultivar uma roça privada. Também poderia valer-se da colheita comum o grupo familiar que não retirava alimentação suficiente da propriedade privada. A segunda forma era caracterizada pela roça particular, onde cada família trabalhava para obter seu sustento. Algumas famílias trabalham em comum com outras, também a roça particular (sistema de muxirão/mutirão)¹¹. A propósito, Furlong (1962, p. 398) afirma que:

Por lo que respecta a la agricultura no hay que olvidar que em cada reducción hubo el Abambaé y el Tupambaé, esto es, el campo que era propiedad de cada índio, y que cultivaba para si y para los suyos, y el campo cultivado, por turnos, por todos los índios, y cuyos productos eram para la comunidad.

Um outro ponto interessante é o fato de os índios guaranis terem trabalhado melhor, mais organizados e animados, quando trabalhavam em grupos. Como eram de uma cultura extrativista, precisavam de motivação e incentivo para trabalhar de forma mais sistemática. Isto era necessário pelo fato

⁹Dos Sete Povos que existiam no Rio Grande do Sul restam hoje os vestígios de quatro deles e que foram tombados como Patrimônio Histórico Nacional: São Nicolau, São Lourenço Mártir, São João Batista e São Miguel. Também há vestígios escondidos sob as ruas, terrenos e prédios das cidades de São Borja, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo. Em dezembro de 1983, a UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - reconheceu como Patrimônio da Humanidade os remanescentes da redução de São Miguel.

¹⁰ Segundo NEUMANN, 1986, p. 60, "toda a população missioneira trabalhava para o bem comum da redução".

¹¹ Conferir em ARNALDO BRUXEL, 1987, p.61-62.

de as reduções terem um grande contingente de pessoas. Ademais, os guaranis gostavam de conversar enquanto faziam suas atividades. Segundo Bruxel (1987, p. 62):

As reduções não podiam sustentar-se apenas com caça e pesca, mel e frutas silvestres. Para alimentar tanta gente em área tão limitada, era necessário empenhar todas as energias no trabalho agrícola, bem organizado. [...] Não era fácil habituá-los ao trabalho e mantê-los ocupados. [...] Daí a necessidade de muita organização. [...] Muito contribuiu para o bom êxito a modalidade do trabalho em grupo, pois os índios eram extremamente gregários e muito tagarelas.

Outra questão que merece a re-leitura para os dias de hoje, era a preocupação com a natureza, responsável por parte de sua alimentação e sobrevivência. Evidentemente, na época, não se tinha a industrialização dos dias atuais, mas era constante o cuidado e a preocupação que esse povo tinha com o ambiente em que vivia.

Com relação ao trabalho, é possível dizer também que o mesmo não servia aos interesses privados e nem tinha como fim a exclusão dos membros da comunidade. O trabalho servia para construir laços e prover as necessidades do grupo familiar e do grupo comunitário.

Atualmente existem muitos grupos de pesquisa que têm como objetivo resgatar a história desse povo. Alguns estão preocupados com o resgate verídico dos fatos e outros, com a questão da herança mitológica, religiosa e utópica dos guaranis das missões jesuíticas, através de re-leituras feitas no presente. Os preparativos para a celebração dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju (07 de fevereiro de 2006), em São Gabriel-RS, têm contribuído para contextualizar, refletir e discutir a história dos guaranis dos Sete Povoados Missioneiros ¹². Nessa história, destaca-se a figura do índio Sepé Tiaraju, sendo um referencial simbólico muito forte na região. Embora as pessoas e organizações da região trabalhem no nível simbólico que somos herdeiros dessa terra, que “foram doadas por Deus e São Miguel”, a figura que se sobressai nestas Histórias/Estórias é a de Sepé Tiaraju.

¹² No momento em que a escrita desse trabalho está sendo realizada, os preparativos para a celebração dos 250 anos da morte de Sepé, está sendo realizado através de comitês, em várias cidades do estado. Quando o presente trabalho estiver sendo apresentado para a banca examinadora, esta celebração já terá acontecido.

Sepé Tiaraju foi Corregedor indígena nas Missões. Era um índio já evangelizado. Por ser um índio cristão, reunia em sua pessoa a tradição tribal herdada de seu povo e também, a mística e a doutrinação dos jesuítas. Como líder político, destacou-se pela sua coragem e pela decisão de enfrentar o exército inimigo. Após sua morte, foram atribuídos a ele inúmeros atos de valentia na luta e na defesa de seu povo. Para compreender a história de Sepé e a simbologia acerca do mito, destaco alguns autores que poderão conduzir o leitor pelo fantástico caminho da leitura literária: O poema Lunar de Sepé, de Simões Lopes Neto, em seu livro “Lendas do Sul”; Manoelito Ornellas, em sua obra “O Santo Herói das Tabas”; Alcy Cheuiche em seu livro Sepé Tiaraju.

Para Regina Zilberman (1994, p. 117),

o mito não é, pois, apenas um tipo de relato, mas se compõe de uma rede peculiar de temas – que dizem respeito ao aparecimento de uma instituição ou hábito – e de motivos – no interior dos quais se verificam a magia e o predomínio do mundo natural – que são recorrentes na cultura humana e afiançam a permanência desta modalidade de expressão.

Mito, lenda ou personagem vivo, há quem diga que Sepé Tiaraju ainda está presente nestas plagas. Não só em pinturas, gravuras, estátuas, lendas. Está presente como o Sopro do Minuano que faz eco por entre os povoados, pois contam os “antigos” desta terra ¹³ que, quando a noite silencia e nem a coruja tem coragem de sair da toca, ouve-se apenas o alarido dos quero-queros anunciando que no alto da coxilha, o bravo guerreiro São Sepé volta para rever a Terra que um dia foi de seu povo. Terra que se encharcou do sangue Guarani e que ainda geme a morte de seus filhos ¹⁴. Ornellas (1966, p. 50), eleva Sepé ao posto de “primeiro caudilho riograndense”. Ele defende que “a imaginação popular canonizou o índio” e deu-lhe um “fulgor de santidade”. Para esse autor, Sepé não é uma criação da fantasia. É um herói de carne e osso”.

¹³ Referência aos moradores das beiras das estradas, sem terra desde há muito tempo, que sobreviviam de pequenos servicinhos nas fazendas das redondezas. Povo que conheci muito bem pois fazem parte de minha memória e de minha história. (São Miguel, São Lourenço, São João Batista).

¹⁴ No dia 07/02/2006 será celebrado 250 anos da morte de Sepé Tiaraju. A Celebração será através da Romaria da Terra, em São Gabriel-RS. Na região das Missões estão previstos para acontecer vários eventos para refletir a questão da terra, a questão indígena, a questão ecológica, a questão da pobreza. Tais eventos procuram recuperar a história e propor políticas públicas para tais temas. Estão sendo criados comitês, composto por entidades, para organizar as discussões e organizar as celebrações.

Para Abbagnano (1998p. 674),

o mito é a justificação retrospectiva dos elementos fundamentais que constituem a cultura de um povo. O mito não é uma simples narrativa, nem uma forma de ciência, nem ramo de arte ou história, nem uma narrativa explicativa. Cumpre uma função *sui generis*, intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura, à relação entre maturidade e à atitude humana em relação ao passado. A função do mito é, em resumo, reforçar a tradição e dar-lhe maior valor e prestígio, vinculando-a à mais elevada, melhor e mais sobrenatural realidade.

Assim, sob o ideário guaraníco repleto de simbolizações religiosas, mitos e lendas, muitos grupos, associações, organizações, como a Ecos do Verde, se animam e se fortalecem. Acreditando serem herdeiros desse povo, sentem-se encorajados a buscar o que é seu por herança. É uma forma de manter a esperança e de continuar a luta. No sistema simbólico missionário, “Sepé Tiaraju” pertence ao grupo das categorias culturais relevantes, cujo status epistemológico não depende de sua observabilidade (LARAIA, 2004, p.63).

O Frei Sérgio Görgen propôs uma lei em que declara Sepé “herói missionário rio-grandense”, instituindo o dia de sua morte (07 de fevereiro), como data oficial. Na presença de líderes indígenas, no dia 30 de novembro de 2005, o governador Rigotto assinou a lei que torna Sepé Tiaraju herói oficial do estado ¹⁵.

Não será possível deixar de falar de Sepé neste escrito, sem convidar o leitor a se envolver nos encantos desse trecho literário de Ornellas (1966, p. 105), que conta um suposto diálogo sobre a morte do bravo missionário, entre a índia Jussara, sua amada, e um índio que tinha acompanhado Sepé, na trágica batalha:

- E Sepé, o chefe dos guaranis? Os índios se entreolharam, pávidos, sem voz. - Sepé - disse por fim um guerreiro - foi o deus da batalha. Muito antes do grande combate, três dias apenas, ele enfrentou com poucos homens, quase mil inimigos. Lutou como ninguém até hoje lutou em terras das Missões. Sua cabeça destacava-se entre os corpos que se chocavam. Não era um homem que lutava, era uma força que os homens desconhecem. - Sepé, ó filha de Tuja, subiu aos céus num cavalo de fogo, e, ele mesmo, voltou ao combate de Caiboaté, coroando a sua cabeça por um arco de luz lutando de novo e certamente para de novo morrer com seus irmãos. - Sepé - concluiu o índio que narra o fim trágico de sua tribo - morreu como um herói e

¹⁵ Conferir Jornal Zero Hora (RS), quinta-feira, 1º de dezembro de 2005, p. 35 (geral).

como um santo. Ele passa, de noite, entre as nuvens com um resplendor a luzir no fundo do céu, montado num cavalo de fogo.

1.1 SANTO ÂNGELO – CAPITAL DAS MISSÕES

O município de Santo Ângelo está localizado na região noroeste do Rio Grande do Sul, distante 442 km da capital do Estado. Foi um dos Sete Povoados Jesuítico-Guaranis¹⁶. Possui atualmente uma população estimada em 76.973 habitantes, sendo que 11.206 pessoas habitam a zona rural e 65.967 residem na zona urbana¹⁷. A área total do município é de 676,60 Km².

Dentre as atividades econômicas desenvolvidas no município, correspondem ao setor primário aquelas atividades ligadas diretamente à terra (agricultura, pecuária, extrativismo). Atualmente, no município, planta-se principalmente milho, soja e trigo. Para a subsistência, cultiva-se feijão, mandioca, batata, arroz, legumes, verduras, etc.

O setor secundário diz respeito à transformação da matéria-prima em bens de consumo (atividade industrial, construção civil e mineração). A economia do município tinha como referência as safras de soja e milho. Como, nos últimos anos, a extensão territorial diminuiu acentuadamente devido às emancipações, atualmente as atividades básicas da economia do município são as pequenas indústrias e a prestação de serviços. Existem atualmente cerca de 200 indústrias, em especial, de pequeno porte, em diferentes setores: derivados

¹⁶Os sete Povoados em ordem de Fundação: São Francisco de Borja; São Nicolau; São Luiz Gonzaga; São Miguel Arcanjo; São Lourenço Mártir; São João Batista; Santo Ângelo Custódio.

¹⁷ Dados fornecidos pela Secretaria do Planejamento do Município de Santo Ângelo-RS, datado de 2002.

do leite, confeitarias e padarias, vestuário, frigoríficos (porcos e aves), curtume, fundição de ferro, metalúrgicas, artefatos de cimento, esquadrias de madeira, serralherias, estruturas metálicas, calçados, reciclagem de papel, baterias, artefatos de couro, bebidas, sabão, produtos químicos, artefatos de plástico, funilarias, velas, bombas de chimarrão, óleo, ração, entre outras (FREITAS, 2005).

E o setor terciário refere-se a atividades variadas, como comércio, profissões liberais, prestação de serviços (trabalho na área financeira, educação, saúde, informática), meio ambiente e ecologia. Associada a estes dois últimos, e mantendo-se de forma autônoma, está incluída no setor terciário a atividade que este projeto toma como objeto de estudo, que é a destinação do lixo produzido pela cidade (doméstico, comercial e industrial). Saliento que, para a presente pesquisa, o que interessou mais enfaticamente é a questão dos sujeitos que trabalham com o lixo produzido na cidade.

O município também dispõe de inúmeros serviços públicos de competência do Estado e da Federação (educação, saúde, segurança, judiciário, etc.). Quanto a esses serviços, pela sua localização, o município de Santo Ângelo é um pólo regional. Tem ainda inúmeras lojas, instituições bancárias e/ou financeiras, farmácias, supermercados. Conta também com bons serviços de transporte: rodoviários, com várias possibilidades de locomoção para cidades da região e capital, bem como outros Estados; Rede Ferroviária para a escoação dos produtos; aeroporto regional. Inúmeras atividades na área turística movimentam a região, devido aos remanescentes arquitetônicos, esculturais e outros, ligados aos Povoados Guaraníticos. Na área de Educação possui uma bem organizada rede de ensino municipal e estadual, além de duas Instituições de Ensino Superior: Instituto de Ensino Superior de Santo Ângelo – IESA e a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.

Nos últimos anos, o município de Santo Ângelo sofreu inúmeras alterações quanto ao seu meio ambiente. Um dos fatores que contribuíram para isso foi o aumento da população em sua zona urbana, ocorrido de forma não planejada, com infra-estrutura precária e sem serviços básicos, como: saúde;

saneamento; serviços coletivos de atendimento às crianças (creches, casas de acolhimento); serviços de atenção ao meio ambiente para evitar a devastação das matas nativas, fauna e flora; recolhimento e destino para o lixo que é produzido, etc.

No caso específico do lixo, até o final dos anos 90, seu destino era os depósitos (lixões) a céu aberto, mantidos pelo poder público, e os depósitos clandestinos. Atualmente, existe uma área oficial (municipal) para onde são levados os resíduos sólidos, localizada a uma distância aproximada de 10 Km da cidade, junto à Usina de Asfalto da Prefeitura Municipal. Nesse lugar, encontra-se também o Aterro Sanitário, para onde é levado o lixo úmido. Em março de 1997, foi instalada a Usina de Reciclagem de Resíduos Sólidos, que, atualmente, é operada pela Associação Ecos do Verde (FREITAS, 2005).

No dia 1º de setembro de 1998, o município iniciou a coleta seletiva (separar o lixo considerado “seco” do lixo que é considerado “úmido”) ¹⁸. Mas, somente em 2003, a implantação do sistema de coleta seletiva do lixo, que é realizada por uma empresa terceirizada, foi estendida para todos os bairros. O lixo úmido é colocado em aterro sanitário. Os materiais recicláveis são separados e acondicionados de acordo com sua constituição, para, posteriormente serem vendidos a indústrias de reciclagem.

Para que a coleta seletiva obtenha êxito em seus propósitos, é necessário que a população contribua efetivamente, separando de forma adequada o lixo que produz. Em cada bairro, o lixo seco e o lixo úmido são recolhidos em dias alternados. Contudo, muitas pessoas continuam tendo dificuldades de adaptar a separação do seu lixo em recipientes diferenciados (lixo úmido/seco) e observar o calendário de coleta.

Através de pesquisa (fev/2003 a mar/2004) realizada por aluna do curso de Geografia, Aline Hoffmann Marx, sob orientação da Profª e Ms. Carmem Regina Dorneles Nogueira, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – *campus* de Santo Ângelo, patrocinada pela FAPERGS, foi

¹⁸ Lixo seco: papel, papelão, plásticos, vidros, metais (latas, alumínio, ferro), isopor. Lixo úmido: restos de comida, cascas, restos de vegetais, erva mate, papel higiênico, fraldas descartáveis, absorventes, etc.

possível obter dados atualizados sobre a Coleta Seletiva do município, os quais poderão contribuir para uma melhor estruturação da mesma ¹⁹.

Segundo dados da pesquisa mencionada, a maioria da população (67,64%) possui o hábito de separar o lixo seco do úmido, sendo que 63,97% estão informados sobre o horário adequado para colocar nas lixeiras o material a ser coletado. Para 62,14% da população, a coleta seletiva é importante, e para 48,9% o lixo úmido deveria ser coletado diariamente. Esses dados não são coerentes com o que se observa na Ecos do Verde. Olhando o lixo que chega na Usina de Reciclagem da Ecos do Verde, percebe-se muito lixo misturado (úmido/seco).

Ao ser perguntada sobre o que mudou com a coleta seletiva do lixo, 75,73% da população disse que o volume de lixo espalhado pela cidade tem diminuído; 15,44% responderam que diminuiu o número de catadores nas lixeiras e 8,83% disseram que não houve mudança. Para melhorar a coleta seletiva, 89,33% da população sugeriu campanhas de conscientização acerca da importância de separar o lixo. Dessa forma estaria ajudando no combate à poluição, na melhoria da saúde pública e ajudaria as pessoas que trabalham com a reciclagem a obterem maior ganho. Segundo dados da pesquisa, a quantidade de lixo que o município recolhe por dia é de 35 a 40 toneladas.

1.2 PROJETO COLETIVO ECOS DO VERDE: OUTRAS HISTÓRIAS E NOVAS COSTURAS

¹⁹ Relatório de bolsa de iniciação científica: Impactos Sócio-ambientais da Implantação da Coleta Seletiva do Lixo no município de Santo Ângelo. Bolsista: Aline Hoffmann Marx. Orientador: Carmem Regina Dorneles Nogueira. Fevereiro de 2003 à março de 2004. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Bolsa da FAPERGS.

Embora tímidos e desorganizados, alguns trabalhadores começaram a catar materiais recicláveis de forma mais sistemática e diária. Havia uma certa disponibilidade de materiais, alguns compradores e poucos catadores. Embora a venda dos materiais fosse precária, o resultado compensava e era melhor que ficar desempregado. Contudo, era preciso articular-se para fortalecer e valorizar tanto o trabalho como o trabalhador. Então, começaram a organizar-se em uma associação na região sul da cidade. A relação mais aproximada dos catadores entre si possibilitou a delimitação de projetos para o grupo ou em grupo.

Dessa forma, entre aqueles que nada tinham a não ser as mãos para catar, um embrião coletivo começa a tomar forma. E, pensando em melhores condições de vida com trabalho e cidadania, foi gestado, em Santo Ângelo-RS, um projeto coletivo, o qual se chamou Cooperativa Ecos do Verde - Cooperativa de Coletores de Materiais Recicláveis de Santo Ângelo LTDA ²⁰. Surgiu nos anos de 1994 e 1995, a partir de um grupo de trabalhadores desempregados que viviam de biscates. A maioria era moradores do Bairro Harmonia (Santo Ângelo-RS). Começaram a conversar sobre uma forma de conseguir trabalho e renda. Reuniram-se com os vizinhos e começaram a discutir algumas possibilidades. Inicialmente, montaram uma associação de catadores de papel, à qual deram o nome de Associação dos Catadores de Lixo da Zona Sul de Santo Ângelo – ACLISA. A associação teve dificuldades na obtenção de um local para realizar o depósito dos materiais e fazer um ponto de venda. Após inúmeras negociações com o Poder Público Municipal, foi oferecido para a Associação uma Usina de Reciclagem, no interior do Município.

De posse dessa proposta, eles transformaram a associação em cooperativa, pois, na época, dessa forma, era mais fácil operacionalizar as documentações e exigências legais. No dia 08/06/1996 foi realizada a Assembléia de fundação da Ecos do Verde, com 14 sócios, tendo como objetivo separar e vender os materiais recicláveis (papel, plásticos, vidros, ferros, cobres, etc...). Segundo Tomazzi, (2003, p. 18), “uma das maiores dificuldades encontradas foi a falta de documentação dos interessados. Alguns não tinham Carteira de Identidade, outros não tinham CPF, outros, ainda, nenhum dos dois”.

²⁰ Recentemente, a cooperativa foi transformada em Associação, por facilitar algumas questões legais.

Os documentos legais para o efetivo funcionamento da cooperativa foram obtidos em março de 1997. Em julho do mesmo ano, iniciaram-se as atividades na Usina de Reciclagem e Compostagem de Lixo de Santo Ângelo. Inicialmente, não havia transporte coletivo e/ou público até a Usina, e a distância é de aproximadamente 10 Km da cidade. Muitos trabalhadores iam a pé ou de bicicleta. Atualmente, a Prefeitura disponibiliza um ônibus que leva os trabalhadores de manhã (8:00) e os busca no final da tarde (17:30). O almoço é realizado no local e cada um é responsável pela sua alimentação. Além da Usina de Reciclagem, a Ecos do Verde dispõe de um ponto de compra dentro do perímetro urbano, onde recebe doações e compra materiais dos catadores que circulam pela cidade. Esse ponto de compra é fundamental, uma vez que os catadores que circulam na cidade, retiram o lixo valorizado, antes que o caminhão o recolha ²¹.

A Ecos do Verde firmou parceria com a Prefeitura de Santo Ângelo, em julho de 1997, para realizar a reciclagem na Usina de Reciclagem, sendo que o local é do Poder Público e as máquinas são da Associação. Nesse local, os caminhões da empresa coletora descarregam todo o lixo que é recolhido como sendo 'seco', e é separado, acondicionado e/ou enfardado e fica esperando a comercialização.

Em janeiro de 2003, começou a funcionar um projeto chamado "Gente Cuidando de Gente", que tem por objetivo realizar um trabalho junto aos catadores individuais que circulam pela cidade. Segundo o cadastramento feito pela Prefeitura, através da Secretaria de Assistência Social, Trabalho e Cidadania, existem aproximadamente 100 catadores em Santo Ângelo, atuando nas ruas. Esse projeto é resultado do apoio e engajamento de várias pessoas e entidades do município, incluindo a Ecos do Verde e a Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Cidadania (TOMAZZI, 2003).

²¹ A Ecos do Verde prestou assessoria para um grupo de catadores da cidade de Santa Rosa, distante aproximadamente 55km de Santo Ângelo. Por um determinado período (de 2000 à 2002), o grupo da cidade vizinha fez parte da mesma cooperativa. Atualmente, o grupo de Santa Rosa tem associação própria. Outra experiência semelhante aconteceu com um grupo de catadores de Giruá, município localizado à 35km aproximadamente de Santo Ângelo. No momento, este grupo também tem sua própria associação.

O recolhimento seletivo do lixo – Coleta Seletiva – é um trabalho que necessita de conscientização constante. Há a necessidade de construir uma nova cultura a respeito das “sobras” que a sociedade gera: o que fazer com o resíduo do produto que se vai ou se pretende comprar? Como descartar, acondicionar, aproveitar e para onde direcionar tais resíduos? Nesse momento, as iniciativas a respeito dessas preocupações giram em torno da seleção e reciclagem.

A partir da organização da Ecos do Verde, Santo Ângelo teve um aumento elevado de pessoas que catam o lixo. Desde cedo, pessoas com carrocinhas, carrinhos, bicicletas, sacos, vão dando uma nova forma aos movimentos da cidade. Existem vários caminhos por onde circulam os catadores: alguns percorrem os bairros residenciais, antes que os caminhões coletores passem, retirando o que lhes interessa. Outros, catam no centro e recolhem preferencialmente mais papelão.

Atualmente, o material que chega até a usina de reciclagem é um lixo do qual, na maioria das vezes, já foi catado a parte rentável. Assim, o trabalho da Ecos do Verde precisa ser intensificado para que os seus associados tenham acesso ao material reciclável que a sociedade se desfaz e possam ter maior rendimento. A partir dessa realidade, surgiu a idéia da Associação também comprar material dos catadores que percorrem as ruas. Como o catador que anda de porta em porta (de lixeira em lixeira) tem a possibilidade de vender seu material para outros receptores, a Ecos do Verde precisa criar um diferencial que atraia os vendedores de materiais. Dessa forma, o que vai definir quem vende para quem, são questões pessoais, que vão desde o dinheiro que o comprador “empresta” para a compra do gás, de remédios, até a distância do ponto de entrega, a relação de amizade, o preço, etc.

A Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Ecos do Verde oferece dois estímulos básicos aos catadores individuais/autônomos: o empréstimo de um carrinho coletor (são ao todo 30 carrinhos) e um preço diferenciado para quem aceitar entrar nessa parceria. Além disso, recebem formação, informação e orientações para realizarem a tarefa de maneira mais adequada. Esses catadores fazem parte do Projeto Gente Cuidando de Gente

que tem como parceiro o Poder Público Municipal e entidades privadas. Para fazer parte desse grupo, ter acesso ao carrinho e o preço mais elevado, o catador deverá entregar o material coletado à Associação Ecos do Verde.

A Ecos do Verde, que até o ano de 2004 era uma cooperativa, transformou-se em uma Associação. Tal acontecimento deve-se ao fato de que a cooperativa vinha sofrendo processos trabalhistas, sob a alegação de que a mesma contratava trabalhadores e não os pagava devidamente. Interpelada em juízo, numa ação trabalhista já julgada, a Ecos do Verde foi condenada a pagar as indenizatórias trabalhistas, e espera o julgamento de outras quatro. Os julgadores não compreenderam a realidade da Cooperativa Ecos do Verde e não fizeram nenhum tipo de estudo de caso para averiguar sua forma de funcionamento. A Ecos do Verde foi tratada como se fosse uma cooperativa de fachada, conhecida como “cooperativa gato”²². Foram retirados, por ordem judicial, valores monetários da Ecos do Verde que se encontravam em bancos. Também foi penhorado um automóvel “Kombi”, usado para o transporte de materiais doados por empresas e instituições. O referido veículo é de fundamental importância para a Ecos do Verde, pois algumas instituições doam os materiais, especialmente papéis e documentos, sob a condição de que sejam picotados no local. Para esta tarefa, é necessário levar a “máquina picadeira”. Além do veículo, um computador, de uso da Ecos do Verde, também está penhorado. Sem ter muita saída e sem conseguir convencer as autoridades competentes de que funcionavam como uma cooperativa, o grupo de associados começou um estudo para a transformação da cooperativa em uma associação. Entenderam os associados que essa forma de constituição legal deixaria mais claro quais os vínculos entre os catadores e a associação.

Conflitos desse tipo, embora tragam desgastes emocionais e perdas financeiras, contribuem para a reflexão do grupo, bem como daqueles que estão dispostos a fazerem parte dele. Talvez seja interessante destacar que nem todos que participam ou pretendem participar de uma associação têm de fato a necessária compreensão desse tipo de empreendimento. Seria ideal que os

²² Cooperativa Gato é o nome popular de cooperativas de fachada, a que trabalhadores se associam, sem contudo participarem dos lucros. Tal procedimento, serve para driblar a legislação trabalhista, impostos e encargos sociais que uma empresa privada está obrigada.

integrantes de um projeto desse tipo tivessem oportunidades de reflexão e discussão acerca do que é um projeto coletivo. Contudo, no dia a dia, torna-se algo de difícil execução, pois, quando as pessoas aparecem para participar nesse tipo de empreendimento, fazem-no por necessidades econômicas imediatas; como diz o ditado popular, “minha precisão é para ontem”. O aprendizado acerca do trabalho coletivo, da colaboração, da cooperação, acontece durante a execução das atividades. Segundo o ex-presidente da associação Ecos do Verde, Adair Tomazzi, este é um risco que um projeto desse tipo corre. Não tem como conhecer os projetos pessoais de cada trabalhador antes que ele esteja participando do projeto coletivo e é inviável a formação pedagógica prévia. É possível também que se detectem contradições no próprio berço do projeto, ou seja, práticas que venham a contradizer o objetivo. Contudo, não é meu interesse tal viés e não irei realizar nenhum tipo de pesquisa a esse respeito.

Costurando os rasgos que apareceram, remendando alguns retalhos puídos, re-elaborando histórias e estórias, a Ecos do Verde tem nove anos de existência. Durante sua trajetória, houve muitos tropeços, medos e audácias. Mas continua caminhando e construindo seu projeto e conta hoje com 41 associados que fazem a separação dos materiais recicláveis, e 25 catadores de materiais recicláveis, que recolhem esses materiais pela cidade. Esses catadores mantêm com a Associação uma relação de parceria: a Ecos do Verde fornece o carrinho para catar e transportar os materiais e um “preço melhor” para os produtos que os mesmos entregam à Associação. No caso dos associados, a relação é de cooperação: o trabalho é feito em conjunto, de forma cooperativa, e as decisões são tomadas pela assembléia. A maioria dos catadores, parceiros do empreendimento, realiza suas atividades de maneira informal: eles próprios fazem seus horários, buscam seus objetivos e não dependem de estar cotidianamente sob o compromisso de cumprir tarefas que um trabalho formal exige. Conversando com alguns deles, foi possível constatar que eles gostam e preferem esse tipo de relação com a Ecos do Verde (ou com algum outro comprador de materiais recicláveis). Saliento que a relação desses catadores não parece ser de exploração, pois é de seu interesse estarem livres para ir por onde quiserem. Estão livres também para deixar de entregar seus

materiais à cooperativa, quando quiserem. O carrinho e o preço diferenciado são estímulos da Ecos para angariar os catadores livres. Contudo, eles podem a qualquer momento deixar de entregar-lhe seus materiais.

Os associados da Ecos mantêm uma relação de trabalho formal, devendo cumprir horários. As faltas não justificadas (ao trabalho), dentro das regras estabelecidas por eles, são descontadas. Fazem rotatividade nas funções de catar, enfardar, limpar, organizar. A participação em eventos, cursos, encontros de formação, que sejam de interesse coletivo, é estimulada, não sendo descontado o dia (de trabalho), por tratar-se de falta justificada. O valor total das vendas, descontadas as despesas, é dividido em partes iguais entre os associados.

A formação e a discussão sobre a organização acontecem de forma contínua e permanente. Discutem-se as vantagens do trabalho cooperativo, tais como: trabalhar em conjunto, em cooperação; realizar a venda coletiva; utilizar a coleta seletiva como possibilidade de obter o material de trabalho, o que só foi possível por estarem organizados em cooperativa/associação; estar respaldado por uma instituição que é reconhecida e valorizada. Segundo Tomazzi (2003, p.19) “não é só o resultado econômico que dá um clima de contentamento, que realiza as pessoas. São as vitórias conjuntas. É ganhar pelo trabalho realizado (o resultado do trabalho e esforço). Mas é sentir alegria, satisfação de pertencer a uma equipe”. De acordo com os próprios trabalhadores, o fato de pertencerem à cooperativa torna-os mais respeitados e mais valorizados. “Não somos catadores que remexem lixo. Somos cooperadores que fazem uma ação ecológica e ajudam o meio ambiente” (M.E). É dessa forma que eles se compreendem. Tal pensamento afina com o referencial da economia solidária, pois, segundo Gaiger:

Os empreendimentos econômicos solidários extrapolam o econômico e acabam sendo empreendimentos de caráter social, educativo, comunitário. A autogestão sustenta ser possível compatibilizar objetivos econômicos com objetivos sociais, objetivos produtivos com objetivos humanos. Se a vida material, a vida econômica, serve para garantir nossa sobrevivência, ela deveria garantir também a nossa humanização, não o seu oposto (2001, p. 62).

A organização e a realização do trabalho de forma coletiva [e/ou cooperada] propicia a integração e valorização dos trabalhadores, podendo vir a questionar as relações de opressão, miséria e exclusão a que estão submetidos. Serve também de apoio e de motivação²³ para dar sustentação aos projetos pessoais. Essa sustentação é extremamente necessária, visto que os sujeitos pesquisados se encontram em situação de fragilidade sócio-econômica e psíquico-emocional. É fundamental, também, como suporte para o trabalho que realizam, pois, embora discursemos que trabalhar com reciclagem e materiais re-aproveitáveis é politicamente correto, que é trabalho igual aos outros e importante para o meio ambiente, o fato é que, real e concretamente, eles mexem e re-mexem diariamente restos, sobras, lixo! Podemos pensar em reciclagem, re-significação, mas o produto primeiro, que desce pelo cone e é distribuído na esteira é, de fato, lixo! Daiani Barboza (2000, p. 54) diz que “o lixo é visto como podre e inútil; algo que pode ser jogado fora”.

1.3 LIXO RE-SIGNIFICADO E RECICLADO

Foi no século XIX que o lixo passou a ser considerado algo que precisa de cuidados apropriados. Essa preocupação surge devido ao aumento da população e, conseqüentemente, do lixo produzido. Mas não só o lixo foi para os arredores: tudo o que poderia lembrar atividades sujas, mal-cheirosas e desagradáveis, foi afastado do convívio. Podemos citar os açougueiros, ferreiros, pobres, doentes, etc. Carlos Mine (apud Grippi, 2001, p. XIII) destaca que “o lixo é matéria prima fora do lugar. A forma segundo a qual uma sociedade trata seu lixo, seus velhos, os meninos de rua e os doentes mentais, atesta o seu grau de civilização. O tratamento do lixo doméstico (...) é uma questão cultural”.

²³Ver FOLLMANN (2001, p. 56-57).

O lixo tornou-se uma questão mais e mais preocupante na medida em que a industrialização avança. Vivemos a era do descartável. A grande produção de lixo não encontra formas de aproveitamento e nem local para armazenamento. Diferente do lixo orgânico, que se decompunha e/ou virava adubo, a sociedade teria de se preparar para conviver com o lixo inorgânico. Dados do IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) dão conta de que, atualmente, no Brasil, são recolhidas cerca de 240 mil toneladas diárias de lixo urbano. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 68% do lixo recolhido em municípios com cerca de 20 mil habitantes são despejados em lixões ou alagados²⁴.

Segundo o dicionário de Aurélio Ferreira (1986), lixo é tudo “o que não presta mais e se joga fora; coisa ou coisas inúteis, velhas e sem valor; sujeira, sujidade, imundície; ralé”.

Já para Houaiss (2001) a palavra “lixo” significa:

qualquer objeto sem valor ou utilidade, detrito oriundo de trabalhos domésticos ou industriais que se joga fora; uso formal ou de forma pejorativa: coisa ordinária, malfeita, feia; pessoas sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé.

Dessa forma, pode-se entender que a palavra “lixo” significa algo que “perdeu a utilidade, ou que não queremos mais usar”, “aquilo que sobra, que se joga fora, que é sujo, inútil, velho ou que não tem mais valor. Podemos pensar o lixo como todo e qualquer resíduo proveniente das atividades humanas ou gerado pela natureza.

Associada ao lixo está a questão do “descartável”. Com o passar dos anos, mais e mais objetos descartáveis passaram a fazer parte de nossas vidas diárias: sacos e sacolas de supermercados, garrafas, talheres e pratos, telefones celulares, pilhas, baterias, aparelhos eletrodomésticos em geral, etc.

O lixo, para efeitos de coleta seletiva, é dividido em dois grupos:

²⁴ Informações obtidas no site: <http://www.ibire.org.br/lixo.htm> no Google; em 24 jun. 2005.

- lixo úmido: é composto de objetos não re-aproveitáveis e/ou que se decompõem. Ex.: restos de alimentos, de vegetais, cascas, erva mate, papel higiênico, absorventes, fraldas descartáveis, etc.;
- lixo seco: é composto de objetos passíveis de re-aproveitamento. Ex.: papel, papelão, plásticos, metais, isopor, etc.

Ainda podemos classificar os resíduos em:

- lixo domiciliar: é constituído pelo lixo produzido nas casas, bares, lanchonetes, restaurantes, repartições públicas, lojas, supermercados, comércio, empresas, organizações em geral. É composto por sobras de alimentos, embalagens, papéis, papelões, plásticos, vidros, pilhas, componentes elétrico-eletrônicos, etc. O destino desses materiais é o aterro sanitário. Quando separado adequadamente, poderá ser feito a reciclagem de acordo com os dois grupos citados acima.
- lixo industrial: é o lixo produzido pelas indústrias, que possui características próprias dependendo das matérias-primas utilizadas. Deve ter um lugar apropriado para ser armazenado e/ou reciclado.
- lixo hospitalar: pode ser perigoso. Necessita ser acondicionado e transportado em veículos especiais. Seu destino deverá ter um tratamento específico ou ser destinado para um local apropriado. O ideal é que seja incinerado.
- lixo agrícola: é composto basicamente por esterco, adubo químico, fertilizante, veneno químico. O maior problema desse tipo de lixo é as embalagens que, até o momento, não têm destinação apropriada. O ideal seria a obrigatoriedade do recolhimento das embalagens por parte da empresa que vende o produto contido nelas, para um destino adequado ²⁵.
- lixo tecnológico: é composto por TVs, rádios, aparelhos e/ou componentes elétrico-eletrônicos em geral. À semelhança do lixo agrícola, deveria ser recolhido pela empresa vendedora do produto.

²⁵ Isso deveria valer para todo o tipo de embalagem que está conectado com o produto vendido.

Segundo dados do IBGE, o Brasil produz 240 mil toneladas de lixo por dia. Cada pessoa produz em torno de 5 kg de lixo, semanalmente. Isso poderá ser alterado dependendo do poder aquisitivo e do perfil consumidor da população. O que influencia também é a quantidade de produtos industrializados que são colocados a disposição. Quanto mais resíduos esses produtos deixarem para trás, mais lixo é produzido.

Até o presente momento, no Brasil, o poder público municipal é o responsável pelo processo de coleta, transporte, tratamento e destinação final dos resíduos (seco ou úmido). Nenhuma empresa que utiliza embalagens não degradáveis em seus produtos colocados à venda é responsável pela destinação do resíduo.

Segundo dados do CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem, 237 municípios brasileiros realizam programas de coleta seletiva, sendo que a maior concentração destes está nas regiões sudeste e sul do país.

Em Santo Ângelo, a coleta seletiva é feita desde 1998, recolhendo-se o lixo seco e o lixo úmido, em dias alternados. A população é responsável pela separação do seu lixo. Ela deve colocá-lo, devidamente acondicionado e segundo escalas pré-estabelecidas,²⁶ em frente a sua residência ou estabelecimento público/privado, para que o caminhão coletor o leve para o aterro sanitário ou para a usina de reciclagem. Esse processo de seleção encontra dificuldades em seu efetivo funcionamento, especialmente no que diz respeito à separação do lixo por parte da população.

A separação do lixo e a coleta seletiva são fundamentais para o processo de reciclagem. É através da coleta seletiva e do recolhimento feito por catadores, que parte do lixo produzido pode voltar a ser matéria prima e deixar de poluir o meio ambiente. A reciclagem é o retorno da matéria-prima ao ciclo de produção. Esse processo diminui o acúmulo de resíduos, diminuindo a poluição do ar, da água e do solo.

²⁶ Existe um cronograma da coleta seletiva que estabelece qual o tipo de lixo, o dia, o horário e o bairro que o mesmo será recolhido.

Isto ainda não é tudo. Precisamos costurar mais um retalho nesta colcha de pensamentos, reflexões e construções. O processo de selecionar o lixo, acondicioná-lo em embalagens apropriadas e encaminhá-lo para a coleta seletiva, requer, de quem o faz, uma mudança de sentido do lixo, para sua vida. Assim, os objetos que foram descartados, jogados fora como algo que não presta, deverão ser re-significados ou ser significados de novo. A partir desse novo significado, o lixo adquire uma significação de matéria prima. A significação é o que as coisas querem dizer. Assim, o lixo reciclado tem uma nova significação. Esse novo traz consigo, marcas do velho. Não é um sentido inventado do nada. Por isso, a palavra “re-significado” aproxima-se mais desse novo entendimento acerca do lixo que será reciclado. Ao ser selecionado e separado para a reciclagem, o lixo é resignificado. Aquilo que era i-mundo e que havia sido jogado para fora do mundo, é inserido novamente na cadeia de produção.

1.4 CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: QUEM SÃO ESSES SUJEITOS?

Andantes, errantes, caminheiros...
Retalhos, trapalhos, pensalhos...
De onde surgiram tantos?
É a miséria que dói o estômago.
E a vista já não alcança o horizonte.
Mas, o que foi que sumiu?
O fim do mundo, diante do olhar do pobre?
Ou, o direito à vida?
Boca do lixo, boca maldita!
Denúncia muda, que incomoda.
Trapão humano que atrapalha... trapalhos!
Mundo do lixo, lixo do mundo! O que sobrou para mim?
Alguns poucos pensalhos...
retalhos de pensamentos, pensamentos em retalhos.
Até que a reciclagem me atinja e me tinja de verde amarelo!
Catador: arte, arteiro, carteiro.
Traz em sua bagagem a catação e a reciclagem,
a re-significação da mensagem:

Um novo mundo é possível.

O catador não é figura recente em nossa história. Charles Baudelaire (1857), na poesia “Vinho dos Trapeiros”, faz referência ao catador. No Brasil, essa atividade é lembrada na figura do “velho garrafeiro” (século XX)²⁷.

Atividade antiga, o catador tornou-se imprescindível à medida que a industrialização avançou. Disso derivam pelo menos duas conseqüências: o desemprego e os resíduos. Quanto mais industrialização, mais desemprego e mais resíduos. Quando mais desemprego e mais resíduos, mais catador.

O sujeito catador é diferente, dependendo da região em que habita. Segundo o que relatam alguns autores, em algumas cidades/regiões do país, o catador é trabalhador sazonal (da cana de açúcar) e, quando não tem trabalho na cana, vai para a catação; em outros lugares são moradores de rua. Tem ainda muitas crianças e adolescentes.²⁸

Em Santo Ângelo, a característica dessa categoria de trabalhadores é um pouco diferente: os que catam de forma autônoma nas ruas, em sua grande maioria, são adultos; tem alguns idosos, alguns jovens e pouquíssimas crianças. Na maioria das vezes, quem leva as crianças são mães que não têm onde deixar seus filhos.

No projeto Gente Cuidando de Gente, do qual fazem parte os catadores de rua e que mantém parceria com a Ecos do Verde, não tem crianças nem adolescentes. Na Associação Ecos do Verde tem apenas jovens adultos, e adultos. Não é permitido que crianças e adolescentes encontrem-se no recinto da Usina. No ponto de compra, os trabalhadores da associação também não podem levar crianças e adolescentes. Os trabalhadores da Ecos do Verde mantêm com a associação uma relação de continuidade. Alguns já estão na Ecos do Verde há mais de 6 anos. Os mais recentes estão há ano na associação. Segundo a fala de um dos catadores da usina, quem sai da associação são aqueles que não têm família, não têm compromisso com outras pessoas.

²⁷ Ver, Raquel de Souza Gonçalves, 2005, p. 92.

²⁸ Confira GONÇALVES, Raquel de Souza (2005); JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura (1996, 1997, 2000).

A maior parte dos catadores (associados ou parceiros da Ecos) tem idade entre 18-40 anos, concentrando-se na faixa etária adulta, sendo que a maioria é do sexo masculino. E o desemprego é o motivo que os levou a essa atividade. Alguns nunca tiveram carteira assinada. Viviam de biscastes, trabalhando na construção civil, fazendo limpeza de pátio, cuidando de chácaras de terceiros.

O grau de escolaridade varia entre a 1ª e 4ª série do ensino fundamental, embora alguns tenham o ensino médio (incompleto e completo) e uma pessoa tem graduação e pós-graduação. Mesmo justificando sua escolaridade de forma oficial, encontram muita dificuldade para ler e, principalmente, para escrever²⁹.

Segundo o IBGE, 705 mil pessoas vivem da atividade de catador, no país. A profissão foi reconhecida no final de 2002, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002³⁰. A designação segundo o CBO é: catador de material reciclável (5192-05): catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa).

Em Santo Ângelo, segundo dados extra-oficiais, o número de catadores que andam de porta em porta é de aproximadamente 400 pessoas, sendo que esse número oscila, dependendo do período do mês ou do ano. Não existe no município lixão público ou privado. O lixo úmido é levado pelos caminhões coletores até o aterro sanitário. Como o aterro fica ao lado da usina de reciclagem, algumas vezes, durante o almoço, alguns catadores da Ecos do Verde, vão até o local e catam latinhas e *pett*. Eles aproveitam o intervalo do almoço porque os trabalhadores responsáveis de aterrar o lixo úmido, não estão no local. Contudo, eles não se caracterizam como catadores de lixão. Dessa forma, a figura tradicional do catador de lixão não existe em Santo Ângelo. É

²⁹ As informações acerca dos catadores individuais foram retiradas de uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e cidadania, em Tomazzi, 2003. Com relação aos Associados da Ecos do Verde, foi obtida na própria Associação.

³⁰ Documento normalizador do reconhecimento da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.

possível destacar algumas características dos catadores que trabalham nessa cidade³¹:

- Catador que sobrevive da catação: esse catador está diariamente na rua e sobrevive de catar os materiais re-adequáveis. Ele procura conhecer os horários do caminhão coletor e passar antes do mesmo, retirando o que lhe interessa, fechando adequadamente o material onde o lixo está acondicionado. Faz isso de forma sistemática e contínua. A maioria possui carrinho para coletar. Alguns fazem a seleção ao próprio carrinho, acondicionando os materiais separadamente e levando-os diretamente ao ponto de venda. A maioria faz a seleção em casa e, posteriormente, leva no ponto de venda. Ainda neste grupo, há catadores que juntam tudo o que aparece e acabam jogando, o que não conseguem vender, no pátio de sua casa, nos terrenos baldios ou nos rios.
- Catadores eventuais. São catadores que recolhem materiais em grandes aglomerações, como festas, feiras, eventos sociais. Neste grupo estão crianças, jovens e pessoas que trabalham nos eventos e acabam coletando para conseguir uma renda extra. Neste caso, os materiais são em grande quantidade, visíveis e de fácil acesso. Os catadores desse tipo não estão organizados.
- Catador predatório: Recolhe o que lhe interessa e deixa o restante jogado pelas calçadas. Vive de pequenos biscates e coleta os materiais como forma de complementar a renda familiar. Este catador encontra muita resistência por parte da população. Ele também não está organizado.
- Catador que recolhe apenas alimentos: É um número muito reduzido de catadores, são figuras conhecidas pela população. Catam, principalmente junto a lancherias, bares e pequenos mercados.
- Catador da Usina: Em Santo Ângelo, são os associados da Ecos do Verde que trabalham na usina, onde os caminhões coletores descarregam o lixo oriundo da coleta seletiva. Seu trabalho consiste em catar na esteira os materiais passíveis de aproveitamento. Cada um fica responsável pela catação de alguns dos materiais que são encontrados na esteira. No seu entorno, ficam

³¹A tipificação dos catadores foi construída tendo presente o trabalho de Carmo; Oliveira; Miiqueles (2005), adaptando-os a realidade local.

vários tonéis, onde são acondicionados os materiais, devidamente separados. Quando um tonel está cheio, um outro trabalhador o troca por um vazio. Os materiais são levados para a prensa ou para um lugar específico, onde eles ficam separados em função de sua classificação. Há ainda os trabalhadores que ficam na prensa, no enfardamento e na classificação, como, por exemplo, de vidros e garrafas. Há um rodízio nas funções, todos procuram fazer todas as atividades. É respeitada a questão de carregamento de peso: mulheres e pessoas que não se encontram em condições de saúde, não carregam os tonéis cheios, não enfardam e nem levam os volumes pesados para fora da Usina.

Os catadores individuais fazem das ruas da cidade o seu espaço/local de trabalho. Onde há material passível de reciclagem, há catador e há trabalho. Esses catadores têm o céu por teto e não há limites físicos que os impeça de catar, salvo as grades, os cachorros e as “caras feias” de gente que se sente incomodada pela presença de tais sujeitos. Segundo a pesquisa realizada pelo Tomazzi (2003, p. 29), aproximadamente 40% da população não vê com bons olhos os catadores³². O trabalho é duro e o ganho é pouco. Em uma pesquisa informal, através de observações e bate-papos com os catadores que entregam seu material no ponto de compra da Ecos do Verde, obtive a informação de que a renda mensal dos catadores individuais é de aproximadamente R\$:200,00 (duzentos reais). Isso, quando catam muito bem, com uma rotina bem organizada. Em muitos momentos, esses catadores trabalham com a família ou com algum dos membros do grupo familiar, a fim de aumentar o valor obtido com a venda do que fora coletado.

Já os catadores da Usina, assim como os catadores do ponto de compra da Ecos do Verde, não contam em seu trabalho, com a ajuda do grupo familiar, mas se fortalecem no grupo coletivo. Uma observação que é importante para a caracterização da Ecos do Verde é que no ponto de compra, situado no perímetro urbano, não existe a catação propriamente dita. O trabalho é de recebimento dos materiais, classificação, picação, prensa e enfardamento. Outra atividade realizada por esse grupo é a de buscar o material nos estabelecimentos que doam seus materiais, especialmente papéis. Em alguns

³² Essa referencia diz respeito, especialmente ao catador que cata na rua.

casos, é necessário levar a picadeira, pois os estabelecimentos só aceitam doar o material se este for picado no próprio local.

A parte administrativa da Associação da Ecos do Verde funciona junto ao ponto de compra, no perímetro urbano e é cedido pelo governo estadual. O local e os galpões da Usina pertencem à Prefeitura Municipal. A associação dispõe das máquinas e dos associados.

Este é o universo daqueles que trabalham catando materiais recicláveis. Trabalho árduo, cansativo, e, às vezes, escaldante. É preciso força física para empurrar os carrinhos ladeira acima. É também preciso força física para segurá-los ladeira abaixo. Assim como em suas vidas, é necessário serem um pouco equilibristas, para sustentarem tantos sacos em torno do carinho. Na Usina, não é diferente: é necessário empurrar os fardos até a parte mais alta, onde o carrinho levará até o galpão de armazenamento ou ao setor, no pátio, onde o fardo ficará depositado. É preciso também agüentar o sol forte sob o telhado de metal, onde ficam as esteiras, ou sob suas próprias cabeças, quando classificam no pátio. O que muda é que não precisam de sacos (e bem grandes) para colocar os olhares de desaprovação e as discriminações por parte dos cidadãos que habitam a cidade, visto estarem afastados 10 km desses olhares. Poderíamos pensar que não são somente as prisões, os manicômios e os orfanatos que estão afastados da cidade. Na sociedade industrial, talvez possamos incluir na categoria dos “foraclusidos” da sociedade, os lixões, as usinas de reciclagem e, até mesmo, o próprio catador e sua família que vive, muitas vezes, nos arredores dos lixões.

A movimentação dos catadores começa cedo. Seu trabalho é garimpar materiais passíveis de serem re- aproveitados. Fazem uso de carroças, carrinhos, bicicletas, para transportar o que foi coletado. Abrem sacos, sacolas, pacotes. Retiram o que consideram aproveitáveis. Alguns refazem e acondicionam novamente o que não lhe interessa. Outros simplesmente deixam tudo jogado. Os cachorros latem. As pessoas espiam. Fazem cara feia. Cara de nojo. A imagem do catador, suas roupas, seu carrinho, o mexer e re-mexer no lixo, catando o que é aproveitável, tudo isso é provocador, pelo fato de expor

publicamente a pobreza. Mas o sujeito humano, na função de catador, nem olha. Já está acostumado.

Uma experiência interessante foi vivida pela Professora Cleci Schalemburger Streb (UNICAMP), quando estava realizando uma pesquisa com catadores. Cleci se dispôs a circular com um catador, enquanto ele realizava a busca de materiais. O local escolhido foi a própria UNICAMP, local de trabalho da referida professora. O catador bem que tentou avisá-la quanto à rejeição que havia por parte da população. E obteve a seguinte resposta de Cleci: “Imagine, a Unicamp é a minha casa, trabalho lá, não vai haver problemas”. Mas, segundo depoimento da professora, não foi como ela esperava:

Foi engraçado... A gente passando, eu na carroça, junto. Acho impossível alguém não ver você em cima de uma carroça. Passei ao lado de colegas (não amigos, mas colegas) e fui ignorada ao cumprimentá-los. É aquela coisa do preconceito. Não adianta dizer que não existe, porque existe (STREB, Jornal da Unicamp, 2001).

Isso demonstra o quanto as pessoas têm dificuldades em conviver com a diferença e, mais grave ainda, com a pobreza e suas conseqüências.

Trabalhar com o lixo, fazer disto uma fonte de renda e organizar sua sobrevivência a partir do descartado, é algo que está sendo organizado e construído, também em Santo Ângelo. A falta de trabalho fixo (vagas no mercado formal de trabalho) levou muitos trabalhadores a esse “ofício”: catar material re-adequável que, ao ser retirado do lixo, deixa de ser lixo. É de salientar que somente depois que os olhos e as mãos do catador retiraram do lixo o material, esse passa a ter valor.

Segundo alguns trabalhadores da Ecos do Verde, o fato de estar na cooperativa, dá mais incentivo, pois um catador anima o outro e as pessoas respeitam e consideram a profissão. É também importante apontar que a Ecos do Verde faz trabalho de informação na comunidade. Isso contribui para que o trabalho seja visto de uma forma diferenciada.

Com estas lembranças, com estes recortes, com essas construções teóricas advindas da história, da simbólica e do desejo, são apresentados ao leitor os sujeitos que movimentaram e deram vida a este estudo. É pouco, diante

de tantas histórias de vidas e, às vezes, de morte. Um estudo é sempre limitado, parcial, inacabado. Nos capítulos que seguem, a proposta é costurar as histórias vividas e ouvidas, ao pensamento escrito de autores que podem auxiliar na costura desta colcha de retalhos.

2 – TRABALHO NA ERA DA INDUSTRIALIZAÇÃO

“O trabalho se inscreve na dinâmica da realização do ego.(...)
Não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho,
nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho,
o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento
e somente a ele” (DEJOURS,2000, 34-35).

A sociedade industrial tem seu nascedouro na sociedade europeia em torno do século XVI. Essa nova forma de organização social significou a substituição da ferramenta (processo manual) pela máquina (processo industrial) e contribuiu para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante. A passagem da produção artesanal e manufatureira para a produção mecânica é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica, que vinha se processando no mundo europeu.

A chamada primeira Revolução Industrial (1760 e 1850) tinha como grande vedete a máquina a vapor. Os trabalhadores mais especializados, especialmente os artesões, eram requisitados para trabalhar nas fábricas. Os que migraram do campo não tinham qualificação para as atividades emergentes e acabavam ficando à deriva. Formava-se dessa forma o exército de reserva³³.

³³ Trabalhadores desempregados que estão à espera de vagas no mercado de trabalho. Quando a economia vive momentos de expansão, necessita-se de mão de obra barata e disponível.

Nota-se que os trabalhadores rurais, além de não conseguirem ingressar no mercado de trabalho incipiente, perderam suas atividades no campo, seus vínculos comunitários e, em alguns casos, até os vínculos familiares.

Num segundo momento, a partir de 1860, temos a chamada segunda revolução industrial. É a era do taylorismo/fordismo, em que a organização do trabalho industrial é configurada de acordo com as diretrizes de Taylor e Ford ³⁴. As máquinas produzem mais rápido, com menor custo e em larga escala. Os trabalhadores realizam atividades padronizadas, com tempo e espaço controlado. Embora as máquinas velozes tenham substituído muitos trabalhadores, outros tantos foram contratados para operá-las. Estes, contudo, deveriam ter conhecimento específico para operar as máquinas.

A terceira Revolução Industrial (década de 1990) apresenta-se como a era da inteligência artificial, robótica, microeletrônica, informação e rapidez, aldeia global, sociedade em rede³⁵. Nessa terceira revolução industrial, o mundo torna-se altamente tecnológico e informacional, sendo possível se conectar com as pessoas do outro lado do mundo. Evidentemente, essa possibilidade está reservada para quem tem acesso a esse tipo de tecnologia. Diga-se de passagem, que é uma porção de gente. Contudo tem uma outra porção que não pode pagar a conta telefônica.

É importante destacar também que, por força da revolução industrial, a forma de organizar o trabalho mudou completamente nesse novo modo de produção. O trabalhador passou a ter um espaço diferenciado para desenvolver suas atividades profissionais, que agora acontece na empresa e não mais no espaço doméstico. O tempo de quem trabalha nesse sistema também precisou ser modificado e assimilado: tem horários pré-fixados, rígidos, diferenciados, por turnos. Dessa forma, um grupo familiar não terá necessariamente o mesmo horário de trabalho. Conseqüentemente, não terá os mesmos horários para encontros familiares e/ou de lazer.

Cessada a demanda, esses trabalhadores são descartados. Ver também Paul Singer, 2000, p. 12-13.

³⁴ Ver ANTUNES, 2000, p. 36-40.

³⁵ CASTELLS, 2005.

O tempo livre (de trabalho) - tempo para os vínculos sociais com familiares e amigos, tempo de estudar, de amar - é ditado pelo horário do trabalho. O trabalhador só organizará seu dia-a-dia depois de saber qual o seu horário de trabalho.

Essa forma de organizar o trabalho é totalmente diferente das formas anteriores e tem como características:

- a) O capital e os instrumentos de trabalho estão nas mãos de uma pessoa ou de um grupo;
- b) o trabalhador assalariado é detentor tão somente de sua força de trabalho, a qual vende para aqueles que dispõem do capital e dos instrumentos para a realização do trabalho. É com a venda da sua força de trabalho que o trabalhador deverá providenciar o seu sustento e o de sua família, ou seja, daqueles que dependem do seu salário ³⁶;
- c) a organização industrial capitalista tem seu referencial básico na fábrica. Assim, o trabalhador possui um local de trabalho que não é mais o ambiente familiar;
- d) fala-se agora em mercado, instância que regula as trocas, inclusive a força de trabalho;
- e) promessa de liberdade individual: o trabalhador não pertence a ninguém, podendo ir para “onde quiser”. Contudo, o trabalhador precisa ir aonde tem trabalho. Logo, essa liberdade é aprisionada pelo sistema de oferta de trabalho.

Com a modernização e o avanço das tecnologias, algumas dessas características sofreram mudanças. Contudo, esse sistema mantém-se em sua estrutura básica: capital e trabalho como forças antagônicas. Ao menos, por enquanto!

A era da industrialização, que é a passagem do artesanal para o industrial transferiu a habilidade do artesão para a máquina. Por meio desta, produziu-se

³⁶ Salário é o que o trabalhador recebe em troca de sua força de trabalho, isto é, de sua capacidade e disponibilidade de trabalho.

com maior rapidez, maior quantidade e menor custo. As conseqüências são: desemprego; alienação da produção; migração do campo para a cidade, devido à promessa de emprego; urbanização descontrolada; salários reduzidos e carga horária aumentada. Isso, sem contar o trabalho infantil, usado como forma de ajudar o sustento das famílias.

A passagem do século XX para o século XXI é marcada pela pobreza alarmante, desemprego acentuado e fragilização e/ou temporização dos postos de trabalho. O desemprego ou a precarização das relações de trabalho tem transformado a classe trabalhadora em refém de uma sociedade que tem no descartável uma grande referência: descartam-se embalagens, descartam-se postos de trabalho, descartam-se sujeitos humanos, descarta-se a humanidade do sujeito. Imaginemos isso tudo de forma globalizada, rápida e organizada em rede, que a tecnologia e a informatização possibilitam! Estamos falando de povos inteiros, de contingentes humanos descartados, numa dimensão nunca antes vista na história. José de Souza Martins (1997, p.33), aponta que a “sociedade moderna está criando uma grande massa de população sobrando, que tem pouca chance de ser de fato re-incluída nos padrões atuais de desenvolvimento econômico”.

O momento que vivemos está sendo chamado por alguns autores, de globalização ou era da informatização: a produção deu um salto para a área do conhecimento, internacionalizando o capital, a informação e as relações empresariais. As redes de comunicações articulam a economia do mundo ³⁷.

Tudo isso tem contribuído para que se aumente a produção de riquezas com menos custo e em menos tempo. Nunca se produziu tanto como se produz hoje. Contudo, com a mesma facilidade que se produzem riquezas, produz-se também a miséria. Em cada momento diferente, seja chamado de “crise” ou de “mudanças”, o capital se re-organiza, se moderniza e se fortalece. Em contrapartida, a classe dos que vivem do trabalho enfraquece, se fragiliza e se

³⁷ Para Giddens (1991), o momento que vivemos é caracterizado por um capitalismo de informação, complexo, globalizado e de alto risco. A globalização descentralizou o poder internacional, levando-o à fragmentação, sem visualização ou objetificação. O tempo e o lugar perderam sua centralidade. O poder é volátil, o capital é volátil, a informação é volátil.

desorganiza. Para Antunes (2000, p.104-105), essa reestruturação capitalista re-direciona o trabalho estável para formas fragilizadas e precárias de relações entre capital-trabalho (relações terceirizadas, sub-contratos e contratos temporários).

Para José de Souza Martins (1997, p.35), a sociedade capitalista está se transformando:

numa sociedade dupla, duas 'humanidades' na mesma sociedade. De um lado, uma humanidade constituída de integrados (ricos e pobres). [...] E uma sub-humanidade: uma humanidade incorporada através do trabalho precário, no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos ou, até mesmo, escusos, etc. [...] insuficiências e privações que se desdobram para fora do econômico.

2.1 TRABALHO: O PÃO NOSSO DE CADA DIA

E o trabalho? - O trabalho? Ah, o trabalho ia muito bem. Mas, para quem? Para o capital (de ontem e de hoje). Para os trabalhadores, as condições de trabalho eram muito precárias e desumanas. Isso era (e é!) uma realidade para toda a sociedade capitalista. Não é algo peculiar ao Brasil.

No início da industrialização, os trabalhadores tinham uma carga horária elevadíssima: trabalhavam de segunda a sábado, até 15 horas por dia, em alguns casos, até mesmo aos domingos. O salário era baixo, fazendo com que todo o grupo familiar tivesse que trabalhar, inclusive crianças (a partir dos sete anos). E a segurança no trabalho era precária, o que incidia num grande número de acidentes.

Essa realidade provocou protestos e reivindicações. Começam a surgir organizações de trabalhadores em busca de seus direitos trabalhistas e sociais. Em meados de 1917, os operários organizaram a primeira greve em São Paulo. Durante a greve, José Martinez foi morto. Com a morte desse operário, o

movimento espalhou-se por várias regiões do país, adquirindo um caráter geral. Foi somente dessa forma que o governo e os empresários começaram a negociar. Com muita lentidão e sob a idéia de que os problemas sociais eram “caso de polícia” (segundo o presidente da Primeira República Washington Luis), os trabalhadores do Brasil começaram a sua organização, forçando governo e empresários a negociar e a reconhecer alguns direitos trabalhistas e sociais.

A partir dos anos cinqüenta, com políticas desenvolvimentistas e populistas, com a chamada divisão internacional do trabalho, com a presença de empresas multinacionais operando em setores estratégicos da economia, a burguesia industrial perdeu a soberania na condução do desenvolvimento nacional e aceitou um papel subalterno. Isto levou o país ao capitalismo dependente. Esse tipo de desenvolvimento, dependente do capital externo foi acompanhado de inúmeros financiamentos internacionais. Os anos setenta foram “anos dos empréstimos” de capital internacional, empréstimos esses que resultaram no pesadelo do aumento demasiado da dívida externa, agravada pelo aumento das taxas de juros internacionais.

Essa realidade passou a se complicar à medida que as organizações financeiras internacionais passaram a exigir planos de estabilização monetária e reformas no aparelho do Estado, segundo critérios e interesses dos mesmos. Esta era a forma pela qual países como o Brasil deviam demonstrar “boa vontade” para saírem da crise. Além disso, poderiam, num futuro próximo, inserir-se à nova economia globalizada. Evidentemente, que medidas como essa exigiriam um enorme esforço da população, pois primeiro o bolo deveria crescer, para que depois pudesse ser repartido. Dessa forma, os trabalhadores deveriam ter paciência, com a promessa de que todos sairiam ganhando.

Houve muitos ganhos: de capital, para aqueles que já o detinham, e, de precarização e perdas, para aqueles que não o tinham. Estes repartiram um bolo que não cresceu: diminuição das indústrias que empregavam mão de obra massiva, privatização de empresas e serviços públicos, desemprego, cortes nos investimentos sociais como saúde, moradia, previdência, educação. Segundo José de Souza Martins (1997, p. 36), “o conjunto da sociedade já não é a

produção, mas a sociedade de consumo e da circulação de mercadorias e serviços. Portanto, o eixo de seu funcionamento sai da fábrica e vai para o mercado”.

A nova forma de organização e consolidação do capital foi se constituindo em torno dos anos 80. É a partir desse momento que surge o conceito de globalização, para designar esses acontecimentos³⁸. “Globalização” vem substituir conceitos como “internacionalização” e “transnacionalização”. Isto tudo, porém, não é algo que nasceu da noite para o dia, mas foi se solidificando e se transformando no decorrer dos anos. A principal ênfase é a interdependência de povos e países do planeta.

Segundo Paul Singer (2000, p.19) “a globalização é um processo que se realiza há mais de 50 anos”. O economista citado enfatiza que é uma “reorganização da divisão internacional do trabalho” (p.21). Pode-se acrescentar que o lado mais perverso e desumano da globalização é justamente colocar para todos que “eles podem: basta clicar, acessar, participar”. Contudo, o sistema capitalista atual, elimina postos de trabalho, deixando à deriva um contingente enorme de “participantes”. Esse é o lado cruel da economia capitalista globalizada: o crescimento do desemprego e a precarização do trabalho³⁹.

Do ponto de vista da classe trabalhadora, essa realidade requer uma organização de trabalhadores, forte e inter-articulada com vários grupos e/ou categorias: empregados em setores formais e informais, desempregados, mulheres e jovens (estes dois últimos, por sua vez, ocupam postos de trabalhos mais precários do que os homens adultos)⁴⁰. Contudo, o temor de perder o pouco que consegue; a individualização em detrimento do coletivo, a concorrência acirrada e estimulada (pelo próprio capitalismo de mercado), a fragilização do trabalho e dos vínculos identitários, comunitários e sociais têm levado os trabalhadores a acreditar e/ou buscar uma saída individual e localizada. Os grandes movimentos reivindicatórios na área econômica perderam espaço. Segundo Touraine (1999), desde os anos 80, os “movimentos

³⁸ SINGER, Paul. 2000, p. 19-22.

³⁹ Ibidem, p. 23-24.

⁴⁰ ANTUNES, 1997, p. 41-42.

que mais tocaram a opinião pública, por seu conteúdo, e não só por seu contexto, foram geralmente os movimentos para a defesa dos movimentos culturais” (p. 69).

Castel, em *Metamorfoses da Questão Social*, coloca que, atualmente, a sociedade é cada vez mais uma “sociedade de indivíduos” (1998, p.595). Dessa forma, os trabalhadores encontram muitas dificuldades em aglutinar-se em torno de objetivos comuns, dificultando ainda mais as lutas e conquistas por proteções sociais, já que estas são de cunho coletivo.

2.2 O TRABALHO E O CAPITAL

A sociedade capitalista se caracteriza, fundamentalmente, pela existência de duas classes sociais. Mas, existem diferenças históricas, sociais e culturais, próprias de cada época, de cada forma adotada e de cada momento. Porém, não estou me propondo a discutir a sociedade capitalista, apenas demonstrar que existem dois atores básicos ⁴¹: a classe dos que possuem e vivem do capital (e dos meios de produzi-lo) e a classe-que-vive-do-trabalho ⁴². São dois segmentos sociais que se constituem e se diferenciam: de um lado, os proprietários dos meios de produção, que são também proprietários e vendedores das mercadorias produzidas. De outro lado, os que estão privados dos meios de produção e têm como única propriedade, sua força de trabalho, e

⁴¹ GUY BAJOIT em aula na Unisinos, (13-14/julho/2005) afirma que existem duas classes sociais no capitalismo: os donos do capital e dos meios de produção e os donos da força de trabalho. Embora trabalhe com a idéia que não teremos sociedade sem classes sociais, afirma que poderemos ter sociedade sem exploração de classes sociais.

⁴² RICARDO ANTUNES vai chamar a classe trabalhadora de “classe-que-vive-do-trabalho”, pretendendo dessa forma “ênfatisar o sentido atual” desse grupo. Segundo ele, “a expressão classe-que-vivem-do-trabalho pretende dar contemporaneidade e amplitude ao ser social que trabalha” (1999, p.101-102).

que vendem como mercadoria. Para falar de classe trabalhadora vou utilizar como referência Ricardo Antunes (2000, p. 103):

Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural. [...] Essa noção incorpora o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, *part time*, o novo proletariado dos Mc Donalds, os trabalhadores hifenizados de que falou Beynon, os trabalhadores terceirizados e precarizados das empresas liofilizadas de que falou Juan José Castillo, os trabalhadores assalariados da chamada economia informal, [...] trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e de mercado de trabalho.

Castel assinala que o assalariado “é alguém que não tem nada, que não tem propriedade, que tem apenas a força de seus braços para vender e que o faz geralmente de forma frágil e miserável” (2004, p. 242).

Em seu livro, *A Condição Humana* (1997), Hannah Arendt diferencia dois conceitos que muitas vezes aparecem como iguais: labor e trabalho: “labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. Tem a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas no processo da vida. [...] Assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie (p.15-16)”. Por trabalho ela entende a atividade que o homem realiza a partir da transformação. Para tanto, é necessário utilizar a criatividade, o pensamento, a aprendizagem: “o trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana. [...] Produz um mundo artificial de coisas, diferente de qualquer ambiente natural. [...] A condição humana do trabalho é a mundanidade” (p.15). Para Marx (2000), o trabalho é algo desenvolvido pelo ser humano e serve para este satisfazer suas necessidades.

Guareschi e Grisci (1993, p.47) entendem que podemos compreender o trabalho como a “ação transformadora, consciente e desejante, que o trabalhador exerce sobre a natureza, com ou sem o auxílio de uma máquina, sobressaindo-se à mesma”.

Essa concepção permite-nos construir um referencial para o trabalho associando a ele, bem estar, prazer, reconhecimento, motivação, criação,

relações de afeto, identidade, projeto de vida⁴³. Para Dejours, o trabalho também está implicado em todas as relações, afetos, expectativas e projetos do sujeito:

Quando a qualidade do meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentido. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez de mim, em compensação, um sujeito diferente daquele que eu era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho, ou mesmo da obra, pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade (2000, 34).

Assim sendo, o ser humano tem a necessidade de se constituir a partir de projetos de vida na relação e inter-relação com outros seres humanos⁴⁴ e uma forma disso se concretizar é nas relações de trabalho.

Se olharmos à nossa volta, é fácil perceber que o mundo se construiu a partir das transformações daquilo que o homem um dia viu, pensou, planejou e construiu. Então, falamos em uma sociedade que se estrutura a partir das relações e constituições do trabalho. Dessa forma, o sujeito que faz parte dessa sociedade é um sujeito que está imbuído de, entrelaçado, constituído por essas relações. Essa vivência é realizada com e a partir de outros sujeitos. Construir uma sociedade com essa realidade só é possível na interação entre sujeitos. Assim, o homem precisa estar com e entre outros homens para poder dar conta das atividades e das necessidades, sejam elas da ordem histórica, cultural, social, física, afetiva, emocional ou psíquica.

Se o trabalho possibilita realizar alguns dos desejos e prazeres humanos, proporcionando-lhe realizações, expectativas, projetos, cultivando e estimulando criatividade, aprendizagens, conhecimentos, possibilidades de gerenciamento

⁴³ CARRETEIRO, trabalha com a perspectiva sartreana de projeto e, segundo ela, Sartre diz ser o 'projeto um dos organizadores da existência ao qual o ser humano não pode escapar' (2001, 89).

⁴⁴ JOSÉ IVO FOLLMANN diz que "os indivíduos tornam-se sujeitos históricos na medida em que conseguem mobilizar a sua capacidade de conceber e produzir novos projetos, avaliá-los e de engajarem-se neles ou deles se afastarem. É na concepção de seus projetos pessoais de existência e no empenho de fazer as 'costuras' necessárias que os indivíduos tornam-se estes sujeitos. Isso não ocorre a não ser na interação com os projetos dos outros e com os projetos coletivos" (2001, p. 55).

de sua vida e relacionamentos com outros sujeitos, podemos nos perguntar o que irá acontecer se ele estiver à margem desse processo?

Castel (2000, p. 593-594) aponta que foram necessários muitos e muitos anos de sofrimentos, organizações, lutas e conquistas para “fixar os trabalhadores em suas tarefas e nelas conservá-los através de um leque de vantagens ‘sociais’ que vão qualificar um status constitutivo de identidade social”. Ele pondera que “é no momento em que a civilização do trabalho parece impor-se definitivamente sob a hegemonia da condição de assalariado que o edifício racha”, trazendo novamente a realidade de “viver com o que se ganha cada dia”. Acrescenta também, que a “sociedade salarial” não está acabada, não está decretada sua morte, uma vez que inúmeras “profissões liberais tornam-se cada vez mais profissões assalariadas”. Continuando sua reflexão, afirma que “a sociedade atual é ainda maciçamente uma sociedade salarial”.

Ricardo Antunes, em seu livro *Adeus ao Trabalho* (1997), em especial no capítulo IV - Qual a crise da sociedade do trabalho - entende que o trabalho ainda é fundamental na sociedade atual, ao contrário daqueles que defendem a “perda de sua centralidade na sociedade contemporânea”.

2.3 O TRABALHO NA ERA DO DESCARTÁVEL: A VIDA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

A modernidade é aplaudida, o ser humano quer ser moderno, o celular toca, a máquina opera apenas com um toque dos dedos, o outro lado do mundo pode ser visto e ouvido do banco da praça, os bips dos eletrônicos não dão descanso, o sujeito corre, os trabalhadores trabalham, as crianças choram. O mundo se agita e se transforma em um grande *shopping center*. Além disso, tudo é muito prático: as garrafas *pett* deram um alívio aos estoques, as fraldas

descartáveis deram a liberdade para o trabalho feminino, os enlatados substituíram o almoço demorado e o longo tempo perdido lavando louças. Isso sem contar as máquinas, amigas e companheiras das donas de casa, digo, das diaristas! Quanta economia de tempo! E a velocidade das comunicações então? Hoje tudo, ou quase tudo se resolve ao leve toque de nossos dedos ou ao som de nossa voz.

Então, os problemas se acabaram? Retornamos finalmente ao Jardim do Éden? Calma, nem tudo é o que parece ser! E, às vezes, é preciso querer ver.

A sociedade capitalista, tecnológica e informatizada trouxe inúmeros avanços, abriu inúmeras possibilidades de vida melhor e mais saudável, trouxe expectativas de curas para problemas graves nas áreas da saúde, viajou pelo universo a procura de respostas sobre seu início, enfim, trouxe avanços em diferentes áreas do conhecimento. Houve mudanças profundas com essas tecnologias: o ser humano foi substituído pela máquina, tanto na produção quanto na prestação de serviços. É a era da automação, do auto-atendimento, da máquina inteligente ⁴⁵. Com isso, inúmeros trabalhadores tornaram-se desempregados e outros tantos continuaram sem emprego.

O que diferencia a sociedade capitalista na contemporaneidade é a forma rápida com que as mudanças acontecem, em especial, nas relações de trabalho. As pessoas simplesmente vão sendo descartadas. Além de aumentar o contingente de desempregados, subempregados, aumenta a fragilização nas relações de trabalho, tornando o emprego extremamente vulnerável. Vive-se um cotidiano de relações frágeis e muito temor: de um lado, está o empregador exigindo mais e pagando menos e, de outro, uma legião de trabalhadores em situação de miséria. É um pouco o que diz o ditado: se correr o bicho pega e se ficar o bicho come.

Para Guareschi (1999, p. 144), o que está diferente na sociedade, hoje, é que “as pessoas são simplesmente excluídas do trabalho, excluídas da produção”. Algumas nem chegam ao mercado de trabalho, embora “sonhem” com ele. Durante as entrevistas com os associados da Ecos do Verde, foi

⁴⁵ Ver GUARESCHI, 1999, p. 141-145.

possível perceber que a maioria das pessoas que trabalham lá não teve acesso a vínculo formal de emprego. Aquelas que tiveram carteira de trabalho assinada foi por um período mínimo, entre dois e cinco meses. A propósito, Castel (1998, p. 28), enfatiza que existe um grupo de trabalhadores que nunca encontraram um lugar na sociedade salarial; “a impossibilidade de conseguir um lugar estável nas formas dominantes de organização do trabalho e nos modos reconhecidos de pertencimento comunitário [...] é que ainda constitui os ‘supranumerários’ de outrora, de ontem e de hoje”.

A organização social atual, além de não ter nenhuma política econômica e social para aqueles que já estavam à espera de uma “oportunidade”, agrava ainda mais a situação, ao empurrar para a margem do processo produtivo uma grande parcela de trabalhadores, oriunda das relações de trabalho que foram substituídas pela tecnologia. Com isto, agravam-se também as relações e os vínculos interpessoais.

Os trabalhadores que, no momento, estão desempregados se entreolham como inimigos uns dos outros, cada qual lutando desesperadamente por um espaço nesse mercado. Com isso, diminui a possibilidade de se criar em organizações de trabalhadores que busque novas formas de vivenciar as relações de trabalho e de se constituir redes de solidariedade que visem o fortalecimento dessas organizações.

E aqueles que já estavam à margem, continuam lá. Nesse grupo vão se construindo gerações de seres humanos que estão permanentemente em situação provisória. Insegurança, medo e vergonha fazem parte de seu dia-a-dia. Castel (1998) refere-se à condição dessa população como “ser de lugar nenhum” (p. 120). São “indivíduos que não têm em parte alguma, um lugar na estrutura social” (p. 136). Quanto a isso, José de Souza Martins também é muito claro: “a sociedade moderna está criando uma grande massa de população sobrando, que tem pouca chance de ser de fato re-incluída nos padrões atuais de desenvolvimento” (1997, p. 33) ⁴⁶.

⁴⁶ Ver também FORRESTER, 1997.

Esses sujeitos que estão sobrando nas relações de trabalho, na sua maioria, em algum lugar, bem no fundinho de seu ser, mora o desejo de conseguir “ser alguém na vida”. Mora o desejo de lutar pela vida, pela dignidade, pelo direito ao trabalho. E, se esses seres ainda têm uma forcinha, uma sobra de energia, e se encontrarem com outros seres que também têm acesa a chama do desejo, a chama da teimosia, eles “catam” desesperadamente uma possibilidade. Às vezes, é nos restos do mundo que eles encontram o que procuram. É no lixo da sociedade moderna, que surge uma possibilidade de ser reconhecido como trabalhador, estatuto tão apreciado na sociedade salarial.

E foi assim que surgiu, nos recantos missionários, a associação Ecos do Verde. Inicialmente, o projeto de cada um dos associados era conseguir emprego! A catação lhes parecia algo que serviria apenas para o imediato, o provisório, até conseguir algo melhor. O entrevistado T. V. foi um dos oito, que, entre os nove entrevistados, tinham essa intenção:

Comecei aqui para sair logo. E foi o que aconteceu. Faz dois anos que eu fui trabalhar em São Leopoldo, de carteira assinada. Era ajudante na construção civil. Mas quando a obra acabou, mandaram a gente embora. Nem direito ao seguro-desemprego eu tive. Daí voltei. Vou ficar por aqui. Está muito difícil achar outro trabalho. Eu só estudei até a 2ª série do primário. Vou ficar até que der (24/11/2005).

Os trabalhadores da Ecos do Verde também acalentam o sonho do salário mínimo, carteira assinada, décimo terceiro, férias, salário-família... Eles almejam tal condição: “eu gostaria de ter carteira assinada, décimo terceiro salário”⁴⁷. Quando chega o Natal, os outros trabalhadores, recebem o salário dobrado. Nós? Só o mesmo dinheiro no fim do mês” (C.S. 22/11/2005). Para a L.F., esse desejo é só sonho: “eu até penso em ter carteira assinada. Mas, como vou ter experiência que as patroas pedem? Sem falar que aqui ninguém quer saber de minha vida particular. Nos outros lugares, o patrão quer até a ficha corrida”⁴⁸. Já o T. V., 35 anos, há quatro na Ecos do Verde, ainda sonha com os direitos que um trabalho formal lhe proporcionaria: “a carteira assinada é que dá o direito de ter décimo terceiro salário e férias. Aqui a gente ganha quinze dias

⁴⁷ Ver Juncá 2005, p. 174.

⁴⁸ Quando fala ficha corrida ela se refere a uma certidão negativa que muitas empresas pedem que o trabalhador tire junto a polícia civil para verificarem se não há ocorrência policial, onde o trabalhador seja réu.

de férias. Acho que ia ser legal poder assinar a carteira” (23/11/2005). A maioria refere-se à carteira assinada como o documento de identidade que lhe daria a identidade necessária para habitar esse mundo.

Essa experiência chamada “Ecos do Verde” retirou do anonimato os trabalhadores ora associados, dando-lhes um lugar, ajudando-os a construir uma nova identidade, ou a fortalecer a que estava fraca. Se inicialmente lhes interessava o emprego, hoje lhes interessa manter e continuar a construção da associação. É um projeto de trabalho coletivo que está sendo construído a cada dia, com o de cada um e de todos.

Convém frisar que empreendimentos desse tipo não devem apresentar-se como proposta de transformação social. Contudo, sua tarefa é necessária e fundamental para que esses trabalhadores possam sobreviver nesta sociedade. Além disso, oportunizam para trabalhadores desprovidos de formação técnica, política e social a aquisição de novas aprendizagens ou o fortalecimento das já existentes. O entrevistado M. E. aponta para isso, expressamente: “Desde que estou aqui na associação, já participei de vários cursos. Desde como a gente se apresenta em público até como se organiza em uma associação” (09/11/2005). Para o entrevistado C. S.:

o mais difícil foi aprender a separar os diferentes materiais para a reciclagem. Agora parece tão fácil. Garanto que, até a senhora, de tanto vir aqui e olhar, já aprendeu um pouquinho (*risos*). Eu fiz também, outros cursos. Já participei em Porto Alegre de cursos. Tudo ajuda a gente a trabalhar melhor, até as nossas conversas, (*referindo-se as entrevistas que realizo com eles*), sempre se aprende alguma coisa (09/11/2005).

Apesar das perspectivas de mudanças sociais acerca das relações de trabalho, o trabalho ainda é fundante para a vida dos sujeitos trabalhadores, mesmo para aqueles que nunca chegaram a um posto de trabalho formal. O fato é que o trabalho é um dos “nós” que amarram as costuras/estruturas da vida do sujeito.

O trabalho inclui tanto a sua sobrevivência física quanto a emocional e afetiva. A partir deste viés, podemos pensar três costuras fundamentais:

- O trabalho como sustentação/ancoragem econômico-pessoal e também de colaboração ou sustentação do seu grupo de convivência;
- O trabalho como sustentação/ancoragem social e como contribuinte fundamental para a formação da identidade pessoal e coletiva;
- O trabalho como sustentação/ancoragem psíquica.

Antunes (1995, p.123), citando Luckács, coloca o trabalho como “momento fundante da realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem”. Para Dejours (2000, p. 34-35) o “trabalho se inscreve na dinâmica da realização do eu”⁴⁹. A partir dessas colocações, pode-se pensar que o trabalho condensa a realização tanto do próprio sujeito quanto dele nas relações com os outros. Estando esse sujeito se construindo e encontrando sentido através das relações de trabalho com e na relação com outros, posso supor que o trabalho coletivo na Ecos do Verde vem ao encontro do conjunto de significações que o sujeito humano necessita para viver com satisfação o seu dia-a-dia.

2.4 O DESEMPREGO COMO MUTILADOR DE RELAÇÕES

Na sociedade capitalista, o emprego/desemprego é um dos definidores fundamentais da significação social dos seres humanos. Através do emprego, o trabalhador garante (ou deveria poder garantir) o acesso aos bens, serviços e relações que necessita para sua sobrevivência.

⁴⁹ “O trabalho continua sendo uma referência não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente dominante. A vida social não funciona só com trabalho [...] e é sempre bom ter várias cordas no arco: lazeres, cultura, participação em outras atividades valorizadoras...[...] porém o que permite esticar o arco e fazer partirem as flechas em várias direções é uma força extraída do trabalho” (Castel, 1998, p.578).

Para falarmos do desemprego, parece oportuno a diferenciação entre “emprego” e “trabalho”, bem como, o que significa “ocupação”. Segundo Paul Singer (2000), esses três termos não significam a mesma coisa, embora tenham pontos comuns. E essa diferenciação é importante na medida em que este estudo trabalha com a idéia de que a sociedade em que vivemos estrutura e organiza a vida dos trabalhadores (empregados ou não), tendo como referencial o trabalho.

O que é trabalho e seu significado já foi colocado no ponto anterior, através de autores como Hanna Arendt, 1997; Marx, 2000; Guareschi e Grisci, 1993. Contudo, convém lembrar que o trabalho tem seu referencial básico na ação humana que transforma a natureza. Essa transformação é realizada a partir da aprendizagem, reflexão e planejamento.

Emprego, para Singer (2000, p. 12), “implica assalariamento - uma relação de emprego só existe quando alguém, em geral uma firma, dá emprego para alguém”. Segundo o próprio autor, esse “dar” é um engodo, visto que nada é “dado”, mas é realizado um contrato de compra e venda. Ele enfatiza que o “emprego resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado”.

Já o significado de “ocupação”, ainda segundo Singer, é “toda a atividade que proporciona sustento a quem a exerce”. Dessa forma, o emprego assalariado é apenas um dos tipos de ocupações que os seres humanos exercem. O que aproxima essas três palavras é que todas trazem em seu bojo a ação humana. É a ação de realizar a atividade que possibilitará o trabalhador a desenvolver o trabalho, executar as tarefas do seu emprego ou de sua ocupação.

Assim, os sujeitos privados da propriedade dos meios de produção são obrigados a vender a única mercadoria de que dispõem: sua força de trabalho. O valor da força de trabalho corresponde ao valor dos meios de subsistência que devem satisfazer as necessidades humanas da família do trabalhador (alimentação, habitação, educação, saúde, lazer, prazer, etc.).

Como o capital requer cada vez menos trabalhadores na produção de mercadorias, o aproveitamento da força de trabalho é reduzido drasticamente, o que ocasiona um aumento do contingente de trabalhadores supérfluos. Isso tem sido denominado por alguns autores, como Antunes (1999:200), de desemprego estrutural:

A força humana de trabalho é descartada com a mesma tranqüilidade com que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma massa enorme de trabalhadores e trabalhadoras que já são parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército industrial de reserva que se expande em toda parte. Essa tendência tem se acentuado, em função da vigência do caráter destrutivo da lógica do capital, muito mais visível nesses 20, 30 anos.

Para os sujeitos humanos, o trabalho é tido como uma das relações sociais, responsáveis pela construção da identidade e pelo ordenamento dos vínculos sociais. E, sendo o homem/mulher, um ser que se estrutura nas relações sociais, os “outros” dessa relação/relações são imprescindíveis para que o sujeito possa dar continuidade aos seus projetos de vida. Projetos estes que interdependem das relações grupais. Dessa forma, negar o acesso a uma das mais importantes formas de interação social, que é o trabalho, dificulta para esses sujeitos, o acesso a sua rede de relacionamentos.

O desemprego acontece quando um trabalhador não está inserido no mercado formal de trabalho nem realiza atividades ligadas à dinâmica do trabalho, que possa dar conta de suas necessidades e expectativas como sujeito desejante. Numa linguagem marxista, é quando o trabalhador não encontra para quem vender sua força de trabalho e passa a viver à margem da produção social das mercadorias.

Robert Castel (2003), Paul Singer (2000), ao falarem de precarização do trabalho, colocam que na contemporaneidade, os postos de trabalho fixos, ou duradouros quase não existem mais. Em muitos setores, não há perspectiva de novas vagas nem de ocupação de todo o tempo do trabalhador. Mudou a forma de contratação e de efetuação desse contrato: muitos postos são temporários, outros necessitam de poucas horas de trabalho para sua execução. Outros são voláteis, circulam pelo mundo, onde houver melhor oferta para o capital. Outros ainda, simplesmente deixaram de existir. Há muita incerteza quanto à

continuidade do trabalho em várias atividades hoje desenvolvidas. Isso leva a um estado de medo, ansiedade, temores. É como se todos, num período próximo, poderiam perder seus empregos.

Segundo Viviane Forrester (1997, p. 64), vive-se uma situação de horror, uma vez que “o desemprego invade hoje todos os níveis de todas as classes sociais, acarretando miséria, insegurança”. Castel (2004, p.250) chama isso de “efeito bumerangue”, destacando que “a precarização do trabalho permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e desafiliação”. “Desafiliação”, para ele, significa não pertencer a nenhum grupo social, sendo que o trabalhador poderá perder sua noção de identidade, de pertencimento. Essa desafiliação está intimamente ligada ao que ele chama de “supérfluos para a sociedade”, visto não existir emprego/lugar social para os sujeitos a quem cabe esse predicado ⁵⁰.

Como o ser humano interdepende dos outros, o desemprego constitui uma das formas mais violentas de desumanização, encarceramento e isolamento da pessoa. José de Souza Martins (1997, p. 32), enfatiza que “o capitalismo na verdade desenraiza e brutaliza a todos. [...] todos nós, em vários momentos de nossa vida e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos”.

A falta de trabalho (remunerado e reconhecido) causa desestruturação dos laços sociais do sujeito, acompanhada de desestruturação social e psíquica. O tempo de desemprego acaba fazendo com que o sujeito não se reconheça em sua identidade. E então, pergunta a si mesmo: como olhar para seu espelho e ver o trabalhador que fazia planos, pensava projetos, que tinha reconhecimento diante dos outros, se o que a imagem me mostra é alguém que

⁵⁰ CASTEL diz que os “trabalhadores sem trabalho ocupam um lugar de inúteis para o mundo” (1998, p. 496). FORRESTER também trabalha com essa idéia: “Uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda e detém o poder” (1997, 27).

está derrotado pela anulação que o desemprego me impõe? ⁵¹ Robert Castel diz que o trabalho é

suporte privilegiado de inscrição na estrutura social. [...] que existe uma forte correlação entre o lugar ocupado na divisão social do trabalho e a participação nas redes de sociabilidade e nos sistemas de proteção que 'cobrem' o indivíduo diante dos acasos da existência (2003, p. 24).

O desemprego acarreta graves conseqüências à saúde dos sujeitos e está associado à ocorrência de distúrbios psicológicos e à baixa na auto-estima, assim como tem uma relação com a emergência e o agravamento de problemas sociais, como o aumento da criminalidade e ruptura dos laços sociais.

2.5 PRECARIZAÇÃO DOS VÍNCULOS: OS LAÇOS SE DESENLAÇAM

O trabalho é uma das formas de que o ser humano dispõe para estar vinculado a um ou mais grupos e o desemprego poderá criar impedimentos para o cultivo de tais vínculos.

Para falar da fragilidade e até mesmo do rompimento de tais elos, gostaria de usar uma metáfora. Proponho imaginar o tecer de uma malha de tricô ⁵². São pontos e laçadas que vão sendo realizados com linhas e agulhas, a partir do conhecimento de quem realiza o trabalho, tendo como finalidade a confecção de uma peça de vestuário. Uma vez terminada a tarefa e estando a malha pronta, alguém irá usá-la. Suponhamos que numa das vezes em que usou a malha, a pessoa tenha arreventado um dos fios de linha que se entrelaçam. A partir disso, podemos pensar duas possibilidades: a pessoa

⁵¹ REBÉRIOUX (apud: Dejours, 2000, p. 43). "O trabalho continua sendo o único mediador da realização do ego no campo social, e não se vê atualmente nenhum candidato capaz de substituí-lo".

⁵² Na linguagem de fabricação de vestuário, "tecer uma malha" refere-se a fabricar (manual ou mecanizada) uma peça de vestuário, sendo que na maioria dos casos trata-se de uma blusa.

consertou a malha, amarrando novamente a linha. Nesta opção, é possível que fique uma pequena marca. Talvez até se note. Cria uma cicatriz. Contudo, será possível usá-la, pois ela continuará com as linhas entrelaçadas. A outra possibilidade é de que a pessoa não consertou a linha que arrebentou e a malha foi se desenlaçando, soltando os pontos de amarração. Dessa forma, mesmo que a malha não tenha se desfeito totalmente, perdeu as suas características, perdeu sua identidade ⁵³. E quanto mais for usada, sem fazer as amarrações necessárias, mais descaracterizada e desqualificada se tornará. Algo que tem como característica ou estrutura constitutiva enlaces e amarrações nas laçadas de linhas, não sobreviverá, perderá seu sentido de existir. Não será mais uma malha, não aquecerá, não revestirá o corpo nu. Serão apenas linhas soltas e laçadas desconexas.

A partir desta metáfora, podemos pensar o trabalhador desempregado. Se o trabalho é um ponto fundamental de amarração de sua estrutura, arrebentada essa possibilidade e sem condições de refazer os enlaces e as amarrações, o sujeito trabalhador, de certa forma, também se rompe. Wickert diz que a “vivência de desemprego acarreta um rompimento dos traços identificatórios e estruturantes da identidade do trabalhador que, quando não substituídos por outras formas de exercício da subjetividade, traduz-se em sofrimento psíquico” (1999, p.70).

Chauí, Marx e Lafargue consideravam que o trabalho, em si mesmo, é uma das dimensões da vida humana que revela nossa humanidade, pois é por ele que dominamos as forças da natureza, é por ele que satisfazemos nossas necessidades vitais básicas e é nele que exteriorizamos nossa capacidade inventiva e criadora (1999, p. 33).

Através do trabalho, o homem se constrói na inter-relação com os outros. Esses relacionamentos fundamentam a vivência e as perspectivas futuras. Ajudam a construir o sentido da vida. Quando o sujeito é impedido de trabalhar, é impedido também de pertencer a um determinado grupo social. Além disso,

⁵³MELUCCI diz que “Podemos falar de identidade a propósito de um indivíduo ou de um grupo. Porém em ambos os casos, referimo-nos a estas três características: continuidade do sujeito, independente das variações no tempo e das adaptações ao ambiente; delimitação desse sujeito em relação aos outros; e capacidade de reconhecer-se e ser reconhecido”(2004, p. 44).

dificulta-se a construção de outros vínculos, pois lhe falta o que a sociedade considera fundamental: ter e se manter através do trabalho de suas próprias mãos. Estar desempregado significa que uma das linhas (que teceram a malha de tricô) se rompeu e a malha começa a se desestruturar. Começa a perder pontos. Desfazem-se laçadas. Segundo Serge Paugam (2003, p. 39), “os indivíduos que passam pela experiência da ruptura conhecem um acúmulo de dificuldades: afastamento do mercado de trabalho, problemas de saúde, falta de moradia, perdas de contatos com a família, etc. ”.

Se o trabalho proporciona as relações entre as pessoas e a construção de um projeto que dê sentido à vida, o desemprego leva ao isolamento, à perda do projeto e do sentido da vida. Castel (2004, p.19) enfatiza que “desempregado de longa duração, perdeu seu emprego e se isolou na esfera doméstica. [...] Sua existência está de tal forma privada, que está privada também de qualquer sentido ou projeto”. Embora, inicialmente, o grupo dê sustentação ao sujeito desempregado, com o passar do tempo, acontece um afastamento tanto de parte do grupo de relações comunitárias e, às vezes, do grupo familiar, como de parte do desempregado. Com isso, os vínculos começam a enfraquecer e aumenta paulatinamente a dificuldade do sujeito em refazer-se. Paugam coloca que “o risco do enfraquecimento dos vínculos sociais é proporcional às dificuldades encontradas no mercado de trabalho” (2003, p. 73). Isto é mais difícil quando os trabalhadores que perderam o posto de trabalho interpretam esses acontecimentos como um fracasso profissional pessoal, sem que possam esconder a incompetência atribuída a si mesmos. Desse sentimento ao isolamento, é uma questão de tempo. Isolado por vontade própria, o sujeito perde os motivos e os sentidos do existir. De acordo com Melucci, “quando a relação estrutura a identidade, as falhas relacionais estão na base de sua desestruturação” (2004, p. 45).

Dessa forma, a fragilização ou enfraquecimento dos vínculos sociais, familiares e comunitários, que davam sustentação ao trabalhador, deixa esse

trabalhador solto, como as laçadas da malha de tricô ou como um barco à deriva
54. Para Paugam,

a desclassificação social é uma experiência humilhante, ela desestabiliza as relações com o outro, levando o indivíduo a fechar-se sobre si mesmo. Mesmo as relações no seio da comunidade familiar podem ser afetadas, pois é difícil para alguns admitir que não estejam à altura das pessoas que o cercam. [...] à desclassificação profissional soma-se uma desintegração familiar que aprofunda o sentimento de culpa” (2001, p. 74).

Além de dificultar as relações, pois obriga ao distanciamento social, expresso na diminuição da frequência em encontros sociais, gerado pela necessidade de redução nos gastos e pela impossibilidade de estar na dependência do grupo, a condição de estar desempregado faz emergir sentimentos como a falta de confiança, a perda da estima e o desespero diante das tentativas frustradas de reingresso no mercado de trabalho. Se o trabalhador não puder contar com um grupo que o acolha e ajude a se fortalecer, desenvolverá um sentimento de inutilidade diante do mundo. Segundo Paugam, essas pessoas “perderam o sentido de suas vidas” (1999, p. 51). Não ter sentido para a vida é não ter direção, não saber para onde ir ou não ter para onde ir. Neste caso, é grande a probabilidade do desempregado de isolar-se em um “canto” de sua casa. Pode-se pensar que esse isolamento/afastamento do convívio social é o último recurso antes da procura andarilha ⁵⁵. É também acentuada a possibilidade do desempregado tornar-se um andarilho, que anda infinitamente pelas estradas, pelas ruas, pelas praças. Castel (2003) refere-se aos andarilhos e vagabundos que são citados por autores que retratam a história do século XVII, como sujeitos que passaram por um “processo de desfiliação, alimentado na origem pela precariedade da relação com o trabalho e pela fragilidade das redes de sociabilidade” (p.128). A maioria dos sujeitos, rotulados dessa forma, eram “pobres coitados levados a tal situação pela miséria e pelo isolamento social, pela falta de trabalho e pela ausência de suportes relacionais”(p.139).

Com relação ao isolamento do desempregado, Paugam coloca que

⁵⁴ Ver Castel, 1998, p.24.

⁵⁵ Para Mario Corso, “os andarilhos estão na rua em busca de um sentido. A procura de algo ou alguém e a sua forma de procurar é andando” (2000:75)

com a perda do emprego, o operário não perde somente o seu salário, mas também seu *status* de trabalhador, a maneira como organiza o tempo e o espaço, a sociabilidade nos cafés, suas relações com os companheiros no fim do dia. Então ele se vê ameaçado de isolar-se no ambiente familiar, em sua casa. O recuo em direção às esferas das relações domésticas é uma forma de escapar do olhar dos outros. O medo e a culpa o obrigam a se esconder, a se refugiar entre as paredes de um espaço privado (2003, p.36).

O sujeito não anda só enquanto ele pertencer a um grupo, enquanto ele tiver braços que lhe abracem e laços que lhe enlacem.

3 – O SER HUMANO COMO SER DE PROJETO

“O homem é, antes de mais nada,
aquilo que se projeta num futuro”
(Sartre, 1984, p.6)

O ser humano, para tornar-se “alguém”, para construir-se como sujeito, precisa do olhar do “outro”. É esse olhar que o define. É esse outro, ou esses outros que irão dar forma, delinear um corpo, inscrever esse “ser” na cultura. Antes e fora dessa inscrição, o filhote humano é apenas um “amontoado de carne, ossos, nervos, sangue”. Segundo Esteban Levin (1997, 30), “é o outro que, ao inscrever uma letra, configura uma imagem do corpo e do movimento de um sujeito. Esta marca simbólica no corpo introduz um destino e institui um sujeito”. É preciso investir a criança de desejo, afeto, expectativas, projeto. Quando nasce, a criança é um projeto dos pais, do grupo de acolhimento, da comunidade. Recebe dos adultos - responsáveis pelo seu acolhimento, cuidado e crescimento - uma expectativa para o “futuro”. Uma espécie de projeto inicial⁵⁶. Assim entendido, o ser humano se constitui como sujeito na sua relação com o outro (GUARESCHI, 1999; CARRETEIRO, 2001; BOCK, 2002).

⁵⁶ Para Erikson, (apud POURTOIS & DESMET, 1999, p. 57) “O eu só se constitui no seio das interações sociais”.

Follmann contempla essa idéia ao construir seu conceito de identidade. Para ele, a identidade é constituída de quatro dimensões: projeto, motivos, práticas e o vivido. O conceito elaborado por ele, abarca o sentido de ser humano e de projeto de vida humana que este escrito trabalha:

identidade é o conjunto, em processo, de traços resultantes da interação entre os sujeitos, diferenciando-se e considerados diferentes uns dos outros ou assemelhando-se e considerados semelhantes uns dos outros, e carregando em si as trajetórias vividas por estes sujeitos, em nível individual e coletivo e na interação entre os dois, os motivos pelos quais eles são movidos (as suas maneiras de agir, a intensidade da adesão e o senso estratégico de que são portadores) em função de seus diferentes projetos, individuais e coletivos (2001, p.59).

O homem é um “ser de projeto” desde que nasce, pois depende dos cuidados de terceiros e é fruto de seus projetos, ao menos até poder dar conta de si mesmo. Contudo, esse “si mesmo” é sempre “com e para os outros”. Sartre assinala que “quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens” (1984, p.6).

Ao nascer um bebê, alguém pensa, projeta algo sobre ele. Diante disso, é possível ser constituída a articulação de um projeto de vida ou de morte, de criação ou construção, de abandono ou destruição. Isso faz parte do *script* inicial e é pensado por outros, pois o ser humano quando nasce, não está em condições de propor nada. No início, alguém “fala” por ele ⁵⁷. Sartre ressalta que o “outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo” (1984,p.16).

Embora, tanto o homem como os animais realizam determinadas atividades tendo em vista a sua sobrevivência, apenas o homem consegue realizar essas atividades de forma pensada, articulada, planejada e projetada. Para Follmann (2001, p. 56) o “ser humano é um ser de projeto”. Ele destaca que o projeto,

⁵⁷ Esteban Levin, 1997, p. 34-35.

dentro da experiência de fragmentação que é a experiência diária dos indivíduos em sociedade, nada mais é que a tentativa permanente de dar sentido e coerência à sua existência em interação com a complexidade plural que os envolve e atravessa.

Sartre também contribui para delinear a questão do projeto, neste estudo. Ele trabalha com a idéia do ser como alguém que se constitui a partir de projetos e que é o projeto/os projetos que irão direcionar o ser constantemente para o futuro. Para Sartre, (apud CARRETEIRO, 1989, p.88-89) o projeto está sempre sendo construído e a transcendência é constantemente reafirmada. Segundo ele, qualquer ato humano está inscrito num projeto, implícito ou explícito e é através do projeto/dos projetos que o ser humano organiza sua vida.

O projeto é como um “molde” daquilo que será costurado em vista do objetivo ou dos objetivos. Contudo, não é algo acabado. Há sempre uma margem de mudança que poderá ser da estrutura do projeto, do desejo, dos afetos ou da particularidade do próprio sujeito.

Ao iniciarem suas atividades como catadores na Ecos do Verde, oito dos nove entrevistados, colocaram que fazer parte da associação e ser catador de materiais recicláveis não era o projeto de vida que eles tinham se proposto. A idéia inicial era ficar na Ecos até conseguirem “coisa melhor”. Esses eram os projetos pessoais quando os associados constituíram o projeto coletivo. Segundo colocações dos entrevistados, algumas coisas contribuíram decisivamente para que eles assumissem a associação e o trabalho de catação: dificuldade de conseguir um outro trabalho, principalmente um emprego que oportunizasse a carteira assinada⁵⁸; necessidades econômicas urgentes (fome); falta de qualificação profissional; falta de experiência; discriminação social devido ao bairro em que moram.

A Ecos do Verde possibilitou aos seus associados a re-elaboração e construção de seus projetos pessoais. Embora três dos nove entrevistados ainda sonhem com outro emprego e com carteira assinada, é na Ecos do Verde

⁵⁸ Todos os trabalhadores entrevistados dizem que gostariam de possuir carteira assinada. Tal desejo é devido aos direitos trabalhistas que são oriundos desse vínculo. Além disso, acreditam que a carteira assinada é um documento que prova serem trabalhadores.

que seus projetos se realizam. Contudo, percebe-se que a sociedade salarial ainda é referência de trabalho e participação social.

Durante a escuta de alguns dos entrevistados da Ecos do Verde, percebi que a pobreza não possibilita projetos a longo prazo. A precariedade de suas condições de trabalho, somada às necessidades básicas urgentes, permite-lhes apenas pequenos projetos ou, como disse A. S., 19 anos, há quatro na Ecos do Verde, “nós pobre, só podemos sonhar pequeno. Não adianta sonhar o que as pernas não podem dar. A gente sonha em ter uma casinha, pagar as contas, comer e, quem sabe, comprar uma roupinha para os filhos da gente” (01/11/2005). Um outro entrevistado, C.S., 29 anos, casado, dois filhos, está há 8 anos na Ecos do Verde, deixa claro seus projetos, desde que chegou para fazer parte da associação:

Eu comecei loguinho depois da fundação. Vim por falta de trabalho. Desde pequeno queria ser motorista. Nunca tive chance de estudar. Aliás, chance eu tive, mas eu não gostava da escola. O que fazer lá? Bem, depois comecei a fazer bicos na construção civil. Aí, quando fiquei um rapaz, pensei que eu queria trabalhar de carteira assinada. Foi outro sonho que durou dois meses. Sabe, que até hoje só tive dois meses de carteira assinada? Quando vim parar aqui, pensei comigo mesmo: só até arrumar coisa melhor: carteira assinada, décimo terceiro, férias pagas, previdência, enfim ser um trabalhador de verdade. Mas, eu fui ficando. Era difícil realizar meu sonho, ou projeto como a senhora fala. Então resolvi que o meu projeto... *(risos)*. Viu, tenho facilidade para aprender a falar... *(risadas devido a utilização da linguagem da psicóloga)* então que o meu projeto foi ficar por aqui mesmo. E já faz oito anos. Durante esse tempo consegui comprar minha casinha. Até que é bem grande. E fiz vários cursos aqui mesmo (28/10/2005).

O entrevistado C. S. tem muita facilidade de comunicação e é bem humorado. Já participou de cargos na coordenação dos trabalhos na usina e também na diretoria da associação:

Eu sou uma pessoa simples, mas esperta. É só me ensinarem, que eu aprendo logo. Talvez por isso sempre participo dos cursos e dos encontros que interessam para nós. Já fui até em Porto Alegre, em uma visita aos catadores de lá. Olhando o jeito deles, acho que o nosso é bem melhor. Aqui, todos trabalham juntos. No final do mês nós dividimos tudo. Até as despesas *(risos)* a gente divide. Isso é que nos deixa satisfeito. Se um dia, alguém de nós não pode trabalhar com força porque está tendo algum problema, o companheiro ajuda e nós ficamos nas mesmas condições. Isso é pensar junto e fazer junto, não é (28/10/2005)?

A fala de G.L., 36 anos, separada, mãe de quatro filhos, oriunda do meio rural, e que veio para a cidade à procura de melhores condições de vida, traduz o quanto a Ecos possibilitou a re-organização de sua vida e lhe deu novas perspectivas:

Na colônia não deu mais para ficar. Meu pai alugava umas terrinhas. A gente plantava milho, feijão, mandioca, batata doce. Coisa para comer. E eram cinco filhos. Depois meus pais faleceram. Eu ainda era uma mocinha. As pessoas disseram para eu dar as crianças pequenas. Eu era a mais velha e tive pena de dar meus irmãos. Então vim para a cidade. Me juntei com o pai de meus filhos e trabalhei como doméstica para criar meus irmãos. Mas, o serviço de doméstica é brabo. A gente agüenta muitas coisas e ainda é explorada. Eu queria arrumar outra coisa, essa vida não servia para mim (17/10/2005).

Ao ser indagada sobre sua entrada na Ecos do Verde, G.L. falou o seguinte:

Eu fiquei sabendo por um vizinho que iam inscrever gente na cooperativa. Eu vim, me inscrevi e depois de cinco dias, eles me chamaram. Eu gostei de ficar aqui. As pessoas se ajudam. Quando falta alguma coisa, por exemplo, gás ou comida, a gente consegue um vale. Aliás, depois que eu comecei aqui, posso fazer compras no mercado com vale que a associação dá. Eles aceitam porque tem crédito. E se a associação tem crédito a gente também tem. Às vezes eu penso que trabalhar de carteira assinada talvez fosse melhor. Mas quando eu penso mesmo, aí eu vejo que não. Aqui nós temos nossa liberdade. E todos trabalham juntos. Todos têm que saber o que fazer, pois tudo é nosso. Agora o que eu quero para o ano que vem, é melhorar minha casa. Ela tá muito ruim. Falta um quarto. E chove dentro. Mas eu vou lutar e vou conseguir. Quando saio daqui, eu cato materiais, no fim de semana também. Durante o almoço, eu também cato no lixão. Tudo isso aumenta os ganhos da gente. Mas o meu projeto é ficar aqui. Está melhor que antes (17/10/2005).

Nas falas dos entrevistados está sempre presente um projeto de vida, um objetivo pelo qual o sujeito se propõe a continuar vivendo. As histórias que foram contadas, sejam vividas ou sonhadas, surgiram de muitas lutas. Poderíamos pensar que os catadores da Ecos do Verde são grandes guerreiros. Guerreiros contra a fome, a miséria, a falta de moradia, a falta de trabalho. Só mesmo a solidariedade de seus iguais, para fortalecer seus projetos! É preciso juntar os trapos, costurar os retalhos para cobrir a vida nua de condições sócio-econômicas. Linhas para as costuras, agulhas para os enlaces, retalhos para compor a colcha e muitas mãos que se abraçam: para os pobres, as relações entre eles é que lhes sustentam o corpo, os sonhos, a realidade, o trabalho, a comida, a casa. Para Fernandez (2003, p.33), o sujeito poderá ser pensado

como uma “síntese criativa de uma trama complexa de fios que vêm de dentro e de fora e que surgem da própria interação desses dois âmbitos”.

É desse “alinhar” o seu estar no mundo que o sujeito poderá articular a construção de sua vida e as conexões necessárias ao seu bem estar ⁵⁹. Segundo Carretero (2001, p. 91), “o sujeito é criador de projetos. [...] Participar de projetos, imaginá-los, sonhá-los, realizá-los, elaborá-los, destruí-los, abandoná-los, representa laborar na construção da civilização”. Do mesmo modo, Follmann (2001), sustenta:

uma identidade pode ser concebida como um processo resultante de uma construção social, de uma construção pessoal e de uma construção na interação do nível pessoal com o social, sendo assim, ao mesmo tempo, algo proposto socialmente e algo reivindicado pessoalmente... (...) Uma construção realizada tanto para outrem como para si mesmo, tendo por resultado sempre uma “costura”, de uma parte, entre o que é “herdado” e o que é “almejado” e, de outra parte, entre o que é “atribuído” e o que é “assumido” (2001, p. 59).

Os projetos dos seres humanos são construídos e vivenciados tanto no nível pessoal como no coletivo. E cada uma dessas dimensões vai possibilitar e fortalecer a outra. Há uma inter-relação e interdependência. O sujeito não deverá ser pensado apenas pelo viés histórico-social-cultural, sem levar em conta a sua construção psíquica, emocional e afetiva. Embora pensemos que, como ser grupal ele carrega as marcas do seu grupo de pertencimento, o qual está inserido num contexto social, existem traços que fazem parte de sua condição de ser “único” na relação com seu grupo de acolhimento. Um outro sujeito nesse mesmo grupo, é sempre um outro sujeito. Assim, existe algo que é exclusivo de um determinado alguém e que marcará seu estar no mundo de forma diferenciada dos outros. Melucci destaca que “a identidade define, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos” (2004, p.45).

Contudo, o projeto pessoal, no qual está implicada a identidade, só é possível à medida que o sujeito se relaciona com outros sujeitos e, ao mesmo tempo, se diferencia destes. O outro é como um espelho para o eu. O olhar do outro retribui para o eu a sua imagem, possibilitando-lhe construí-la, modificá-la,

⁵⁹ SARTRE (1984, 2002), MELUCCI (2004).

questioná-la. Este, porém, não pode deixar-se apreender pela imagem estática que este vê refletida. É imagem e não o eu próprio.

Segundo Follmann,

os indivíduos tornam-se sujeitos históricos na medida em que conseguem mobilizar a sua capacidade de conceber e produzir projetos, de avaliá-los e de engajarem-se neles ou afastarem-se deles. É na concepção de seus projetos pessoais de existência e no empenho de fazer as 'costuras' necessárias que os indivíduos tornam-se esses sujeitos. Isso não ocorre a não ser em interação com os projetos dos outros e com os projetos coletivos (2001, p. 55).

O pensamento sartreano trabalha com a idéia da mediação. Cada um é mediador e mediado. Assim, cada sujeito se sustenta a partir de um terceiro ⁶⁰. Isto de certa forma se aproxima do pensamento freudiano. Para Freud (1996), a relação entre a mãe e seu bebê é uma relação dual. O bebê não poderá constituir-se como um ser diferente da mãe, se não tiver um outro que corte esse olhar que é de completude. Um se espelha e se completa no olhar do outro. É preciso um terceiro, um mediador nessa relação para que os envolvidos possam ir para além da relação pessoal e se abrir para a cultura ⁶¹. Sartre (2002, p. 474-480) também argumenta nesse sentido: “no grupo as relações são ternárias e não binárias (eu-tu), pois entre o indivíduo e o grupo, há sempre um terceiro. [...] Todos os membros do grupo são terceiras pessoas”.

No projeto coletivo, a figura do mediador também é fundamental. Cada participante do grupo é um mediador nas relações entre seus pares. E o grupo é a mediação entre essas mediações (SARTRE, 2002, p. 473-474).

A Ecos do Verde é o coletivo que faz a mediação entre os diferentes projetos pessoais para que os seus associados possam caminhar em busca de um mesmo objetivo. Ao construírem um projeto de trabalho coletivo, os trabalhadores da Ecos do Verde têm a tarefa de costurar os projetos individuais ao projeto cooperativo/coletivo. Tal empreendimento não é simples e nem de fácil construção. É um pouco semelhante ao dilema dos porcos espinhos, de Schopenhauer: é necessário perceber a distância adequada dos porcos para que um não violente ou oprima o outro e, ao mesmo tempo, possam aquecer-se

⁶⁰ Ver SARTRE, 2002, p.474-478.

⁶¹ Ver LEVIN, 1998, p 35-80.

e não morrerem de frio. Follmann coloca que “o engajamento em projetos coletivos, [...] pode facilitar a realização dos projetos individuais” (2001, p. 56).

Para Carreiro (2001, p. 88),

o ser humano é essencialmente social, pois, como nos diz Freud, ele está sempre participando de grupos, coletivos, associações e instituições. Estes produzem ideais, desejos, sistema de valores e de normas que atravessam os sujeitos, e se transformam muitas vezes em projeto a serem alcançados.

O empreendimento desse grupo de trabalhadores que utilizam como matéria prima de seu trabalho objetos e/ou produtos que são jogados fora pela sociedade, fortalece-se justamente pelo fato de eles estarem conseguindo fazê-lo de forma coletiva, pelo fato de cada associado servir de sustentação, de apoio, de muleta para o outro. Os projetos que cada sujeito tem em relação a si mesmo, em relação ao seu grupo de convivência, em relação ao grupo de trabalho, em relação à sociedade, estão enlaçados entre si. O depoimento de um dos entrevistados associados sugere que o seu projeto pessoal é amparado pelo projeto coletivo. Associado há mais ou menos dois anos, L.M. tem 21 anos, casado, com um filho. Veio trabalhar na Ecos por não ter conseguido “achar” trabalho. Sua escolaridade é a 7ª série do 1º grau, e não tem nenhuma qualificação profissional. Muito alegre e receptivo nas entrevistas, ao ser perguntado se gostaria de participar da pesquisa, respondeu que “até é bom conversar com a psicóloga” (26/10/2005). Segundo ele, a maior dificuldade que encontrou quando chegou na Ecos foi “aprender a separar os materiais segundo critério de venda” (26/10/2005). Perguntado sobre seus planos, apresenta seu projeto para o mais breve possível: “meu sonho é ter uma casa minha. Gostaria de meu canto. Mas acho que só trabalhando aqui não vou conseguir. Tinha que pensar algo no grupo para que a gente possa adquirir uma casa” (31/10/2005). Perguntado se ele teria uma sugestão para o grupo, ele respondeu: “Cá entre nós, se a gente fez um grupo para trabalhar, não poderia fazer para morar? Existe uma cooperativa de moradia, não é? Mas, por enquanto vamos continuar sonhando, quem sabe um dia” (31/12/2005)! Juncá realizou uma pesquisa com catadores, por ocasião de seu doutorado em Saúde Pública, na qual ela destaca que “se no início o que definia a ida para o lixo era a questão da sobrevivência, agora alguns projetos de vida estavam sendo construídos” (2005, p. 182).

A precariedade das relações de trabalho e a falta de políticas habitacionais fazem com que os projetos desses trabalhadores sejam frágeis, com poucas expectativas, beirando a desistência. É preciso muita coragem para continuarem acreditando em uma vida digna, a partir do que a vida lhes está a oferecer. É como eles dizem: “é difícil, mas não podemos esmorecer”.

Os muitos “eus” que estão associados e que se tornaram esse “nós”, o qual não pode esmorecer, é o que lhes possibilita “continuar sonhando”. Esse “nós não podemos esmorecer” é a forma que encontraram para constituir seus projetos pessoais e coletivos. Mais do que isso: é a forma pela qual adquirem uma identidade que lhes dá o reconhecimento social. Tal reconhecimento por parte do “outro” permite que esses sujeitos possam continuar lutando. Ora, o catador que é reconhecido como alguém que faz parte da Ecos do Verde é um catador que tem referências, que tem vínculos, que tem projetos!

A Ecos do Verde possibilita essa construção: um projeto maior, um pano de fundo, construído com retalhos e fragmentos de projetos de todas aquelas e aqueles que constituem seu conjunto: é uma bela colcha de retalhos que tem o objetivo de construir um coletivo de trabalho e de relações de trabalho que visam ao bem estar de todos. Coletivo este, sempre em construção. Para Melucci (2001, p.69):

O processo de construção, manutenção, adaptação de uma identidade coletiva tem sempre dois ângulos: de um lado a complexidade interna de um ator, a pluralidade de orientações que o caracteriza; de outro, a sua relação com o ambiente (outros atores, oportunidades/vínculos).

A Ecos do Verde constitui-se um dos projetos fundamentais da vida de seus associados, já que vivemos em uma sociedade em que o trabalho é um dos pontos de apoio da estrutura na qual o sujeito se constitui. Lukács (apud ANTUNES 1997, p.123) considera o trabalho como “momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para humanização do ser social e o ‘motor decisivo do processo de humanização do homem’”.

3.1 O GRUPO COMO ANCORADOURO

O ser humano precisa de outros seres humanos não só para nascer, mas também para ter continuidade como vivente ⁶². Dessa forma, podemos entendê-lo como um ser essencialmente grupal. O grupo de acolhimento e de convivência é o que dá a sustentação para que um nascituro possa constituir-se como sujeito e ancorar seu projeto de vida.

Inicialmente, o grupo de acolhimento (família) é responsável pelos cuidados com o nascimento, saúde, higiene, etc. A seguir, as preocupações com o andar, com a fala, com as sociabilidades. Muitas vezes, o grupo de acolhimento recebe (e necessita) ajuda de outros grupos (parentes, vizinhos, comunidade) para dar conta dessas responsabilidades. Posteriormente, vêm as preocupações com as aprendizagens escolares. Nesse momento, ao grupo de acolhimento e também de outros já mencionados, acrescenta-se o grupo escolar. A escola é responsável pelas aprendizagens ditas “formais”, pela sociabilização social para além da comunidade, etc.

Todas as dimensões da vida humana estão implicadas na inter-relação com outros seres humanos. A vida humana só poderá ser humana quando vivenciada em grupo. E no decorrer da vida, existem vários e diferentes grupos de pertencimento e formadores de identidades. Para Marília Veronese (2004, p.96) “somos um eu, mas irremediavelmente ligados ao outro”. Compreendemos que o ser humano não poderá viver só e estará, desde a tenra idade, em companhia de outros. Trata-se de uma relação de reciprocidade, que é fundamental para a constituição do ser. A dimensão que o grupo tem na vida de um sujeito está contemplada em Sartre (2002, p.475), segundo o qual, o “grupo é mediação”. Mediação é interceder entre um e outro associado, entre um e outro projeto e criar as condições necessárias para se construir o projeto coletivo. Isso acontece numa dialética em que os projetos individuais podem

⁶² LEVIN, 1997, p.43, diz que “quando uma criança nasce, ainda não há sujeito [...]. O momento do parto não coincide com o advir de um sujeito”.

contribuir para a construção do projeto coletivo e este pode dar a sua contribuição e sustentação para os projetos pessoais. Sartre sustenta que um grupo irá constituir-se

a partir de uma necessidade ou perigo comum e define-se pelo objetivo comum que determina sua práxis comum; mas, a necessidade comum, a práxis comum, tampouco o objetivo comum, não poderão definir uma comunidade se esta não se fizer comunidade, experimentando como comum a necessidade individual e projetando-se na unificação interna de uma integração comum em direção a objetivos que ela produz como comuns (2002, p.452).

O pensamento sartreano trás um alerta sobre o cuidado que o grupo deve ter para impedir a serialização ⁶³. Para Sartre (2002, p. 361-364), a série é uma forma de organização que nega a reciprocidade. Os sujeitos estão reunidos em torno de algo que lhes é comum, contudo, é exterior a eles. Agindo como série, os sujeitos deixam de ser grupo. Para Enriquez (1994, p. 56), o que favorece o vínculo grupal, o que os diferencia enquanto grupo de um amontoado de pessoas é “a necessidade de um projeto comum”. [...] um grupo só se constitui em torno de uma ação a realizar, de um projeto ou de uma tarefa a cumprir”.

O grupo trabalha com a reciprocidade e a busca constante da totalização. Totalização é diferente de totalidade. Totalidade é algo acabado, e totalização é construção, é vir a ser. Dessa forma, podemos pensar o projeto coletivo da Ecos do Verde como um “vir a ser” constante, criando possibilidades de que os seus associados possam construir projetos pessoais, a partir dessa forma coletiva de trabalho. Guareschi assinala que “o que faz um grupo ser grupo são as relações que nele se estabelecem” (1999, p. 142).

Sendo a Ecos do Verde um grupo de trabalho coletivizado ⁶⁴, interessa a este estudo a idéia de Follmann (2001) a respeito da relação entre projeto e identidade. Ele argumenta que o projeto/projetos do sujeito é constituinte de sua identidade. Valendo-se dessa construção teórica, pode-se dizer que a Ecos do Verde fornece um suporte importante para o sujeito catador construir sua

⁶³ SARTRE utiliza o exemplo da fila do ônibus para apresentar sua idéia de serialidade (2002, p. 361-364).

⁶⁴ RIVIERE, Pichon (1998, p. 234) Grupo como o conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade.

identidade: ele deixa de ser “lixeiro” e passa a constituir-se como trabalhador, sendo, muitas vezes, referido como colaborador da reciclagem e/ou defensor da ecologia. Como escreve Dejours, o “reconhecimento do trabalho, ou mesmo da obra, pode ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade” (2000, p.34).

Usando a construção de identidade de Follmann (2001, p.59) podemos compreender a Ecos do Verde como um grupo que está em permanente construção de um projeto coletivo, que possibilita aos seus associados constituir também seus projetos pessoais. Essas articulações possibilitam que os sujeitos, tanto em sua condição pessoal quanto na condição coletiva, possam construir suas identidades. Neste caso, o que possibilitou às pessoas em questão constituírem a Ecos do Verde como projeto coletivo foi justamente a condição de obterem trabalho e renda a partir de um grupo de trabalho. Dessa forma, a Ecos do Verde possibilita a sustentação dos projetos pessoais e coletivos desse grupo.

Assim, a Ecos do Verde constitui uma identidade coletiva para os seus associados, a partir das experiências projetadas e/ou vividas por cada um e por todos, perpassadas pelos motivos e pelas ações que visem à concretização daquilo que é projetado. Isto tudo é processo em construção permanente ⁶⁵, onde o pessoal e o social interagem continuamente.

É possível dizer então que a Ecos do Verde se constitui em um grupo que ancora os projetos pessoais e fortalece a decisão de cada um em fazer parte do trabalho de catação. Esse projeto coletivo, que tem como objetivo gerar trabalho e renda para o grupo de associados através da catação e separação de materiais re- aproveitados oriundos da coleta seletiva, constitui-se em uma identidade coletiva aceita, respeitada e valorizada ⁶⁶. Melucci (2004, p.45) afirma que a construção da identidade do sujeito “depende do retorno de informações vindas dos outros”.

⁶⁵ Aproxima-se de SARTRE quando este refere-se ao grupo como totalização, sempre “um vir a ser” (2002, p. 450s).

⁶⁶ CASTEL, Robert, 1998, p. 415.

É válido destacar dentro deste capítulo o tipo de inserção que o trabalho de catação proporciona a um sujeito. Embora tenhamos discursos bem elaborados que enfatizam a importância do trabalho do catador, a maioria dos escritos, especialmente os oriundos de pesquisa de campo, demonstram a dor, a ansiedade, a discriminação, que sofrem esses trabalhadores ⁶⁷. Em muitos momentos, eles se confundem com os objetos que catam. Juncá (2005, p. 172) destaca que, para os catadores por ela pesquisados, era um ponto de honra

a possibilidade de se autodenominar 'trabalhadores', isso não significava dizer que assim também eram considerados. [...] No aterro e, em geral, nos bairros onde moravam, podiam se dizer trabalhadores. Todos se conheciam e pertenciam a um 'mundo de iguais'. Mas e fora dali?

Fora de seus grupos de pertencimento a resposta é outra. E quem fala é catador da Ecos do Verde, M. E., 32 anos, casado e que está na associação desde sua fundação:

As pessoas vêem a gente como lixeiro. Tratam-nos como lixo. Não querem saber do lixo. Querem que o poder público leve o lixo de frente de sua casa e não querem vê-lo nunca mais. Com nós é a mesma coisa. Não querem nos ver. Algumas pessoas quando sabem onde a gente trabalha, nos tratam diferente. Eu já estou aceitando melhor. Quando perguntam onde trabalho, eu digo que é na Ecos do Verde. Daí as pessoas perguntam: é no lixão? Não! Eu respondo. É na Usina (13/10/2005).

Segundo M. E., os trabalhadores da usina têm um certo temor diante do que as pessoas dizem, o que revela claramente uma preocupação com a sua identidade social. A maioria diz já estar acostumada, pois, além de trabalharem na Ecos, também realizam catação depois do trabalho e no final de semana. Porém, durante as entrevistas, ficou claro que ainda se incomodam: “as pessoas nos olham como se a gente tivesse uma doença braba, coisa ruim, contagiosa. Mas a senhora pode ver que o lixo não contagia ninguém, nós não ficamos doentes e nem a senhora que vem aqui” (13/10/1005).

Perguntado se essas situações acontecem quando eles vão buscar materiais em nome da Ecos, ele responde que não.

⁶⁷ Conferir DAIANE BARBOZA (2000); JUNCÁ, Denise (1996, 1997, 2000, 2005); GRIPPI, Sidney (2001); BEIRAS, Adriano (2004); GONÇALVES, Raquel (2005); CARMO, Maria (2005); CARREGAL, Lucia (1990); LEAL, Antonio (2005); STREB, Cleci Schalemburger (2001).

Olha, a maioria das vezes a gente busca em lugares que já têm consciência da importância do trabalho. Quando a gente chega e diz que é da Associação, eles nos tratam diferente. A gente entra dentro do estabelecimento, junta os materiais, às vezes pica, tudo bem certinho. Agora, se fosse um catador sozinho, desses que andam pelas ruas, aí eles iam colocar as coisas lá na rua e ainda dizer que não era para deixar sujeira. Não sei por que, mas que é diferente, é (13/10/2005)!

O catador sozinho fala em seu nome próprio. Como não há um reconhecimento público desse nome, não há uma resposta. O que não existe, está fora do cotidiano. Ele é apenas um catador. Assim seria se fosse um outro catador. É apenas um catador. Contudo, ao falar em nome da Ecos do Verde, o catador é um representante de muitos. Ao falar em nome de um coletivo, que foi sendo construído em interação com outros grupos sociais, que é visualizado e tem reconhecimento público, o catador é ouvido, olhado e valorizado. Ele fala em nome do grupo. Ele é o representante do grupo. Ele é um catador que representa outros. Ele é reconhecido não em seu nome próprio, mas em nome de todos os outros, em nome do coletivo ⁶⁸. A Ecos do Verde deu-lhes a condição de serem catadores sem sofrerem com a discriminação da pobreza e do lixo.

Os trabalhadores encontraram diferentes formas de driblar a discriminação que sentem devido ao trabalho que realizam. L.F. 28 anos, sexo feminino, também trabalha na associação desde o início e vê o trabalho na usina como outro qualquer. Contudo, acredita que as pessoas pensam mal a respeito do trabalho que eles realizam e, por isso, evita anunciar para todo o mundo onde trabalha. L.F., é muito cuidadosa consigo mesma. Veste roupas limpas e bonitas para ir trabalhar. Arruma bem o cabelo e, por vezes, pinta o rosto. Sem falar nas unhas, que estão sempre pintadas. Quando chega ao local de trabalho, troca suas roupas por outras simples e, ao sair, toma um banho e veste-se novamente. Durante o intervalo do almoço, reserva um tempo para ir catar no lixão público que fica ao lado da usina. Os caminhões de lixo úmido (e misturado com latinhas e *pett*) colocam o lixo em um espaço a céu aberto para ser posteriormente aterrado. Antes que as máquinas aterrem o lixo, alguns trabalhadores da usina recolhem os materiais re-adequáveis e vendem para a

⁶⁸ Sartre (2002), utiliza o conceito de série para referir-se a cada um, sem estar ligado a outros e de totalização para referir-se a cada um, por meio do qual todos se fazem presentes.

própria cooperativa, por 50% do valor que é pago aos catadores de rua. Essa redução do valor resultou de um acordo entre os associados, justificado pelo fato de eles estarem em um lugar privilegiado (mesmo recinto do aterro) e serem as únicas pessoas que podem transitar nesse lugar. Coloco esse episódio para situar a catação que a senhora L.F. realiza. Perguntada se ela também cata na rua, respondeu de forma enfática:

Não! Jamais catei ou cataria na rua. A gente é mal visto e é chamado de lixeiro. Aqui na usina não. A gente é reciclador. Somos um grupo de trabalhadores que fazem o mesmo trabalho e ninguém discrimina ninguém. Lá fora não, parece que a gente tem uma marca, que a gente está sujo (19/10/2005).

Essa fala demonstra o temor que os catadores sentem frente a uma ação que os discrimine. Os catadores sabem que a sociedade não os vê com “bons olhos”. Os olhares são de desprezo, desaprovação, rejeição. Eles não querem ser identificados como lixeiros. O lixo é algo que é jogado fora, desprezado, repudiado. Eles não querem a sua pessoa sendo colocada nessa situação. Assim, ao estar escondida, distante 10 km da cidade, sem que ninguém a veja, a catadora entrevistada realiza a catação. Contudo, não deseja ser vista nem reconhecida como catadora de rua. No grupo, ela se sente protegida e consegue relacionar-se melhor com seu trabalho.

Carreteiro (2003, p. 60) alerta que a invalidação e a depreciação, pelas quais passam os seres humanos que vivem em situação de pobreza, levam esses sujeitos a desenvolverem sentimentos de desvalorização e de diminuição e estas experiências não são compartilhadas. “Se, por um lado, as expressões desses sentimentos sofrem uma censura do próprio sujeito, por outro, a sociedade dispõe de poucos suportes para auxiliar a expressão dos mesmos”.

A fala da entrevistada L.F. demonstra que a Ecos do Verde tem dado sustentação ao projeto de vida desses catadores e, ao mesmo tempo, permite uma re-articulação da identidade. Tal possibilidade acontece a partir do trabalho e do projeto coletivo. Estar participando de uma associação diminui o sentimento de discriminação que o catador associado sente. É como se um encorajasse o outro. Um dá sustentação ao outro. Compreendemos que as pessoas possuem projetos pessoais e coletivos, e que uns e outros, e ao

mesmo tempo o grupo todo, servem de ancoragem recíproca. Isso só é possível a partir dos vínculos que se criam e se refazem, com e a partir dos grupos de pertencimento.

O projeto/projetos que um sujeito elabora e vivencia no decorrer de sua vida são os responsáveis pela constituição de sua identidade, e o trabalho contribui de maneira significativa na construção dessa identidade, principalmente quando este é realizado em grupo, possibilitando que o sujeito crie vínculos mais ou menos duradouros.

3.2 VÍNCULOS: AS COSTURAS NECESSÁRIAS

Os vínculos entre os seres humanos, entre estes e seu grupo/grupos e entre grupos, são os enlaces necessários para que seja possível construir a humanidade do sujeito. Quando se fala de humanidade, fala-se da condição do ser que nos é possibilitada pela cultura e construída no pessoal e no coletivo por cada vivente. Para Fernandez (2003, p.44), vínculo é a “estrutura relacional em que ocorre uma experiência emocional entre duas ou mais pessoas”. Os vínculos podem ser compreendidos como relações afetivas e sociais que os indivíduos mantêm entre si e com o outro/outros (PAUGAM, 2003). Esses vínculos são tecidos desde a construção do projeto de vida do bebê humano e seguem-se por toda a sua vida. Os vínculos são constituídos pelas inter-relações entre os sujeitos, ao mesmo tempo que eles são constitutivos desses sujeitos e de suas inter-relações. Guareschi (1999, p. 142) utiliza a nomenclatura “relação” para dizer que “o ser humano é um ser que se constrói e se constitui a partir dos milhões de relações que ele estabelece com todos os seres existentes”.

Vivemos várias relações e inter-relações em diferentes grupos (trabalho, família, comunidade, escola, amigos, grupo de esportes, de dança, grupo religioso, etc.). Em cada uma dessas participações e em cada momento histórico, somamos, acrescentamos, construímos, afastamos partes de nossa identidade. Cada vivência dessas contribui decisivamente para a identidade pessoal e a identidade do grupo de pertencimento⁶⁹.

Caso esses vínculos se fragilizem ou se rompam, o sujeito ficará à deriva. Os vínculos são as teias que vão sendo tecidas em torno das relações e dos objetos que fazem parte da vida do sujeito. São comparáveis às costuras dos retalhos entre si, para formar uma colcha de retalhos⁷⁰. Sem as costuras, não há colcha. Sem vínculos, não há relações. Sem relações, não há identidade. O rompimento de algumas costuras resultará em um “buraco”, em uma “des-costura” no conjunto. Dessa forma, a colcha de retalhos ficará comprometida. Haverá um “vazio” de sentido. Se isto acontecer também com o sujeito humano - um vazio de sentido - este sujeito encontrará muita dificuldade de restabelecer as suas redes sociais. Carreiro (2003, p. 60-62) contextualiza o sofrimento que decorre da fragilização e ruptura dos vínculos, procurando destacar a relação sofrimento-corpo:

Quando os suportes institucionais são muito fragilizados, o corpo aparece como o único bem que as pessoas sentem possuir. [...] O corpo se constitui suporte contra as violências. [...] A violência representa uma forma de linguagem e o corpo se apresenta como metáfora da subjetividade. [...] O corpo torna-se o capital derradeiro. [...] Sempre pronto para entrar em ação. Torna-se um corpo em estado de alerta.

Esses sofrimentos se realizam no corpo do sujeito e também nas relações familiares, comunitárias e sociais e as conseqüências são graves: fechamento em si mesmo, que poderá levar à depressão, alcoolismo, drogadição, delinqüência e violência, errância, separações, suicídio, etc. Para sair dessa condição é necessário muito esforço pessoal e grupal. É necessário um grupo que o/a acolha novamente e lhe dê ancoragem diante dessa falta de

⁶⁹ Para FERNANDEZ, 2003, p.4, Freud percebeu que a “história de cada homem inclui a história de seus grupos de pertença”.

⁷⁰ Metáfora usada na introdução deste escrito, a partir do conto Colcha de Retalhos, de Monteiro Lobato em sua obra “Urupês”.

confiança que impera no sujeito que perdeu suas vinculações ⁷¹. A propósito Paugan (2001, p. 72-75), faz um alerta enfático:

O risco de enfraquecimento dos vínculos sociais é proporcional às dificuldades encontradas no mercado de trabalho. [...] Quanto maior é a precariedade profissional, menor é a possibilidade do indivíduo auferir ajuda do seu meio social. [...] Como a desclassificação social é uma experiência humilhante, ela desestabiliza as relações com o outro, levando o indivíduo a fechar-se sobre si mesmo. Mesmo as relações no seio da comunidade familiar podem ser afetadas.

Na sociedade em que vivemos, uma das possibilidades de construir e/ou restabelecer os vínculos sociais é o mundo do trabalho.

Para Castel (1998, p.532),

Na sociedade industrial, sobretudo para as classes populares, o trabalho funciona como um “grande integrador” [...] Há a integração familiar. Há a integração escolar, a integração profissional, a integração social, política, cultural etc. Mas o trabalho é um indutor que atravessa esses campos, é um princípio, um paradigma, algo enfim que se encontra nas diversas integrações concernidas e que então torna-se possível a integração das integrações sem fazer desaparecerem as diferenças ou os conflitos.

As relações de trabalho e a situação econômica possibilitam ao trabalhador fazer parte de uma série de relações sociais e culturais. Não ter trabalho, limita a participação do trabalhador, seja pela questão financeira, seja pela redução nas relações interpessoais. O desemprego, a fragilização e a insegurança no trabalho levam os trabalhadores a desorganizarem suas vidas e, às vezes, perderem os vínculos familiares e comunitários. Como a sociedade é, ainda, uma sociedade salarial, está impregnado na cultura que todos devem trabalhar, e quem não o faz, considera-se majoritariamente que seja por preguiça ou por vagabundagem. A falta de postos de trabalho e a desqualificação profissional são colocadas como questões individuais, “não trabalha quem não quer”, diz-se. Porém, a precarização e a fragilização do trabalho deixam poucas chances ao sujeito que vive na pobreza. Ainda assim, os trabalhadores buscam, incessantemente, articulações que lhes possibilitem referências econômicas, sociais e culturais. E estas são ancoradas pelos grupos de pertencimento.

⁷¹ CARRETEIRO, 2003, p. 68, “é importante pensar na construção de espaços que restaurem o sentimento de confiança, onde os sujeitos não se sintam fazendo parte de uma massa de desqualificados, mas acolhidos em sua singularidade”.

A nossa identidade fica muito fragilizada e comprometida quando as teias que unem uns sujeitos a outros, seja por motivos pessoais ou coletivos, não têm condições de dar sustentação. As palavras de Melucci contribuem para esta reflexão:

As situações críticas são, por excelência, o momento em que nossa identidade e suas fragilidades são reveladas: quando somos submetidos a expectativas contraditórias, quando perdemos nossas identidades tradicionais, quando entramos em um novo sistema de normas. Esses conflitos são provas difíceis para nossa identidade e podem comprometê-la. [...] pode ocorrer uma ruptura, uma fragmentação do eu, ou a perda dos seus limites. [...] uma incapacidade de produzir e de manter uma definição de si mesmo dotada de certa estabilidade.

Tal concepção ajuda-nos a compreender em que medida o entrelaçamento de projetos pode fortalecer o sujeito, além de possibilitar um rearranjo em suas condições sócio-econômicas. A Ecos do Verde poderá contribuir decisivamente nessa elaboração ajudando na construção e reconstrução de algumas teias sociais:

- Os integrantes do grupo pesquisado, na sua maioria, foram desempregados. Assim, estiveram fora das relações e vínculos ligados ao trabalho, que, segundo Castel (1998), são fundamentais na sociedade em que vivemos;
- Constituíram-se enquanto grupo para terem acesso ao trabalho e às condições mínimas de sobrevivência;
- O projeto coletivo acolheu e entrelaçou-se nos projetos individuais, em vista de objetivos comuns;
- O grupo se trabalha incessantemente (SARTRE, 2002). Se re-constrói a cada dia para poder dar continuidade ao projeto Ecos do Verde, e para que esse projeto possa alimentar os projetos individuais⁷².

⁷² SARTRE, (2002, p.550) “O sentido do empreendimento particular – embora, como tal, seja bem-sucedido – encontra-se em sua utilização alhures por outros empreendimentos, por outros companheiros de equipe”.

Dessa forma, parece-me que, no caso da associação Ecos do Verde, há uma efetiva construção de vínculos sociais, mediada pelas relações de trabalho⁷³.

Retomemos agora a metáfora da colcha de retalhos, utilizada na Introdução. Essa metáfora auxilia na reflexão sobre a identidade de um sujeito. Para confeccionar uma colcha desse tipo, são necessários retalhos de tecidos que serviram para diferentes outras confecções. Alguns desses retalhos poderão estar guardados há muito tempo e outros, serem recentes. Quem costura a colcha, procura fazer com que cada retalho costurado combine com o seguinte. A colcha terá características próprias aliadas às combinações herdadas e aprendidas por quem a confecciona. A identidade do sujeito tem muitas semelhanças com a confecção de uma colcha de retalhos. Os retalhos são comparáveis com as várias experiências e vivências do sujeito. As linhas que costuram os retalhos entre si são os vínculos que dão a sustentação aos projetos pessoais. Projetos esses que, costurados com um mesmo objetivo, constituem um coletivo.

Os coletivos trazem em seu bojo um conjunto de intenções, de projetos, que estão no nível do ideal. É como um modelo que os grupos têm presente quando estão realizando suas atividades. Sartre (2002) chamou isso de “gênese ideal”. É importante reconhecer que, ao se compor um projeto de trabalho coletivo, já se têm um prospecto daquilo que se quer. O caminho já está delineado e o lugar para chegar, pré-definido. O projeto será concretizado a cada dia vivido. Coletivo que, no caso estudado, chama-se Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Santo Ângelo Ecos do Verde ou, simplesmente, Ecos do Verde, pois assim já é reconhecida!

⁷³ idem (1984, p.21), “A vida não tem sentido a priori. [...] é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido”.

4 – VIDAS E SIGNIFICADOS

A história de cada um
foi sendo tecida com a história de outros,
transformando retalhos em colcha.
A colcha de retalhos transformou-se em algo coletivo,
Mas está atravessada por cada pedaço singular de tecido,
que não perdeu suas características individuais.
Cada pedaço desses falará de um determinado sujeito,
de suas emoções,
de suas condições de obtenção do retalho que foi costurado:
coloridos, escuros, velhos, grossos, tristes, alegres, puídos...

Este é o momento de começar a terminar este escrito. Tarefa difícil, uma vez que as histórias de vida não têm fim. São um eterno recomeçar. Movimento constante tal qual a esteira ligada. O que dizer agora?

Trabalhadores sérios, olhos desconfiados e pouca conversa. Com sujeitos assim, comecei esta pesquisa. Aos poucos, porém, o relacionamento foi mudando. Foi possível construir uma boa relação entre pesquisadora e pesquisados. Se antes o meu trabalho era apenas de observação, quando foi findando, era de muito bate-papo, risos e brincadeiras.

Gostaria de destacar que o que eu encontrei nesse lugar, não foi só o lixo repudiado. Encontrei material reciclável que, outrora, fora lixo descartado.

Encontrei sujeitos catadores, trabalhadores organizados. Encontrei vidas vividas, amadas, sentidas. Vidas amargas, amigas. Vidas passadas, construídas. Vidas ressurgidas por detrás dos montes de materiais recicláveis, no circular das esteiras, nos jogos de futebol em pleno meio-dia. Havia vida também no chimarrão, na solidariedade do repartir a alimentação.

O trabalhador da Ecos do Verde é um catador de esperança, reciclador da miséria, transformador de lixo em vida. Penso que estes sujeitos são audaciosos e muito corajosos ao transformar um trabalho de catação em projeto de vida. Para alguns, eles são lixeiros, para outros, vagabundos. Para poucos, são agentes da ecologia. Para o catador, o catador é um trabalhador.

Ao observá-los durante suas atividades na usina de reciclagem, muitas coisas marcaram minha estada com eles. Em especial, a forma como eles se relacionam com os objetos que passam na esteira. É evidente que eles estão em torno da esteira para retirar os materiais, passíveis de serem re-utilizados. Mãos ágeis retiram o que será reciclado. Uma, duas, três, inúmeras vezes. É um movimento repetitivo e constante. Algumas vezes, a automação é interrompida diante de determinados objetos que passam por ali. Alguns objetos têm outra significação. Esse outro significado é pessoal, subjetivo: um esmalte, um carrinho, uma roupa. Um dia desses, veio pela esteira um pé de tamanco. Bonito... Salto alto. Inteiro. A cor vermelha fazia com que ele fosse notado e apreciado. Isso aconteceu no início da tarde. Duas horas mais tarde, lá estava o tamanco à espera de encontrar seu outro pé, seu outro, seu par. Estava à espera do “outro”.

O que poderíamos pensar a partir do tamanco solitário, sem seu par? Que o catador antes de se constituir em Ecos do Verde também estava sem par. Também havia ficado à espera. Poderíamos pensar que um sujeito que não encontra o seu “outro”, não poderá realizar seus projetos, construir sua identidade. É como o tamanco que ficou à espera de seu par e não pode cumprir sua função: proteger, criar possibilidades e fazer pés andar... Assim como um tamanco solitário, o catador M.E. expõe a sua condição: “Comecei na Associação porque não tinha outra coisa para fazer. Não tinha emprego e nem perspectiva de conseguir...” (09/11/2005).

E quando foi que o catador começou a construir sua identidade de trabalhador? Quando ele achou seu outro pé do tamanco, ou seja, quando ele se dispôs a começar a trabalhar em grupo e contribuí para constituir uma identidade coletiva suficientemente forte para respaldar seus projetos e identidade pessoal. E, se o catador ficou na Ecos do Verde, constituindo seu coletivo, é porque foi capaz de reciclar não somente o objeto descartado mas também o seu projeto pessoal. O catador M. E. (09/11/2005), como outros catadores, não veio para a Ecos com a finalidade de ficar:

Eu estava precisando de trabalho e fiz como todo mundo, comecei na associação. No início, era difícil. Mas o tempo foi passando e a gente foi ficando. Quem não tinha compromisso com família, foi embora. Quem tinha família para sustentar, foi ficando. Hoje já não trabalharia em outro lugar. Não iria me acostumar com um patrão. Aqui, o resultado do trabalho é nosso. A gente decide o que fazer com o dinheiro. O trabalho está bem, o que poderia ter uma melhorada era no local. A gente precisa de um galpão maior e fechar melhor aqui onde trabalhamos *(ele refere-se ao local onde estão as esteiras)*.

Aqueles que tinham a função de prover ou ajudar no provimento do grupo familiar, assumiram o projeto coletivo de trabalho com mais afinco. Embora eles não tivessem a intenção de ficar na associação, eles tinham um projeto familiar que precisava ser sustentado. Dessa forma, o projeto de provedor do grupo familiar, sustentou sua estada no projeto de trabalho coletivo e vice-versa. Esse é o entendimento de Follmann (2001, p. 65), quando ele coloca que o ser humano vive em permanente ato de “costurar no tempo e no espaço os seus projetos pessoais com os dos outros e com os projetos coletivos das mais diversas procedências e direções. A identidade é resultado dessa costura permanente”.

O que impulsiona os associados da Ecos do Verde nessa atividade de catação é a possibilidade de conseguir algo mais que um rendimento no final do mês. E quando os associados começam a envolver-se com o processo de funcionamento e articulação da associação, esse algo mais torna-se efetivo e os reanima. A propósito, Melucci (1989, p. 53) considera que os participantes de uma “ação coletiva não são motivados apenas pelo que chamaria de uma orientação ‘econômica’, calculando custos e benefícios da ação. Eles também estão buscando solidariedade e identidade”. Dessa forma, podemos dizer que a identidade da Ecos do Verde está sendo construída humana e solidariamente. E

quando os associados re-afirmam que ser catador na usina é um trabalho como outro qualquer, estão reafirmando não só a sua condição de trabalhador, mas de sujeito que se reconhece digno naquilo que faz. Trabalho esse que reúne as qualidades de outro trabalho: ganhar a vida, prover o sustento da família, ser reconhecido trabalhador.

A entrevistada L.F. coloca que “as pessoas acham que quem trabalha aqui é lixeiro. Aqui, é trabalho igual aos outros. Não tenho vergonha de trabalhar aqui. Não estou roubando e não estou prejudicando ninguém” (08/10/2005). Em vários momentos os entrevistados colocaram que as pessoas tornam-se diferentes em relação a eles ao saberem sua profissão e o local de trabalho. Mas eles estão convictos da dignidade de seu trabalho e reafirmam que são trabalhadores e não têm vergonha do que fazem. Eles afirmam sua identidade e defendem seu projeto de trabalho, uma vez que foi justamente nesse local de trabalho que os catadores construíram sua identidade.

Voltando à fala do entrevistado M.E., dois pontos merecem destaque. A primeira é que ele, na atualidade, não iria mais querer um patrão. Essa colocação diz que o associado da Ecos fez a experiência de trabalhar e decidir sobre o processo de seu trabalho. Ele adquiriu a condição de pensar e elaborar o seu processo de trabalho, tendo autonomia de decidir sobre ele; o segundo ponto é o fato de ele dizer que o resultado do trabalho não é expropriado, é de quem trabalha, de quem cata, separa e vende. Cabe ao próprio coletivo decidir sobre as condições de trabalho, de venda, de investimento. O processo de construção do coletivo Ecos do Verde tem possibilitado ao associado o aprendizado da cidadania. Aprendizado este que tem sido desenvolvido durante o processo de construção da associação, garantindo que nem o sujeito nem o produto de seu trabalho são alienados, como ocorre na empresa capitalista. Esse aprendizado tem servido de base para a construção pessoal e coletiva do ser cidadão. Ouvindo-os, percebe-se o quanto a maioria dos associados já avançou no aprendizado e no exercício da cidadania.

Este estudo, ao optar pela técnica de histórias de vida, selecionou algumas temáticas que possibilitaram limitar as entrevistas, para que o objetivo da pesquisa não se perdesse em meio às histórias contadas. A partir

da utilização dessa técnica de coleta de informações, convém apresentar algumas constatações.

Ao serem perguntados sobre o que os levou a participar da Ecos do Verde, oito (88%) dos entrevistados disseram que foram trabalhar na Ecos do Verde por estarem desempregados, e que, tão logo fosse possível, mudariam de emprego. Inicialmente, portanto, não tinham o interesse de continuar na catação. Pretendiam conseguir algo melhor. Atualmente, apenas três dizem ter interesse em achar outro trabalho. Pode-se supor que a experiência de trabalho coletivo vivenciada por esses sujeitos possibilitou-lhes uma re-avaliação de suas pretensões.

Dois temores aparecem no início da experiência: medo de não conseguirem trabalhar sem que alguém de fora lhes dissesse o que fazer e medo de serem chamados de lixeiros. Aceitaram fazer parte do projeto porque estavam precisando de trabalho e a proposta da associação acenou-lhes para tal possibilidade. M.E. expressa as experiências iniciais da seguinte forma:

No início a gente não apostou muito. A gente não conseguia ver de fato como que as coisas iriam acontecer. De outro, lado era difícil pensar as coisas pela gente. Parecia que precisava alguém dizer o que fazer. E quando a gente não sabia o que fazer, tinha que ir atrás. Não é fácil a gente ter que fazer. Acho que foi isso que fez muitos desistirem no início. Agora já faz dois anos que quase não existe desistência. E tem muita gente que quer vir trabalhar aqui (09/11/2005).

A entrevistada L.F. também fala de suas dificuldades iniciais:

No início, eu não agüentava o cheiro. Era muito ruim. Agora já me acostumei. Outra coisa que era difícil é que as pessoas acham que quem trabalha aqui é lixeiro. Aqui, é trabalho igual aos outros. Não tenho vergonha de trabalhar aqui. Não estou roubando e não estou prejudicando ninguém (08/10/2005).

Quando começaram a realizar as atividades, dia a dia foram construindo as formas de relacionamento entre eles e a forma de funcionamento da associação. Aprenderam, desde a separar os materiais adequadamente, até a gerenciar a parte administrativa. Acertaram, erraram e tiveram que suportar juntos os sucessos e os fracassos. Alguns desistiram logo. Outros continuaram e ainda estão aprendendo. Isso mostra que um projeto é construído de

experiências vividas, discutidas, refletidas e re-vividas. E os associados da Ecos do Verde, que conseguiram enfrentar a experiência do coletivo, repensaram e refizeram seus projetos.

Ao serem entrevistados sobre as suas origens, enfatizando a sua relação com o êxodo rural ou a urbanização, apenas um dos nove entrevistados disse ter vindo do meio rural. Os outros oito, nasceram e permanecem na cidade. Não conhecem o trabalho na terra e nem tem pretensão de trabalhar no meio rural. Um dos entrevistados de origem urbana fez uma experiência de trabalho como cuidador de cavalos em uma fazenda, tarefa essa que durou poucos meses.

Os trabalhadores da Ecos do Verde, na sua grande maioria, têm ou tiveram companheiro/a. Entre os entrevistados, dois estão sem companheiro/a e todos têm filhos/as. O grupo familiar dos entrevistados foi chamado por eles de “família”, no sentido de família nuclear (pai, mãe e filhos). M. E. (09/11/2005), falou que o “compromisso com família” (para sustentar) é um dos fatores que levou muitos dos associados a ficarem trabalhando na Ecos.

O que chamou a atenção é que, dos entrevistados, a maioria nunca teve uma profissão definida e, na data da entrevista nenhum apresentou tal condição. As mulheres foram, por algum período, empregadas domésticas ou diaristas, sem vínculo empregatício formal. E os homens tiveram, como atividade laboral, biscates na área da construção civil. Alguns mantiveram vínculo empregatício formal por alguns meses.

A unanimidade, nas entrevistas, foi de que a participação inicial na associação aconteceu devido ao desemprego. Ao mesmo tempo que essa realidade fala de uma sociedade em que o trabalho é estruturante da vida pessoal e social, fala também de que existem uma parcela da população que está fora desse mercado e que isso vem passando de geração para geração. Durante as entrevistas, foi afirmado que filhos adolescentes e jovens dos entrevistados não têm emprego fixo e vivem de biscates. G. L. tem filhos com idade entre 16 e 18 anos e não consegue trabalho com carteira assinada: “Meu filho tem 18 anos e está estudando de noite e de dia faz alguns biscates para ajudar em casa. Estou precisando reformar a casa e fazer mais um quarto. Com

o que ganho não dá. O guri também não consegue nada melhor” (08/11/2005). De acordo com Juncá (1996, p. 109), para uma grande parcela da população, o mercado de trabalho “parece apontar para o campo do provisório, do instável, que, entretanto, se repete a cada geração como uma herança familiar ou o cumprimento de uma pena da qual é difícil escapar”.

Como já foi colocado no capítulo III, a grande maioria dos entrevistados começou a participar da Ecos do Verde devido a sua condição de desempregados. Ao longo do tempo, eles foram constituindo um grupo de trabalho coletivo e foram criando uma relação diferente com a associação. Atualmente, dos nove entrevistados, apenas três mantêm uma expectativa de procurar outro trabalho. Contudo, não me pareceu que eles estivessem se empenhando para efetivar tal expectativa.

Na usina de reciclagem, apenas um dos entrevistados faz parte do grupo de fundação. Os outros entrevistados afirmaram que não encontraram dificuldades de se integrar ao grupo e foram unânimes em dizer que as relações de trabalho na usina são agradáveis e solidárias. Para L.M. a sua entrada na Ecos não foi difícil: “eu vim trabalhar aqui através de um primo que já trabalha na usina. Nunca tive nenhum problema, pois já conhecia vários colegas. Alguns moram no mesmo bairro. Os colegas são gente boa. Ajudam quem chega novato” (L.M., 21/10/2005). Os entrevistados A. S. e L. F. também partilham dessa opinião:

Eu já tinha trabalhado aqui. Depois saí e voltei. Nunca tive dificuldades. Todo mundo se ajuda. Outro dia eu não tinha gás em casa. Tinha acabado bem na hora de fazer a comida. Daí eu não tinha como trazer comida para o almoço. Alguns colegas deram um pouco de sua comida e eu almocei. Não me deixaram na mão (A. S., 08/11/2005).

A gente divide uma porção de coisas. Eu e outro colega catamos *pett* e latinha no lixão ali ao lado. Depois a gente vende e divide. Quando um não vai ao meio-dia para catar, o outro vai. Tem também uma colega que a gente divide o suco para o almoço (L.F., 07/11/2005).

Vários são os momentos em que o acolhimento e a solidariedade estão presentes. Durante as observações, percebi que, quando os catadores encontram na esteira algum objeto que não lhes serve, logo é repassado para quem poderá vir a fazer uso dele. Esse procedimento é realizado especialmente

pelas mulheres. Outro fato que achei conveniente relatar diz respeito à relação entre os associados da Ecos e os catadores que circulam pelas ruas. Durante uma conversa com os catadores da usina, referi que os catadores que circulam pelas ruas recolhem o lixo considerado “bom” (papel, *pett* e latinha), antes do caminhão coletor recolhê-lo e isto acaba ocasionando perdas para os catadores da usina. A resposta de dois associados da Ecos, em momentos diferentes, me surpreenderam: “a gente nem nota. Fazer o quê, não é? Eles também precisam trabalhar para viver. Nós ainda temos aqui e o nosso do mês está garantido” (A. T., 18/10/11). Esta relação com o “outro” mostra que os sujeitos catadores da usina reconhecem no “outro” catador, a sua humanidade, o seu direito à vida, o seu direito ao trabalho. É através do olhar do outro que o ser humano torna-se sujeito; assim, é no reconhecimento do outro que poderá ser reconhecido.

Para falar de solidariedade e das boas relações de trabalho, os catadores utilizam exemplos básicos de sobrevivência. É a partir das necessidades primárias que eles avaliam se, de fato, o outro é um bom colega. Os catadores contam suas histórias de solidariedade a partir da socialização da comida, bebida e trabalho. É na falta e na ajuda recebida que eles se fortalecem. Pode-se dizer que, para manterem-se de fato nesta sociedade, só com a solidariedade de seu grupo de pertencimento!

4.1 O DESCARTÁVEL NA CONTEMPORANEIDADE

O tempo da sociedade contemporânea pode ser caracterizado como o tempo do descartável. Nunca se produziu tanto lixo inorgânico como na atualidade. Se, de um lado, o descartável aparece como uma revolução em termos de tecnologia, conservação, higiene, facilidades de armazenamento e consumo, de outro, tem trazido sérias preocupações a respeito do que fazer com o que sobrou.

Essa superprodução de lixo é resultado de uma sociedade industrializada e de incentivo ao consumo. Os bens não têm durabilidade de uso e seu aproveitamento é medido pelo avanço tecnológico e as novidades do mercado. Mercado esse, sempre criando novas necessidades para que o consumo seja cada vez mais estimulado.

Durante muito tempo, esse material foi simplesmente descartado e jogado nos fundos do quintal, nos terrenos baldios, nos arredores da cidade, nos rios, nos mares, nos lixões clandestinos e nos lixões públicos. Além do que já está depositado destruindo o meio ambiente, ainda tem muito lixo para ficar por aí, uma vez que não existem programas abrangentes que direcionem a diminuição na produção do lixo não orgânico.

Segundo Eigenheer (apud JUNCÁ, 2005, p. 87), “é preciso consumir cada vez mais para viver e manter-se na vida moderna, ao mesmo tempo que se torna necessário evitar que o produto final desse consumo – o lixo – nos ameace”.

Atualmente, a responsabilidade pelo material que sobra, após o consumo, é do consumidor. O ideal seria que a empresa produtora já possuísse uma destinação para os resíduos sólidos antes de estes serem descartados. No entanto, o que acontece é o contrário: pesquisa-se o que fazer com o resíduo depois que ele já está acumulado. E o consumidor, não tendo o que fazer com as sobras do seu consumo, deposita no poder público a obrigação de dar um destino ao lixo. O poder público, na maioria das vezes, também não tem uma solução para esta situação.

Algumas empresas perceberam que poderiam obter ganhos daquilo que estava atrapalhando a sociedade e juntaram o útil ao agradável: de um lado, havia objetos que poderiam dar-lhes rendimentos e que estavam aí para serem simplesmente pegos; de outro lado, havia pessoas que estavam em situação de desemprego e de miséria e que poderiam ser aproveitadas para realizar a atividade de catar esse material, sem ter custos na contratação de pessoal. Entre esses dois grupos, tem os atravessadores, que realizam a compra e venda desses materiais.

Com exceção de grupos de trabalhadores organizados em cooperativas ou associações, com gestão própria, a maioria dos catadores são extremamente explorados. Além disso, nem as empresas recicladoras nem os atravessadores realizam investimento nessa área. Trabalham com máquinas precárias (isso, quando possuem), sem equipamentos de proteção ou cuidados com a saúde. Quanto mais precário e desorganizado o trabalho de catação, mais lucro as empresas obtêm. A atividade de catação, conforme ressalta Gonçalves (2005, p. 95), “é realizada à base de pura força de trabalho, remunerada a níveis baixíssimos e que transfere permanentemente para as atividades da rede capitalista organizada todo o seu valor financeiro”. Quanto aos catadores, a autora entende que eles se encontram “integrados à economia, ainda que pela via mais perversa de um trabalho informal socialmente não reconhecido”.

Embora o trabalho de catação não seja reconhecido, nem pela sociedade nem pelo poder público, os serviços prestados pelos catadores reduzem o impacto ambiental que o lixo causa, a exploração dos recursos naturais e, até mesmo, os custos dos valores pagos às empresas de recolhimento do lixo.

4.2 CRIANDO POSSIBILIDADES

A associação Ecos do Verde possibilitou a organização do trabalho com o lixo como fonte de renda, garantindo a sobrevivência dos catadores e familiares, bem como a sua integração social. Criou condições de vendas dos materiais com poder de negociação, mercê do volume de produtos, da infra-estrutura administrativa, do maquinário, do local coberto para o trabalho e armazenamento dos produtos. Além disso, constituiu-se numa referência em termos de valorização do catador e do cuidado com o meio ambiente na região das Missões. E o mais importante dessa caminhada foi o fortalecimento da identidade do catador.

Nas entrevistas, alguns associados da Ecos do Verde manifestaram interesses que, a meu ver, poderiam oportunamente ser convertidos em metas de ação por parte do coletivo:

- a) organizar uma cooperativa habitacional para a aquisição ou reforma de moradia;
- b) mediar o acesso ao atendimento de saúde que leve em conta as suas condições específicas de trabalho com o lixo;
- c) pleitear, junto ao poder público municipal, melhorias na infraestrutura do local de trabalho;
- d) adquirir e estimular o uso de equipamentos de segurança do trabalho;
- e) fortalecer o coletivo mediante a formação técnica e política contínua;

4.3 RESIGNIFICANDO O DESCARTADO

O sujeito que estava silenciado e oculto não se deu por vencido. Descartados do mercado formal de trabalho, empurrados para as margens da sociedade tecnológica, os catadores encontraram no lixo uma forma de recuperarem ou construir sua condição de trabalhador. Resignificando o lixo, resignificam seu projeto de vida. Fazem do lixo sua fonte de renda e, da catação, sua profissão. Ainda assim, encontram dificuldades de reconhecimento, por realizarem uma atividade que ainda é desprezada. A propósito, Juncá expressa muito bem essa questão:

Silenciados por tantos anos e reduzidos à condição de indivíduos marginais e perigosos, os catadores encontram no lixo um meio de

qualificar e reinventar seu cotidiano. O lixo deixou de ser apenas um resto ou uma sobra. Da mesma forma, os catadores buscaram enfrentar sua condição de sobrantes” (2005, p. 184-185).

A relação que a sociedade tem com seu lixo é de repúdio e temor, procurando afastar do convívio tudo aquilo que incomoda e amedronta. Como o catador revira o lixo à procura de materiais que possam ser re-aproveitados, ele é confundido com o lixo. Como o lixo representa o sujo, o que não presta, o contagioso, é envolvido nessas representações e, por força delas, sofre a discriminação social.

Muitas vezes, o temor está ligado ao fato de vivermos em uma sociedade que não dá garantias de permanência no emprego, podendo cada qual, a qualquer momento, tornar-se um desempregado. A re-absorção do trabalhador também está cada vez mais difícil e o catador representa a diabólica realidade de uma sociedade que descarta o que não tem mais valor, segundo os critérios do mercado. Numa sociedade em que as máquinas substituíram o ser humano em várias funções, não há estabilidade ou perspectiva de continuidade no emprego. Aliás, o desemprego é um dos maiores fantasmas que ronda os trabalhadores na atualidade. Dessa forma, ressalte-se que não é só o lixo que amedronta: a pobreza, o desemprego, a fome, a miséria e o não-reconhecimento também amedrontam. E o catador está exatamente neste cenário. Então, o catador amedronta. A sua condição de pobre, desempregado, sem eira-nem-beira, é que mete medo. Ou seja, o temor não está exatamente no catador, está dentro de quem olha e vê no sujeito que vive do lixo, um depositário de suas projeções catastróficas. O temor das pessoas é da possibilidade de estarem, um dia, no lugar do catador. Como a sociedade descarta qualquer um, quem poderá garantir que não será o próximo a ser descartado? Castel (1998, p. 569) é enfático ao afirmar que

Os excluídos são, na maioria das vezes, vulneráveis que estavam por um fio e que caíram. Mas também existe uma circulação entre essa zona de vulnerabilidade e a da integração, uma desestabilização dos estáveis, dos trabalhadores qualificados que se tornam precários, dos quadros bem considerados que podem ficar desempregados.

A situação de vulnerabilidade e precariedade nas relações de trabalho e nas relações sociais tem feito do ser humano um ser provisório, passível de ser descartado. E isso é estendido para toda a sociedade. Atualmente não são os

pobres que temem a pobreza, eles já fazem parte dela. Quem teme estar nesse lugar são aqueles trabalhadores que ainda estão vinculados a um trabalho formal.

Mas, apesar da cara feia, de nojo, de medo por parte dos outros, os catadores estão orgulhosos de seu trabalho. Vários entrevistados repetiram: “não tenho vergonha de estar aqui (*na usina*). Este é um trabalho como outro qualquer. [...] antigamente eu tinha vergonha. Agora não tenho mais”. Embora inseguros, estão aprendendo que sua profissão é digna e importante. Estão aprendendo também que o lixo só é lixo até que eles o transformem em fonte de trabalho. Segundo Achutti, “no lixo não encontraremos mais o fim da linha ou o fim da cadeia de consumo, encontraremos o fim do desperdício”. Poderíamos acrescentar que encontraremos o início da vida. Uma vida em construção, sujeitos em construção. Sujeitos que amam, sorriem, cantam, lutam, caminham, jogam, trabalham. Catador de sonhos, catadores de utopia, catadores de mundo novo. Afinal,

A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte [...]
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade. (TITÃS)

Antes do fim, é importante retomar que histórias vividas, contadas e anotadas, trazem sempre presente os momentos sócio-históricos em que foram vividos e os momentos sócio-históricos em que foram contadas. Além disso, o/a pesquisador/a também pincela com sua própria subjetividade as histórias dos pesquisados por ele/ela ouvidas e escritas. Contudo, não parece ser apropriado pensar em falta de fidelidade ao que foi vivido, contado ou anotado, uma vez que é profundamente humano que os afetos permeiem tais construções.

Assim, as histórias se entrelaçam: os associados que contam seus recortes, a pesquisadora que ouve e re-conta essas histórias e, ao mesmo tempo, vive esse escutar e contar, com chuva, sol e suor.

Contar histórias e recontá-las faz parte de nossa memória. Da memória do povo missioneiro. E, entre tantas, duas merecem destaque neste momento: o cuidado que os guaranis tinham com a natureza, justamente porque era dela que tiravam boa parte de seu sustento, e a forma de trabalho coletivo na propriedade comunal chamada *Tupanbaé*. Acredito ser importante que trabalhadores pobres e desfilados da ordem econômica vigente, tenham presente experiências inspiradoras de novas formas de vida, mais humana e solidária, possibilitando-lhes um olhar de esperança para seu futuro.

Embalada pela utopia do mundo novo e deixando o mito adentrar a minha alma, pensei que Sepé poderia vir de novo para fortalecer a luta dessa gente missioneira e que os pobres desta terra, organizados como na *Tupambaé* de outrora, possam plantar nas entranhas da terra a semente da solidariedade, da dignidade e da humanidade. Talvez não aconteça assim. Contudo, na reciclagem da Ecos do Verde encontrei guerreiras e guerreiros, que trabalham coletivamente em busca de melhores condições de vida para si e para todos os que fazem parte da associação.

Destaco que, ao propor tal pesquisa, a motivação da pesquisadora esteve impregnada por um certo romantismo ou, talvez, por uma utopia exagerada. No decorrer das visitas e das entrevistas, a pesquisadora foi tomada por uma certa ansiedade e decepção: não encontrou a nova sociedade. Encontrou apenas a sementinha que está sendo germinada. Ainda frágil. Mas tão humana!

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 4^a ed., São Paulo: Cortez, 1997.

_____, **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. 8.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAJOIT, Guy **O pensamento Sociológico em um mundo em mutação**. Estudos Leopoldenses. Série Ciências Humanas, vol. 35, nº 155, 1999.

BARBOZA, Daiani. “Cooperativismo, cidadania e a dialética da exclusão/inclusão”. **Psicologia & Sociedade**, 12 (1/2): 54-64; jan/dez. 2000.

BECKER, Howard. **Uma teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1977.

BEIRAS, Adriano e outros. O lixo como estratégia de sobrevivência: a psicologia nas organizações solidárias. **Revista Eletrônica de Extensão**, número 1, ano 2004. Obtido em: 23/10/2005, no site:

http://www.extensio.ufsc.br/20042/Direitos_Humanos_CFH_Maria_Chalfim.pdf
BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª ed., São Paulo: Saraiva, 2002.

BOSI, E. (1995) **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos Guaranis**. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 2ª ed., 1987.

CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARMO, Maria Escarlet, OLIVEIRA, José Antonio Puppim, MIQUELES, Carmem Pires. **A Semântica do Lixo, o Estímulo à Reciclagem e Ação Econômica**, disponível em: <http://integracao.fgvsp.br/ano7/01/administrando.htm>. Obtida em 06/10/2005.

CARREGAL, Lúcia Tereza Lessa. **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: NOVA-ISER-PÒLIS. 1990.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. "A doença como Projeto". In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2001, (87-95).

_____, História de Vida: da genealogia a um estudo. **PSICO**. Porto Alegre: PUCRS, v.34, n. 2, pp.281-295, jul/dez.2003.

_____, Sofrimento Sociais em Debate. **PSICOLOGIA**, USP, 14 (3), 5772, 2003.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTEL, Robert. **Desigualdade e a questão social**. 2.ed.rev. e ampliada. São Paulo: EDUC, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____, **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Fim do Milênio. Vol.3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

_____, **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. A sociedade em rede, vol. 1, 8ª ed., São Paulo: Paz e terra, 2005.

CECHIN, Antonio. **SÃO SEPÉ TIARAJU, "O FACHO DE LUZ" UTOPIA E PROFECIA**. Obtida em: 17/10/2005. Disponível em: http://www.unisinos.br/ihu/index.php?coming_from=noticias&dest=532.
CEMPRE. **Compromisso Empresarial para a Reciclagem**. www.cempre.org.br. Disponível em: 12/11/2005.

CHEUICHE, Alcy **Sepé Tiaraju**. 2ª ed., Porto Alegre: Sulina, 1978.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à Utilização da História de Vida e História Oral. IN: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica**. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

ENRIQUEZ, Eugène. **O vínculo Grupal**. In: Machado, Marília [et al.] (org.). Psicossociologia: análise social e intervenção. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FARAH, Marta Ferreira Santos, BARBOZA, Hélio Batista. **Experiência de Gestão Pública e Cidadania**. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª. Ed. revista e ampliada, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERNANDEZ, Waldemar José, SVARTMAN, Betty, FERNANDEZ, Beatriz Silverio (orgs). **Grupos e Configurações Vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREITAS, Délcio José Possebon de. **Um olhar sobre os aspectos históricos e geográficos de Santo Ângelo**. Santo Ângelo: EdiURI, 2005.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOLLMANN, José Ivo. O lugar sociológico do sujeito individual. **Estudos Leopoldenses**. Série Ciências Humanas, vol. 35, nº 155, 1999.

_____ Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais Unisinos**. Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: Unisinos, v.37, nº 158, p. 43-66, jan/jun, 2001.

FONSECA, Tânia Mara Galli, FRANCISCO, Deise Juliana. **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 1997.

FURLONG, S.J. Guillermo. **Misiones y Sus Pueblos de Guarnies**. Buenos Aires, 1962.

GAIGER, L. et al., A Economia Solidária no RS: viabilidade e perspectivas. **Cadernos CEDOPE**, UNISINOS, São Leopoldo, nº.15. Série Movimentos Sociais e Cultura, 15: 1999.

_____ **Significados e tendências da Economia Solidária.** Sindicalismo e Economia Solidária. Central Única dos trabalhadores - CUT, 1999a. pp. 29-42.

_____ **Economia popular solidária: uma conversa com Luiz Inácio Gaiger com o conselho de Escolas de Trabalhadores.** Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Educação. 2001.

_____(org.) **Sentidos e experiências da Economia Solidária no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GARCIA, Pedro Benjamim (org.) **Falas em torno do lixo.** Rio de Janeiro: ISER-NOVA. São Paulo: PÓLIS, 1990.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais.** São Paulo: Loyola, 1997.

GONÇALVES, Raquel de Souza. Catadores de Materiais Recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano XXVI, n.82, p.86-109, jul., 2005.

GRIPPI, Sidney. **Lixo, reciclagem e sua história: guia para as prefeituras brasileiras.** Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia da prática social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

_____ **& GRISCI, Carmem Lígia lochins, A fala do trabalhador.** Petrópolis: Vozes, 1993.

_____, Pressupostos Psicossociais da Exclusão: competitividade e culpabilização. In. SAWAIA, BADER. **As Artimanhas da Exclusão Social: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____, **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

IBGE, Google. Obtida em 13/out/2005.
http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticia_impressao.php?id_noticia=247

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. Ilhas de Exclusão: o cotidiano dos catadores de lixo de Campos. **Serviço Social e Sociedade.** Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XVII, nº. 52, dezembro de 1996.

_____, Assistidos e Assistentes: o feitiço da identidade atribuída. **Serviço Social e Sociedade.** Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XVIII, nº. 54, julho, 1997.

_____, Da cana para o lixo: um percurso de desfiliação. **Serviço Social e Sociedade**. Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XXI, nº. 63, julho, 2000.

_____, Trajetórias de sujeitos no lixo. **Serviço Social e Sociedade**. Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XXVI, nº. 84, novembro, 2005.

KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LANE, T. M. Lane, CODO, Wanderlei (orgs.) **Psicologia Social o homem em movimento**. 13 ed., São Paulo: Brasiliense, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17ªed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEAL, Antonio Cezar. e outros. **A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem**. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre19/11> Obtida em 27/10/2005

LEVIN, Esteban. **A infância em Cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LÉVY, André (org.). **Psicossociologia: Análise social e intervenção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. Obras Completas, 1ª série, vol. 1, São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

LOPES, José Rogério. Pobreza, subjetividade e cidadania. **Serviço Social e Sociedade**, Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XVIII, nº. 70, julho de 2002.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do Sujeito e Subjetividade. **Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Universidade de São Marcos, VII, nº 13, jan-jun, São Paulo: Unimarco, 2002.

KARL, Marx. **O capital**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARTINS, Clitia Helena Backx. **Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, sócio ambientais e políticas na perspectiva de empoderamento**. UFRGS, 2003. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 210p.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MEJÍA, Marco Raul, AWAD, Myriam. **Pedagogias y metodologias em educación popular**. Quito: Ediciones Fé y Alegria, 2001.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **O Jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MEZZANO, Alicia Corvalán. Lembranças Pessoais – Memórias Institucionais: Para uma metodologia de Questionamento Histórico-Institucional. In BUTELMAN, Ida. **Pensando as Instituições: teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Pós-modernidade: Uma reflexão sobre os espaços do sujeito, a errância e suas relações com o social. **PSICO**, Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUC-RS, Porto Alegre, v. 34, p.109-121, jan/jun. 2003.

NEUMANN, Eduardo. **O trabalho Guarani missioneiro no Rio da Prata Colonial 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NETO, Simões Lopes. **Lendas do Sul** (1ª ed. 1913). Porto Alegre: Globo, 1976.

NOVO, H. A. “A dimensão ético-afetiva das práticas sociais”. **Psicologia & Sociedade**; 10 (2): 95-104; jul/dez. 1998.

ORNELLAS, Manoelito de. Tiaraju: **O Santo Herói das Tabas**, 3ª ed., Porto Alegre: Alvorada, 1966.

POCHMAN, Marcio. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 1999.

POURTOIS, Jean-Pierre, DESMET, Huguette. **A educação pós-moderna**. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

PAUGAM, Serge. Fragilização e ruptura dos vínculos sociais. **Serviço Social e Sociedade**. Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XX, nº. 60, junho de 1999. p.41-59.

_____. O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais - uma dimensão essencial do processo de desqualificação Social. In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2001

_____. **A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e Cultura**. 1987, 39(3):272-286.

RELATÓRIO DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. **Impactos Sócio-ambientais da Implantação da Coleta Seletiva do Lixo no município de Santo Ângelo**. Bolsista: Aline Hoffmann Marx. Orientador: Carmem Regina Dorneles Nogueira. Fevereiro de 2003 à março de 2004. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Bolsa da FAPERGS.

RODRIGUES, José Carlos. **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: NOVA-ISER-PÒLIS, 1990.

RÊGO, Florita. **Pluralismo no povo e na literatura brasileira é a nossa realidade**. Obtida em 15/10/2005 Disponível em: http://www.focca.com.br/revista/scientia_una12.htm

RIBEIRO, Ximena Baráibar Ribero. Algunas vinculaciones entre los procesos de exclusión social y los cambios en el mundo del trabajo. **Serviço Social e Sociedade**. Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XXII, nº. 65, março de 2001, p.172-193.

RIVIÈRE, Enrique Pichon. **Teoria do Vínculo**. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O processo Grupal**. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIVERO, Nelson Eduardo. **Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações**. Santa Maria: ABRAPSO SUL, 2001.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A construção da viagem inversa – Ensaio sobre a investigação nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v. 3, nº. 3, p. 55-88, jan/jul, 1991.

SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Crítica da Razão Dialética: precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHROEDER, Lígia. **A problemática ambiental: o lixo como caminhos de mudança**. Santo Ângelo: URI, 1994.

SCHOLZE, Lia (org.) **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação, 2002.

SINGER, Paul. **Aprender Economia**. São Paulo: Editora Brasiliense.1990.

_____,(org.). **A economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____, **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**, 4ª ed., São Paulo: Contexto, 2000.

STREB, Cleci SchaleMBERGER. Pesquisadora sente preconceito na pele. **Jornal da Unicamp**, Campinas, maio de 2001, Ano XV, nº.162

http://unicamp.br/unicamp_hoje/ju/maio2001/unihoje_tema162pag02html.
Acesso em 09/09/2005.

TITTONI, Jaqueline; JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Pesquisa. In. **Psicologia Social Contemporânea**. 2ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TOMAZZI, Adair Jacinto. **Estudo Comparativo entre Catadores individuais e Cooperativa de Coletores de Materiais Recicláveis**. Santo Ângelo: URI. Monografia. (Especialização), Departamento de Ciências Biológicas. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. 2003. 45p. Trabalho não publicado.

TOURAINÉ, Alain, **O retorno do actor**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

_____, **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____, **Como sair do liberalismo**. SP: EDUSC, 1999.

_____, **Crítica da Modernidade**. 7ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002,

_____, **A busca de si: diálogo sobre o sujeito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

VASCONCELOS, Maria da Penha Costa, SABBAG, Sergio Nagib. O uso da técnica da entrevista viva em uma cooperativa de catadores de papel, na região de Sorocaba, SP. **Cadernos de Serviço Social**, Campinas: PUC nº. 24, p.27-40, janeiro/junho, 2004.

VERONESE, Marília Veríssimo. **A psicologia na transição paradigmática: um estudo sobre o trabalho na economia solidária**. Porto Alegre. PUCRS. 2004. Tese (doutorado). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, 226p.

WICKER, Luciana Fim. **O adoecer psíquico do desempregado**. *Psicologia Ciência e Profissão*, 1999, 19(1), p. 66-75.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**. Campinas: Papirus, 1999.

ZILBERMANN, Regina. Mito e Literatura Brasileira. In. FLORES, Moacir (org.) **Negros e Índios: Literatura e História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.